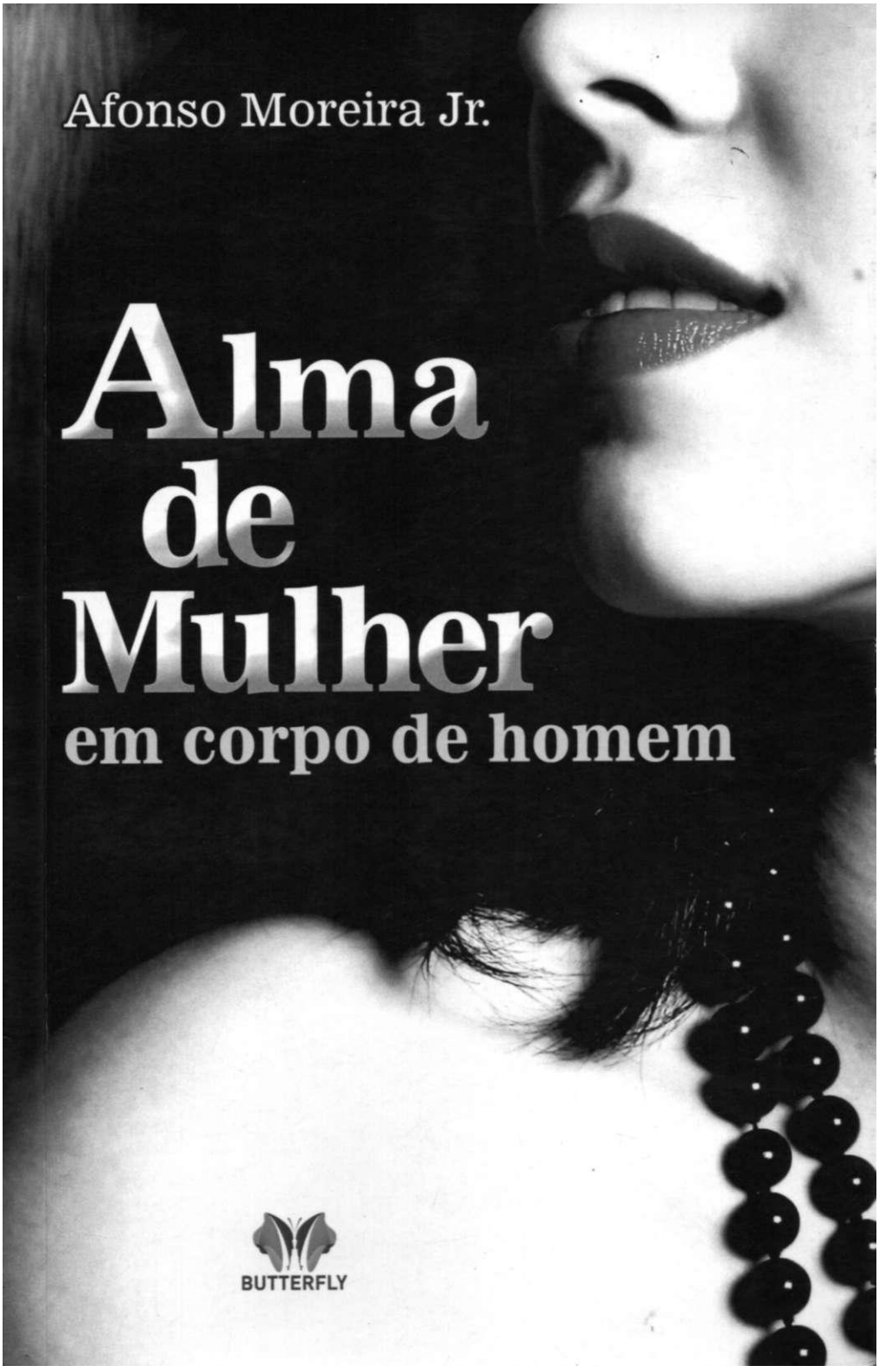

Afonso Moreira Jr.
Alma de Mulher
em corpo de homem
BUTTERFLY

(...)

– *Meu Deus! Isso vai além das minhas forças! Nunca, não posso! Sou uma mulher! Como viver num corpo de homem? É impossível!*

Ela se agitava, perdendo-se entre a paisagem iluminada por cores difusas, perfumada por flores das mais diversas espécies. Um rio caudaloso, límpido, exalava um frescor primaveril, que também se irradiava de águas represadas em lagos imensos. Ali, naquela dimensão, a natureza conspirava para a paz e a elevação da alma.

– *Por que tudo me convida a recordar? Se eu errei, também recebi a contrapartida do destino! Deixei a existência sem que ninguém lamentasse minha partida. Fui abandonada, esquecida, não ouvi uma palavra de consolo.*

Olhava fixamente para o horizonte, como se esperasse uma resposta. A brisa acariciava sua face contraída, que revelava a dor que abrigava no íntimo. Não compreendia o motivo de tal condenação – retornar à carne num corpo de homem. Será que havia cometido um crime tão grande que justificasse sentença tão cruel? Como era possível retornar ao mundo na condição antagônica à sua personalidade? Homem? Nunca!

(...)

Alma de mulher em corpo de homem

Copyright © Butterfly Editora Ltda. 2009

Direitos autorais reservados.
É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma
ou por qualquer meio, salvo com autorização da Editora.

(Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.)

Direção editorial: Flávio Machado
Coordenadora editorial: Erika Alonso
Capa e projeto gráfico: Ricardo Brito/Design do livro
Fotos da capa: Refat/Stock Xpert .com
Produtor gráfico: Vitor Alcalde L. Machado
Revisão: Bahy Siqueira Ahrão

Dados Internacionais de Catalogação na Puhlicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SR Brasil)

Moreira Junior, Afonso
Alma cie mulher em corpo de homem / Afonso Moreira Jr. ; —
São Paulo : Butterfly Edit ora, 2009.

ISBN 978-85-88477-86-5

1. Espiritismo 2. Reencarnação — Espiritismo I. Título.

09-06350 CDD: 133.901

Indice para catálogo sistemático:
1. Espiritismo : Doutrina espírita 133.901

Butterflv Editora
Rua Atuai, 389
Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 - São Paulo - SP
Fone: (Oxxll) 2684-9392
www. flyed .com. br | flyed@flyeJ.com.**Dr**

Impresso no Brasil, no outono de 2015 pela:
PSI7 - Printing Solution & Internet S.A.

5-4-15-200-11.400

Afonso Moreira Jr.

Alma de Mulher
em corpo de homem

BASEADO NO ROMANCE INESQUECÍVEL DO ESPÍRITO BALZAC,
PSICOGRAFADO PELO MÉDIUM WALDO VIEIRA,
CRISTO ESPERA POR TI.

BUTTERFLY® EDITORA
São Paulo – 2009



Ninguém transgride, impunemente, as leis de Deus;
ninguém foge das responsabilidades de seus atos.

Delphine de Girardin
PARIS, 1861

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 2. ed. São Paulo: Petit Editora, 1997.

Agradecimentos

Minha gratidão a Nilza de Oliveira Patrício, Maximiliano Haymann, Osmar Ramos Filho, Waldo Vieira e aos editores Carmen Llaguno e Flávio Machado.

Sumário

	Prefácio	13
1	Reencarnar num corpo de homem	17
2	Arquivo de sabedoria	19
3	Dois amigos	23
4	Momento de felicidade	25
5	Confissão	28
6	Susto	34
7	Reflexões	36
8	Descanse em paz	38
9	Diante da morte	40
10	Na rua	42
11	O perigo bate à porta	44
12	Perseguição	47
13	O Judas	49
14	Cinco anos depois	52
15	Sofrimento	57
16	O passado	61

17 Reunião 66
18 Consulta espiritual 70
19 Lição de caridade 73
20 O assassino 77
21 O perdão 79
22 Dupla obsessão 83
23 Infidelidade 86
24 O começo do fim 88
25 O fim de um amor 92
26 Nascimentos 99
27 Diante da morte 102
28 Órfã mais uma vez 107
29 Felicidade 111
30 Cobrança do passado 114
31 O desafio 117
32 Desespero de um pai 121
33 Assédio moral 124
34 Arrependimento 126
35 Mais dinheiro 129
36 Médiuns 133
37 Primeira reunião 135
38 A família Laranjeira 138
39 Considerações sobre livros 141
40 Explicações 142
41 Mensagens 145
42 Encontro de amor 147
43 As despedidas 149
44 Suspeita 151

45 Decepção 153
46 Ciúme 157
47 Os viajantes 159
48 Dias felizes 161
49 Espírito sofredor 163
50 Diário de amor 167
51 Ela voltou 169
52 A aparição 174
53 Sedução 177
54 Esperanças 181
55 Constrangimento 182
56 Comparações 184
57 A armadilha 189
58 Ameaças 191
59 No lar 195
60 Pensando nela 198
61 Virtude e sedução 200
62 De mal a pior 204
63 Desastres de amor 207
64 Paixão desenfreada 211
65 Saúde abalada 214
66 Vítima de si mesma 216
67 Coração partido 218
68 Dúvidas 220
69 Agonia 222
70 Visita da morte 224
71 Ação e reação 226
72 A volta do filho pródigo 228

73 A partida 230
74 Cristo ainda espera por você 232
75 Últimas revelações 234
Honoré de Balzac (1799-1850) 235
Waldo Vieira 239
Bibliografia 243

Prefácio

A literatura que tem por temática o Espiritismo é rica em obras que, além de elevar a moral e estimular o crescimento intelectual, servem de arrimo para enfrentar dificuldades que plantamos em nosso destino.

O romance é um dos gêneros literários que se afirmou como meio eficaz de divulgação espírita, aproximando milhares de pessoas dos benefícios que a espiritualidade oferece àqueles que se dispõem a cuidar do corpo e da alma por meio da *fluido-terapia* - a terapia espírita por excelência.

Não faltam nas bibliotecas e livrarias relatos empolgantes, inspirados ou ditados por espíritos benfeitores que, desejosos de alcançar os corações aflitos, se aproximam de médiuns receptivos a essa tarefa e deles se servem para escrever. Na espiritualidade e na Terra, o escritor se mantém fiel ao seu estilo. Cada um se manifesta de acordo com seus requisitos, e prossegue, por via mediúnica, o exercício do ofício no qual se afirmou na carne e que, agora, libertos dela, em condições de ampliar, têm plena a visão do espírito.

São inúmeros os exemplos de escritores que, de volta à pátria espiritual, rogaram à misericórdia de Deus que os permitisse continuar a escrever, colocando seu talento a serviço da reforma da humanidade.

Parnaso de Além-Túmulo (Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira) psicografado por Francisco Cândido Xavier, publicado em 1932 - obra na qual poetas da língua portuguesa, já residentes no mundo dos espíritos, escrevem, fiéis ao seu estilo, para comprovar que a morte não existe - é uma referência inquestionável.

Inúmeros outros exemplos se seguiram, de escritores e poetas do Além que se dispuseram a escrever por intermédio da mediunidade, merecedores de um estudo detalhado e profundo.

Dentre as obras que, particularmente, conquistaram nosso coração, uma se destaca em especial. *Cristo espera por ti* (Araras: Instituto de Difusão Espírita, IDE), do Espírito Balzac, recebida pelo médium Waldo Vieira - o qual, ao lado de Chico Xavier, demonstrou o valor de sua mediunidade, psicografando durante anos, entre outras obras, a coleção do Espírito André Luiz.

Cristo espera por ti foi analisado por Osmar Ramos Filho, reconhecido estudioso de Honoré de Balzac, no ensaio O *avesso de um Balzac contemporâneo* (São Paulo: Publicações Lachâtre), prefaciado por Hermínio Correia de Miranda. "É um romance complexo, perturbador, contraditório, que nos deixa ao mesmo tempo insatisfeitos e perplexos. Autêntico romance de Balzac", foi este o veredito de Osmar.

Nossa intenção, com a publicação de *Alma de mulher em corpo de homem,* com base no relato mediúnico de Balzac - cujo conteúdo doutrinário é riquíssimo - foi resgatar, para o grande público, a mensagem contida nessa inesquecível lição de espiritualidade.

Buscamos, antes de iniciá-la, a aprovação de Waldo Vieira, a quem procuramos e que nos recebeu cordialmente nas dependências do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (Ceaec), sediado em Foz do Iguaçu (PR), instituição sem fins lucrativos da qual é um dos fundadores. Sua gentil acolhida e o amável incentivo para que prosseguíssemos foi o impulso suficiente para que retornássemos a São Paulo dispostos a abraçar a tarefa.

Posteriormente, o resultado foi submetido à sua apreciação e também, por sua intercessão, passou pelo crivo de Osmar Ramos Filho, providência que muito nos honrou. A instrução que recebemos - identificar nosso modesto trabalho como *Alma de mulher em corpo de homem,* título do primeiro capítulo da obra psicografada por Waldo Vieira, diferenciando-a do original *Cristo espera por ti* - foi por nós observada e mantida a imprescindível referência que remete o leitor à inesquecível obra do Espírito Balzac.

Se, no relato que se segue - na produção do qual nos sentimos à vontade para dar-lhe o corpo de uma transposição para a atualidade, em linguagem simples e despojada de adereços literários - existe algum mérito, deve-se exclusivamente ao Espírito Balzac e ao seu medianeiro, Waldo Vieira, pois procuramos captar sua essência.

As imperfeições observadas, estas sim, são da lavra deste escritor, embuído da melhor das intenções, mas limitado por suas modestas possibilidades que ainda o impedem de alçar um voo mais alto.

A Balzac, nossa eterna admiração. Ao doutor Waldo Vieira, nossa gratidão por tudo que já foi capaz de fazer em prol do bem da humanidade.

Afonso Moreira Jr.
SÃO PAULO, JULHO DE 2009



Reencarnar num corpo de homem

-M*eu Deus! Isso vai além das minhas forças! Nunca, não posso! Sou uma mulher! Como viver num corpo de homem? É impossível!*

Ela se agitava, perdendo-se entre a paisagem iluminada por cores difusas, perfumada por flores das mais diversas espécies. Um rio caudaloso, límpido, exalava um frescor primaveril, que também se irradiava de águas represadas em lagos imensos. Ali, naquela dimensão, a natureza conspirava para a paz e a elevação da alma.

- Por que tudo me convida a recordar! Se eu errei, também recebi a contrapartida do destino! Deixei a existência sem que ninguém lamentasse minha partida. Fui abandonada, esquecida, não ouvi uma palavra de consolo.

Olhava fixamente para o horizonte, como se esperasse uma resposta. A brisa acariciava sua face contraída, que revelava a dor que abrigava no íntimo. Não compreendia o motivo de tal

condenação - retornar à carne num corpo de homem. Será que havia cometido um crime tão grande que justificasse sentença tão cruel? Como era possível retornar ao mundo na condição antagônica à sua personalidade? Homem? Nunca!

Quando parecia quedar-se na tristeza e quase entregar-se ao desânimo, a energia presente no ambiente refazia-lhe a alma sem que ela o sentisse. De imediato, recobrava as forças:

- Meu *Deus! Aqui fui convidada a relembrar o passado. Que as tuas bênçãos recaiam sobre aquele que aqui me conduziu. Mas piedade, Senhor! Um corpo de homem vai enclausurar minha alma! Eu não quero sofrer nessa prisão. Não posso aceitar tal destino! Piedade de mim, eu vos peço perdão dos meus erros, mas que a sentença seja revista, por misericórdia, não serei capaz de suportar tal desdita.*

Lágrimas se derramaram pelo rosto convulso. Seria capaz de vencer tão difícil provação? Atravessar uma existência aprisionada a um corpo que não daria vazão aos seus anseios, à sua feminilidade? O que pensariam dela? E ela mesma, como julgaria seu comportamento? Do que seria capaz? Imaginava que a revolta tomasse conta do seu ser e então cometesse crimes ainda maiores do que aqueles que já lhe pesavam à consciência.

- Meu *Deus!*

Seu grito se perdeu na imensidão do arvoredo, sufocado pelo gorjear de pássaros e pelo vento que acariciava a relva e revolvia a superfície das águas mansas e doces que banhavam a região.

Sentia-se condenada a retornar à carne prisioneira de um corpo que lhe sufocaria as maiores aspirações. A tempestade que se abatia sobre a alma contrastava com a paz em que reinava naquele ambiente celestial.



Arquivo de sabedoria

Entregando-se à piedosa manifestação da natureza, que a abraçava qual filha querida, retomou a serenidade. Foi então que viu, diante de si, um radioso espírito benfeitor.

- Carlota querida, que Deus nos dê forças para ir mais adiante. Estamos no espaço espiritual do Brasil, nos Jardins da Luz, onde o amor é soberano e reina espalhando a paz. Esqueça o passado e volte-se para o futuro radioso que a aguarda. Estamos diante da bondade do Pai. Curvemo-nos diante de Sua grandeza e façamos planos para o amanhã.

Admirada com a aparição, a mulher pareceu ganhar novas esperanças. Suas preces foram ouvidas. Deus a atendera e enviara um de seus mensageiros para socorrê-la. Certamente ele revogaria a sentença que lhe parecia impossível de cumprir. Que lhe fosse concedida a oportunidade de reparar os erros cometidos, mas que retornasse conservando o que lhe parecia a individualidade do seu ser - a feminilidade, que voltaria a se manifestar num corpo de carne. Iria empenhar-se, buscar o perdão daqueles

a quem ofendera, repor aquilo que houvera furtado, devolver a felicidade às almas que talvez se ressentissem dessa perda, mas - estava certa disso - jamais alcançaria tal intento aprisionada num corpo masculino. Retornar nessa condição lhe parecia um passo na direção do fracasso.

Observando-a detidamente, com respeito, a entidade se manifestou. Sua fala era um alívio para ela, que absorvia cada palavra como um bálsamo que reconfortava sua alma.

- *Sou Zéfiro. Estamos numa psicoteca. Neste local, formas-pensamento servem ao propósito de nos educar. Como se fosse um arquivo de consciências, nos ajuda a revolver o passado com a intenção de construir um presente melhor. Esse é nosso dever: rever o passado e evitar cometer os mesmos erros.*

Depois de uma breve pausa, talvez com a intenção de dar tempo àquela alma para que refletisse em suas palavras e as considerasse em seu benefício, Zéfiro continuou a se manifestar. Expressava-se com brandura, o que facilitava àquela que o ouvia atentamente absorver o esclarecimento.

- *Quando aquele que vai reencarnar faz por merecer, aqui encontra sugestões e lições, por intermédio das quais decidirá os passos que dará na próxima encarnação. O livre-arbítrio de cada um permite o tracejar de uma nova existência. Misericordioso, o Criador não nos impõe condenações. Se nos sentimos sentenciados, a condenação foi lavrada pela própria consciência, onde se encontram registradas as leis divinas.*

Foi então que, ânimo apaziguado, ela percebeu que outros partilhavam daquele encontro em tão celestial localidade. Zéfiro, que até então falava apenas com ela, dirigiu-se a todos

os presentes, abrindo seus braços em largo gesto de fraternidade. Sentiu-se reconfortada entre aquela multidão resignada e esperançosa. Será que ela era a única a sentir-se impossibilitada de cumprir o que lhe era destinado pela Providência? Haveria outros, entre aqueles que a rodeavam, que deveriam retornar à Terra na condição inversa daquela que se habituaram a manifestar? Homens que reencarnariam no corpo de mulheres?

Zéfiro prosseguiu, agora determinado a conduzir as consciências ao desfecho de seu raciocínio.

- *Aqui está arquivado o conhecimento daqueles que foram os construtores da humanidade. Filósofos, cientistas, historiadores, religiosos, profetas... Aqui encontramos tudo o que precisamos saber para evitar reincidir no fracasso em nova existência. Dispor dessa sabedoria, nesse momento, é a oportunidade que nos auxiliará a evitar tombar, novamente, nos descaminhos da vida.*

Atendendo àquela que ainda clamava, em pensamento, contra a necessidade de encarnar no corpo de um homem, o mentor amigo esclareceu, ao mesmo tempo que a envolvia em doce vibração:

- *Deus é justiça e amor! Aceite a vontade do Pai! Faz-se necessário, nesse instante, rever condicionamentos que se arraigaram em sua mente. Desenovelar o emaranhado de pensamentos que a afligem. Somente nessa condição, que lhe é reservada agora, você conseguirá isso, alma querida! Dores e aflições maiores a aguardam se você retomar num corpo de mulher.*

Estremecida diante daquele que lhe adivinhava o íntimo, ela se calou e aceitou a vontade superior, mas ainda desejava ouvir mais esclarecimentos. "Por quê?", era a indagação que

martelava seu pensamento. Embora sentisse que era justa a condição na qual reencarnaria, ansiava por maiores esclarecimentos. Foi então que se desprendeu dela a interrogação, tal qual um clamor:

- Por *quê?*

A resposta do espírito de luz não se fez demorar.

- As *cortinas que a impedem de contemplar o passado abrir-se-ão. Confie em Deus. Veja! Retire, das imagens que se sucederão, as lições que colocará em prática na encarnação que se avizinha. Observe seu comportamento. Retire da reação advinda dos seus atos o peso de suas ações. Com a mesma veemência que um dia você açoitou, em pensamento, a alma daqueles que andavam a seu lado, lance-se contra si mesma.*

Um denso nevoeiro tolheu sua visão. O doce perfume e a cálida umidade da atmosfera envolveram-na suavemente. Do céu, raios de luz projetavam-se em sua direção...

Foi quando, inebriada por aqueles eflúvios divinos, ouviu novamente a voz de Zéfiro, que lhe pareceu ecoar no cerne de sua alma:

- Cristo *ainda espera por você!*

- Jesus? Jesus espera por mim?

Suavemente, ela cerrou os olhos, envolvida pela imagem daquele que há muito deixara para trás.

3

Dois amigos

— Júlio? Júlio? - Alguém falou pelo interfone do edifício.

Mais do que depressa, Júlio atendeu ao chamado e fez questão de descer, para receber o amigo. Abriram-se as portas do elevador e Júlio percorreu com rapidez a distância que o separava da entrada do prédio. Estava ansioso por receber o visitante.

- Padre Marcelo! Vamos subir! Que surpresa! No dia da ressurreição de Jesus, meu amigo também ressurge! Quem é vivo sempre aparece!

- E quem não é amigo também aparece, não se esqueça disso... Júlio, meu amigo! Como é bom revê-lo. Vejo que o Mestre está bem vivo em seu coração! Não imagina como me faz bem o teu abraço.

Padre Marcelo, um homem franzino, amadurecido muito além dos seus 40 anos, estampava no rosto um quadro de preocupações. Parecia prisioneiro de uma angústia sem fim, que lhe vincava a face serena, mas entristecida.

- Júlio, um abraço! Onde estão Floriano e Mônica?

- Estamos sós, padre. Ao menos por enquanto. Mônica foi passear com Floriano. Ela acredita que os passeios fazem bem à gravidez, no que eu concordo. Estou acompanhado apenas pelo meu violino. Tocava para alegrar minha alma. Vim para passar alguns dias e acabei ficando. Mas em breve vou retornar para a capital. Não posso ficar por muito tempo, mas bem que gostaria de permanecer aqui mais algumas semanas.

- Meu caro amigo, Deus sabe o que faz. Estamos no lugar certo, com as pessoas certas, na hora certa de nossa vida. Aproveitemos a oportunidade que temos à nossa frente. Esqueça, ao menos por um momento, seus compromissos na capital e volte a sua alma para aqueles que estão saudosos da sua companhia. Meu bom amigo, por que nos abandonou por tanto tempo?

Júlio abraçou, mais uma vez, o amigo. O carinho do padre fazia-lhe muito bem. Sentia-se querido, sua companhia era desejada por aqueles que mais amava. Não era essa a felicidade possível na Terra, ser amado?



Momento de felicidade

centro da cidade, um casal caminhava pelas ruas tranquilas, mãos dadas e corações entrelaçados pelo amor. As vielas arborizadas ostentavam, ao lado de edifícios modernos, antigos casarões que recordavam o passado daquela região.

- Floriano querido! Estou muito feliz! Nunca me senti assim antes. Parece que Deus nos abençoou com a felicidade. O sonho da minha vida está para se realizar. Agora terei em meus braços dois amores. Mas não fique com ciúme, meu queridinho...

Mais do que depressa o esposo respondeu:

- Amor da minha vida, sua alegria é a minha também. É tão bom saber que você carrega o nosso bebê, aquele a quem tanto desejamos. Seja essa a maior de todas as nossas alegrias. Não sei se vou sentir ciúme, mas, se isso acontecer, você será a primeira a saber, tenha certeza. Você sabe, não sou homem de esconder as coisas...

- Floriano! Mais quatro meses e ele estará junto de nós. Mas não fique preocupado. Não vou esquecer você. Como

poderia esquecer o amor da minha vida? Você é o meu anjo da guarda encarnado.

A resposta de Floriano se resumiu a um largo sorriso.

"Anjo da guarda, eu?", pensou. "Quanto me sinto longe dessa condição..."

- Depois de três anos de espera, não vejo a hora de ser mãe. - O olhar de Mônica perdeu-se ao contemplar a face de Floriano. Mas bem depressa a gestante retornou à Terra: - Precisamos comprar o berço! O enxoval está quase pronto. Mal posso esperar ouvi-lo dizer "mamãe".

Floriano respondeu com um abraço apertado, carinho que envolveu ternamente mãe e filho. Um beijo demorado selou a felicidade que transbordava daqueles corações. Para ele, a vida poderia parar ali. Sentia-se dono de uma felicidade indescritível. Mônica era uma flor que desabrochava ao contato dos seus braços, perfumava sua vida com alegria.

"Quem disse que não era possível ser feliz na Terra?", pensou.

De volta à terra natal, Floriano - médico formado em uma famosa universidade sediada no exterior - casara-se há três anos e só agora recebera a ventura de ser pai. A notícia da gravidez da esposa, aguardada há anos, fora a melhor que recebera nos últimos tempos. Às vezes se perguntava: "Por que esse desejo tão grande de ser pai?" Ele mesmo respondia: "Talvez porque desejo olhar para alguém com os mesmos traços do meu corpo, alguém que ajudei a trazer de volta ao mundo", e perdia-se em divagações.

Sentindo o olhar curioso da esposa, deu-lhe uma notícia:

- Amor da minha vida, você sabe quanto gosto de poesia. Júlio prometeu que vai musicar uma canção de ninar que compus para o nosso filho.

- Me abrace, meu poeta - respondeu Mônica, entregando-se de coração àquele que tanto amava.

A distância, algumas pessoas olhavam curiosas para o casal que, alheio ao mundo que os rodeava, entregava-se a um demorado beijo. Não eram personagens de um filme ou de uma novela. Tratava-se de pessoas comuns, almas que se doavam espontaneamente, ligadas pelo amor que transcende o tempo e o espaço.

Entregues aos carinhos, corações entrelaçados pelo magnetismo que os unia, Mônica e Floriano ignoravam os habitantes do mundo invisível que os seguiam de perto, incomodados com a felicidade que transbordava daquelas almas e que lhes parecia injustamente concedida.

- *Eles não perdem por esperar! Em breve terão aquilo que merecem!* - Uma voz ouviu-se nas sombras, carregada de ódio e vingança.

5

Confissão

— Júlio, meu amigo... Num dia tão feliz, por que uma canção tão triste? - perguntou padre Marcelo ao jovem amigo, exímio violinista.

- Uma tristeza tomou conta de mim, padre, mas já passou. Estou bem. Sua visita alegrou meu coração. Sinto falta daquelas nossas longas conversas sobre a natureza da alma, sobre a reencarnação. O amigo continua estudando essa questão?

- Prossigo esse estudo e tenho encontrado evidências que me fizeram ainda mais crente nas existências sucessivas. É claro que guardo para mim as conclusões. Bem o sabe, Júlio, que a Igreja não aceita essa possibilidade, que me parece, hoje, inquestionável. Mas o que fazer? Confirmá-la, de público, me obrigaria a abdicar da batina. E o que faria da promessa que fiz a Cristo? Não posso trair minha vocação.

- Bem imagino o que lhe vai na alma. As vezes me parece que tudo neste mundo é contradição. Nos últimos dias, ando um pouco triste, envolvido em preocupações tantas que só

encontro a paz quando toco o meu violino. Ele tem sido meu fiel companheiro nos últimos anos.

- Amigo Júlio, você é muito jovem e têm grandes alegrias para viver. Também ando preocupado, mas tenho fortes razões para isso. Hoje é o dia de o confessor abrir seu coração. Vou incomodá-lo com o meu desabafo. Infelizmente, o que vou dizer não é favorável a nós, mas o que fazer?

Surpreso, Júlio respondeu, compreensivo:

- Padre, somos irmãos. Vamos conversar. Fique à vontade. Sente-se. - E apontou uma confortável poltrona revestida de couro.

A sala, ampla e arejada, convidava ao relaxamento. Notava-se a preocupação dos moradores de ofertar, a si mesmos e àqueles que amavam, um remanso de paz. Nas paredes, quadros de rara beleza retratavam belas paisagens de várias partes do mundo. Entre o mobiliário, que refletia a modernidade da época, encontravam-se algumas peças antigas, relíquias de família.

Em busca de coragem para extravasar o que lhe atormentava a alma, o padre cerrou os olhos e respirou profundamente.

Júlio o observava, curioso.

"O que aconteceu com o meu amigo?", pensou. "Faz tanto tempo que não o vejo e o encontro assim, abalado, enfraquecido. Um homem de tanta fé, tão querido por todos.... O que aconteceu com ele? Que Deus me ajude a auxiliá-lo nesse momento difícil."

Interrompendo os pensamentos do jovem, o padre começou a falar, voz baixa, pausada, que revelava apreensão.

- Júlio, meu amigo, ouça-me com paciência. Esta noite, um pesadelo assaltou-me a alma. Ainda estou perturbado por essa lembrança. Escute com atenção a descrição do que vi com tanta clareza: nós dois, em tempos distantes, assaltamos dois cobradores de impostos. Planejamos tudo. Ferozmente, você atacou um deles, até matá-lo. Eu, por minha vez, atirei o outro pela janela na direção da morte. Nós dois, Júlio, premeditamos um crime e juntos o realizamos. Que pesadelo terrível! Não consigo me libertar dessas imagens que me parecem tão verdadeiras. Tudo se passou na minha mente como se assistisse a um filme. E, o pior, eu me sentia lá, como se tudo estivesse acontecendo novamente. Que tortura! E por que essa lembrança emerge do fundo da minha alma logo agora? Será um sinal? Um mau agouro?

Um silêncio tomou conta da sala. Júlio procurou esboçar um comentário, mas não conseguiu: a voz embargada o impediu. Não entendia por quê, mas o que ouviu o perturbou profundamente. Sentia-se incomodado por aquela revelação e não sabia o que responder.

Depois de aguardar por alguns instantes a reação do amigo, padre Marcelo continuou a falar. Parecia aliviado em partilhar suas preocupações com alguém que o ouvia atentamente.

- Júlio! Meu Deus! O que me aflige não é somente a lembrança do pesado, da qual não consigo me libertar. Não sei o que está acontecendo comigo. Hoje, acordei com a sensação de que alguém segue os meus passos com a intenção de um criminoso. Não sei como explicar. É uma sombra que me causa uma impressão desagradável. Algo me diz que erramos no passado

e que alguém nos cobra a reparação. A presença desse alguém me incomoda. Sinto que, seja quem for, está à espreita para me atacar, como um lobo faminto. Lembra-se de nossas conversas sobre a reencarnação? Tudo me leva a crer que a crença das existências passadas seja verdadeira. Estou certo de que o mal que fizemos no passado pode voltar-se contra nós no presente. Será que não é isso o que me aguarda?

Na tentativa de acalmar o padre, Júlio procurou dissipar o mal-estar que sentia naquele instante, ainda impressionado pelo relato.

"Eu e o padre, criminosos vulgares? Assassinos? Nem pensar."

Aquilo só poderia ser um delírio. Padre Marcelo não estava bem. Depois de ouvir tantas confissões, atender tantos necessitados, a mente do sacerdote na certa se desequilibrara. Sua única diversão era estudar. Vivia entregue aos compêndios religiosos, aos estudos sobre a reencarnação.

Afinal de contas, Marcelo também era feito de carne e osso. Não era melhor do que ninguém. O esgotamento físico estava minando sua disposição, sua alegria de viver. Nada que umas boas férias, um descanso prolongado, não pudessem curar. Era isso que ele precisava dizer ao amigo: repouso, diversão, alegria.

Júlio refletiu e preparou-se para consolá-lo.

- Padre Marcelo, meu amigo, foi apenas um sonho. Você é um bom homem, todos o estimam. O que eu acho mesmo, não veja isso como uma crítica, é que você anda trabalhando e lendo demais. Tantas confissões que ouve e outro tanto de

livros que lê acabaram por impregnar-se em seu pensamento. São fragmentos dessas lembranças que vêm à tona e se transformaram nesse pesadelo que o atormenta. Não vejo nada além disso. Às vezes acredito que a reencarnação seja possível, em outras ocasiões me parece apenas uma invenção para consolar almas aflitas. Ainda não sei bem o que pensar. Vamos deixar isso um pouco de lado. Razão têm aqueles que dizem que aprofundar-se nessas questões perturba a alma...

- Não é bem assim, Júlio. Tenho me dedicado pouco à leitura, falta-me tempo para isso. Gostaria de me empenhar mais em meus estudos. Ultimamente, alguma coisa me incomoda, e não é deste mundo. Estou certo de que o estudo da reencarnação, e há muitas ocorrências que comprovam tratar-se de uma realidade inquestionável, longe de perturbar, ilumina a alma e nos dá uma nova perspectiva do ser. Não, Júlio, me perdoe. Não se deixe levar por superstições. O estudo sempre é produtivo. O conhecimento acumula-se, em nosso espírito, e nos ajuda a crescer na direção de Deus. Ficam loucos aqueles que se comprazem na ignorância e atribuem o destino à construção do sobrenatural, deixando-se influenciar por seres que se entregam à volúpia de arrastá-los ao sofrimento.

- Padre, o que eu quero dizer é que o estudo sobre outras existências, sobre a possibilidade de outras encarnações provavelmente o impressionaram a ponto de causar esse pesadelo. Apenas isso. Mas, mudando de assunto, e a Semana Santa, como foram as comemorações? - Júlio procurou desviar a atenção do amigo porque simplesmente não sabia como ajudá-lo a vencer seus temores. No íntimo, estava impressionado.

- Nunca arrecadamos tanto dinheiro para as obras da nossa igreja. Tenho em meu poder uma boa soma, que devo transferir para o episcopado. Essa também é uma de minhas preocupações.

- Veja como Deus é bom! Tudo se encaminha para o bem. Quer saber? Tanta responsabilidade e o peso do dever levaram-no à exaustão. Esse é o seu mal! Nada que um bom repouso não possa curar... Quanto ao dinheiro, não se aflija. Eu o acompanharei até a agência bancária. Mas antes vamos comemorar sua visita.

Nesse instante, ouviram um estranho gemido. O padre, agitado, tremeu, descontrolado.

6

Susto

Olhos arregalados, Marcelo parecia paralisado. Notava-se que esperava pelo pior. A reação de Júlio foi bem diferente. Calmo e até alegre, levantou-se e deu alguns passos na direção do ruído.

- Capricho? É você? - Júlio perguntou ao gato angorá que buscava a companhia dos dois. - Não repare, padre. Essa bola peluda de vez em quando gosta de chamar a atenção. Parece que adora nos assustar! Mônica e Floriano se divertem quando Capricho arrasta a toalha da mesa e espanta os visitantes que não conhecem suas brincadeiras.

Padre Marcelo contemplou o animal, gordo e bem-tratado, que retratava no olhar a tranquilidade de uma vida plácida que ele gostaria de viver naquele instante.

Com a intenção de acalmar o amigo, Júlio convidou o padre para contemplar a rua do alto do edifício onde se encontravam.

- Veja, padre. Nós aqui falando dos nossos temores e o povo se agitando lá fora. - Um grupo caminhava pela rua deserta de veículos, entoando uma canção debochada.

- Estão embriagados num dia santo como o de hoje, que tristeza. As vezes acho que meus sermões não servem para nada. São poucos aqueles que ouvem o *Evangelho* e motivam-se a adotá-lo como norma de conduta em suas vidas. Parece que Cristo terá de esperar uma eternidade até que estejamos todos a seu lado - disse o sacerdote, revoltado com a atitude dos paroquianos.

- Que fazer? Cada um tem seu tempo de descobrir Deus. Não tome sobre seus ombros essa responsabilidade. Amanhã, quem sabe, os efeitos da bebedeira os levem a refletir melhor sobre a ruindade do vício... Falando nisso, uma boa lembrança: vamos nós também molhar a garganta. Não por vício, como eles, mas em comemoração ao dia santo.

Júlio enveredou por um corredor do enorme e luxuoso apartamento e deixou o padre a sós com a consciência que lhe cobrava, sem perdão, um crime cometido no passado.

7

Reflexões

Júlio residia na capital e há tempos não visitava a família. A cidadezinha de outrora havia se transformado: prosperara, e a paisagem se modificara. O lugar onde Mônica e Floriano instalaram seu lar refletia a prosperidade da região.

O casal residia em um suntuoso edifício, de poucos andares. Naquele dia, a maioria dos moradores estava ausente, ocupada em aproveitar o feriado.

A recepção do prédio estava entregue ao porteiro eletrônico, apropriado àquela cidade que, sem conhecer a violência e a criminalidade, não sentia a necessidade de maior proteção.

A solidão e o silêncio convidaram Júlio a refletir. Cismava sobre a natureza do pesadelo. Conhecia bem o comportamento humano, apreciava o estudo da psicologia. Será que tudo aquilo não passava de uma simples criação mental, fragmentos de lembranças que se juntaram e emergiram do inconsciente? Por mais que desejasse o contrário, Júlio continuava preocupado com o amigo.

"Será apenas um sonho? Padre Marcelo parecia tão assustado... Nunca o vi assim. O que se passa na cabeça desse bom homem? Ultimamente, anda investigando a possibilidade da reencarnação e outras ocorrências sobrenaturais. Sente tanto prazer nisso! Quem sabe a excitação provocada pelo desconhecido não o perturbou? Preciso falar com Floriano. Ele é médico e vai saber o que fazer. O padre não está bem. Talvez precise de um calmante, uma terapia. Bem que me disseram que não é bom mexer com essas coisas. Quem procura, acha."

O luxuoso apartamento era provido de uma adega, para a qual Júlio se dirigiu em busca da bebida que desejava ofertar ao amigo.

Na sala destinada às preciosas garrafas, cuidadosamente empilhadas, aquietou o pensamento. A umidade e a semiobscuridade do ambiente pareciam acalmá-lo. Demorou-se, propositalmente, naquele ambiente, com a intenção de deixar o padre a sós, entregue ao repouso e à reflexão.

8

Descanse em paz

Sentindo-se à vontade, padre Marcelo relaxou o corpo e apoiou a cabeça no espaldar da poltrona. Minutos se passaram e as sombras do entardecer foram acolhidas pelo ambiente. O silêncio era rompido apenas pelo antigo relógio de pêndulo, recordação de tempos distantes. Floriano gostava de homenagear aos antepassados, do qual algumas peças do mobiliário e outras relíquias serviam de referência.

Entre o sono e a vigília, o sacerdote não ouviu o ruído que estalou do fundo da enorme sala. Passo a passo, um vulto aproximou-se dele. Ato contínuo, mãos firmes apertaram sua garganta. Sentindo-se sufocado, Marcelo deixou-se dominar. A força e a violência o surpreenderam e Marcelo tentou, inutilmente, reagir. Sua intenção era dirigir-se até a janela e gritar por socorro. Reuniu todas as forças de seu corpo e conseguiu arrastar o algoz até a janela. Os dois se atracaram no parapeito e, inesperadamente, o padre Marcelo sentiu-se atirado do alto. A breve trajetória não o impediu de gritar.

- Júlio! - chamou, em desespero.

A queda do quarto andar não lhe arrancou a vida. Ainda lhe restavam alguns breves instantes neste mundo.

- Jú... lio! Jú... lio! - Entre espasmos, chamava pelo amigo, de quem esperava socorro.

Um filete de sangue escorria de sua boca, misturando-se ao chamado no qual parecia colocar todas as suas forças:

-Jú... lio!

O corpo, estendido no chão, chamou a atenção de algumas pessoas. Depressa, alguns comentários fizeram-se ouvir:

- Quase arrebentou a cabeça!

- Chamem um médico!

- Médico? Ele não precisa de mais nada. Está mais para lá do que para cá.

- É o padre Marcelo! Não está respirando!

- Está morto! Coitado do homem!

O líder religioso da cidade não fazia mais parte deste mundo. O coração que acolhia com tanto carinho os desventurados que o procuravam não batia mais. Silenciara para sempre.

- Quem foi? Quem o matou?

- O que aconteceu?

- É o padre!

- É sempre assim! Deus leva primeiro os bons e deixa os ruins para nos tirar o sossego.

- Precisamos fazer alguma coisa!

9

Diante da morte

Os olhos abertos e sem vida, a fisionomia marcada pelo terror, padre Marcelo estava morto. O sangue, com vagar, escorria-lhe da boca, manchava a veste sacerdotal e confundia-se com a poeira do chão. A mão crispada, enregelada pelo sopro da morte, impressionava aqueles que a conheceram sempre estendida na direção dos aflitos. Seu gesto consolador era sempre bem-vindo por aqueles que partilhavam sua companhia.

Ao redor do corpo do padre, uma pequena multidão se formou, externando em voz alta a revolta e o descontentamento que formavam nuvens escuras na atmosfera fluídica que as envolvia.

- Quem o matou? Como aconteceu?

- Que tragédia, meu Deus!

- É o fim do mundo! Um homem santo, não fez nada para merecer esse fim!

- E desde quando os bons são poupados?

- Morte ao assassino!

Para completar o tenebroso cenário, a iluminação pública, sempre acesa ao findar a tarde, naquele dia falhava, deixando a rua estreita entregue a uma semiescuridão. A ausência de outras pessoas entregava àqueles estranhos o encargo de velar pelo bom homem que, até então, só merecera carinho e admiração.

- Quem foi o assassino do padre Marcelo?

- Alguém viu alguma coisa?

Um jovem, sem perder tempo, respondeu gritando:

- Eu escutei um nome! Ele ainda estava vivo quando pronunciou um nome: Júlio!

- Mas é claro: antes de morrer o padre denunciou seu assassino! Foi Júlio! Eu sei quem é! É o irmão do doutor Floriano. Ele é o criminoso! Só pode ser ele!

Em minutos, outros paroquianos se juntaram ao grupo que parecia duplamente embriagado - subjugado pelo álcool e, movido pelo ódio, com a intenção de fazer justiça com as próprias mãos.

Arremetendo na direção do edifício, a multidão não se deteve diante das portas envidraçadas, que desabaram estilhaçadas pela violência do impacto. O choque provocado pelo arremesso de pedras, paus e ferros contra a entrada do prédio feriu algumas pessoas, que se enfureceram ainda mais com a dor que estavam sentindo - no corpo e na alma.

- Morte ao criminoso!

- Sangue por sangue!

- Por Deus, ele não merecia isso! Vamos vingá-lo!

10

Na rua

Floriano e Mônica caminhavam às margens do rio que atravessava o lindo parque onde se encontravam, para onde convergiam todos aqueles que buscavam, nesses dias de lazer, o abrigo da natureza.

- Que lindas flores! - Mônica se desvanecia diante da beleza e do perfume primaveril que exalava dos buquês expostos na floricultura.

Floriano entendeu a insinuação e comprou um ramalhete, entregue de maneira reverente àquela a quem, muito antes disso, já o presenteara com o coração.

- Amor, é quase noite. Júlio ficou sozinho em casa com seu violino. São tão poucas as vezes que nos visita... Não vamos abandoná-lo, não é? Nossos empregados estão de folga, quem vai lhe servir o jantar? Vamos voltar para casa?

- Entendi, minha querida. O passeio acabou... O carro está pertinho daqui. Júlio precisa da nossa companhia. Assim seja, minha rainha.

Para Floriano, as vontades de Mônica eram ordens que deveriam ser rigorosamente cumpridas. E assim foi mais uma vez.

11

O perigo bate à porta

Júlio ouviu alguém gritar, chamando por ele, mas não fez ideia do que estava acontecendo. Ainda na adega do apartamento, confabulou consigo mesmo: "É isso. O temor do padre Marcelo me contagiou. Não é nada. Estou apenas ouvindo coisas".

Depois de escolher uma das garrafas, dirigiu-se à cozinha, separou duas taças e colocou-as numa bandeja. Em instantes estava na sala, onde o aguardava uma terrível surpresa. Encontrou o ambiente revirado.

Marcas de violência por toda parte. No chão, o crucifixo do padre. Ajoelhou-se e o tomou respeitosamente em suas mãos. Caminhou na direção da janela e observou a rua. Viu uma multidão formada à frente do edifício.

"Meu Deus, o que aconteceu?", indagou-se, a alma inquieta com aquela cena inusitada. "Um acidente? Alguém decerto foi atropelado."

- Padre Marcelo? - chamou, mas não recebeu resposta. - Será que foi ele a vítima?

De súbito, um pensamento tenebroso tomou conta de sua alma, extravasado nas palavras que pronunciou em voz alta:

- Jesus do Céu! O padre Marcelo se suicidou! Atirou-se pela janela! Não pode ser!

Um instante de dúvida assenhoreou-se dele e outra possibilidade lhe ocorreu.

"Um assalto, talvez! Ele estava com muito dinheiro, alguém poderia tê-lo seguido até aqui. Mas não, eu mesmo tranquei a porta. Quem poderia ter entrado?"

Nesse instante, ouviu o vozerio da multidão. Esquecido do elevador, desceu a escada para ir ao encontro do que restava do amigo. Na rua, sentiu o corpo paralisar. Perdeu as forças quando se defrontou com um grupo de pessoas visivelmente perturbadas, como se estivesse dominado por uma força maléfica.

Com o rosto crispado de ódio, alguém gritou:

- É ele! Eu o conheço! É Júlio, o assassino do padre Marcelo!

A escuridão da rua, a embriaguez, o ressentimento que aquelas criaturas sentiam diante da vida - consideravam-se, na sua maioria, injustiçadas por Deus, "uns com tanto, outros com tão pouco" - explodiram numa só voz:

- Assassino! Vingança!

Alguém demonstrou bom senso e defendeu o acusado:

- Vamos chamar a polícia e entregá-lo às autoridades!

A negativa não se faz por esperar:

- Com o dinheiro que tem, vai escapar da justiça!

- Pelo amor de Deus, eu não fiz nada! - balbuciou Júlio, tomado de pânico. - Nunca poderia imaginar que, um dia, seria

confundido com um marginal! Vocês estão errados. Ele era meu amigo. Eu não fiz nada! Não estava na sala quando ele caiu!

- Mentiroso! - Júlio foi violentamente empurrado, perdeu o equilíbrio e caiu sobre o corpo do amigo.

- Está drogado! É um viciado! - Alguém apontou o suor que escorria do rosto de Júlio e seus olhos, que quase saltavam das órbitas. Suas roupas, agora, estavam manchadas do sangue que escorria do corpo sem vida.

- Não pode ser! É um pesadelo! O padre Marcelo se suicidou!

Júlio não conseguia fazer-se ouvir pela turba, que, parecendo tomada por uma legião de espíritos perversos, avançou em sua direção com a intenção de fazê-lo pagar pela morte do sacerdote.

- Criminoso! Malvado!

- Bandido!

- Matou o padre e agora vai morrer!

As forças de seu corpo o abandonaram. Júlio pressentiu que, nas sombras do invisível, alguém se divertia com o seu sofrimento. Alguns espíritos, comprometidos com o mal, comemoravam. A armadilha foi cuidadosamente armada e o empreendimento, coroado de sucesso. O padre teve o que mereceu e Júlio estava às portas da morte.

12

Perseguição

– Vamos acabar com isso! Ele não pode escapar! Nem sua fortuna poderá ajudá-lo agora!

- Morte ao Judas!

- Ele matou um santo! É um viciado em drogas! Só um drogado poderia cometer um crime desses! Não vamos permitir que ele continue vivo! - Ao ouvir a sentença de morte, Júlio sentiu o coração saltar no peito.

A maioria das pessoas se afastou. Júlio foi entregue àqueles que iriam cumprir a sentença. Pedras, ferros arrancados da decoração do jardim, lanças improvisadas com pedaços de madeira eram os instrumentos da tortura mortal.

- Por Deus, não! - Júlio pediu.

Janelas se abriram. Alguns moradores, atraídos pela gritaria, olharam para rua.

Alguém gritou:

- Polícia! Socorro!

Mas era tarde. O corpo de Júlio foi massacrado.

- Judas! Assassino!

- Paga pelo teu crime, seu miserável!

Não contentes com o sangue derramado, os assassinos entraram em choque entre si e se debateram em agressiva discussão.

No chão, estirado numa poça de sangue, Júlio entregava-se às derradeiras reflexões sobre uma existência que findava tão dramaticamente.

- O padre Marcelo tinha razão. O pesadelo... Fomos criminosos e agora pagamos por tudo. - O sangue que escorria dos seus olhos misturou-se com grossas lágrimas que não cessava de derramar.

Júlio, vítima de um linchamento, estava prestes a retornar ao mundo dos espíritos. Entre a multidão, multiplicavam-se criaturas que, sem o corpo de carne, se deleitavam com o ódio que tomava conta do ambiente.

13

O Judas

De volta para casa, Mônica e Floriano ouviram a gritaria que dominava a estreita rua onde residiam.

- É a malhação do Judas! Ainda fazem isso! Todo ano é a mesma coisa! Os adultos se misturam com as crianças e se divertem - comentou Mônica, em tom descontraído. - Pare o carro. Vamos ver.

O casal desceu do veículo e buscou o que pensava ser apenas uma simples diversão. Não imaginava a cena terrível que os aguardava.

O clamor da multidão misturou-se com o ruído intenso de uma sirene.

- Cuidado, querida, parece que houve encrenca. Alguém deve ter se machucado. - Floriano pressentiu alguma coisa errada.

- Vamos pôr fogo nele! - berrou um mendigo embriagado, que, com dificuldade, arrastou o corpo de Júlio na direção de uma fogueira improvisada com a queima de papelão e jornais velhos.

- Fujam! É a polícia! - gritaram os vândalos.

Diante do alerta, os furiosos abandonaram o local. Os policiais tentaram impedir a fuga dos criminosos. Tiros foram disparados para o alto, com a intenção de desencorajar um contra-ataque e esfriar os ânimos.

Florêncio e Mônica, apavorados, buscaram abrigo longe da violência.

Mas alguma coisa pareceu atrair Mônica na direção do corpo estendido ao lado do fogo. Livre dos braços de Floriano, a jovem correu na direção do cadáver.

- É Júlio! Meu Deus! - Desafiando o perigo, Mônica disparou na direção daquele que reconhecera como seu irmão.

O estado de Júlio era terrível. Por obra de Deus, um fiapo de vida ainda lhe restava e lhe permitiu identificar a irmã. Dela se despediu com um derradeiro olhar. Tranquilo, partiu para o outro lado da vida, sem dizer uma palavra. Suas forças haviam se esgotado. Os golpes que sofreu o impediam de respirar. Era o fim de uma encarnação.

- Julio, Júlio, o que fizeram com você... - Mônica não conseguia mais falar. Calou-se enquanto as lágrimas corriam dos seus olhos, juntando-se ao sangue derramado do irmão.

Quando Floriano se aproximou, mal teve tempo de dirigir-se à esposa. Mônica perdeu a consciência, desmaiando ao lado do corpo do irmão. O filho que carregava no ventre estava perdido. Naquele instante, pesados resgates do passado haviam unido o padre, o violinista, sua irmã e Floriano.

- Que triste destino... Como Deus permite que uma coisa como essa aconteça? - perguntou Floriano, olhar perdido na multidão, com a esposa nos braços.

A iluminação da rua voltou a funcionar. A tragédia terminou.

Em estado grave, Mônica foi conduzida até o hospital. Para Floriano, o curto trajeto, percorrido pela ambulância em alta velocidade, parecia interminável.

"Que vida é essa? Num instante, estamos entregues à felicidade e no outro sofremos, sem merecer, a criminosa presença da morte? Que fizemos para sofrer um destino tão cruel? Meu filho, que nem viu a luz do dia, está perdido nas trevas da morte. Meu Deus, permita ao menos que Mônica possa sobreviver a essa tragédia!"

Floriano, ao lado da esposa, revoltava-se contra Deus ao mesmo tempo em que rogava sua misericórdia.

- Acalme-se, doutor Floriano, já estamos chegando - comunicou o enfermeiro.

Em outro plano da existência, criaturas de aspecto sombrio comemoravam a dor que visitava o casal:

- Estão *recebendo aquilo que pediram, mas o pior ainda está por acontecer. Quem faz o mal na Terra paga aqui mesmo.*

14

Cinco anos depois

O tempo não pede licença para passar. Cinco anos depois, Floriano e Mônica se encontravam em casa para almoçar. Na sala de refeições sentia-se o aroma suave exalado das flores do jardim. Depois da tragédia que se abateu sobre o casal, não foi possível residir no mesmo lugar.

Profissional bem-sucedido, dono de terras que herdou do pai e de outras adquiridas com recursos de aplicações financeiras, Floriano comprou uma casa, numa rua tranquila, onde pretendia iniciar uma vida nova ao lado daquela que tanto amava.

A vizinhança conhecia o drama do casal, mas ninguém se atrevia a comentar nada. Médico de prestígio, influente na sociedade local, Floriano era respeitado por todos. Algum tempo depois da tragédia, o inquérito prosseguiu e nele ficou registrado que o padre Marcelo e Júlio provavelmente haviam sido vítimas de criminosos de outra localidade, inimigos públicos foragidos de uma penitenciária das proximidades.

Floriano entregava-se aos seus estudos, e, tanto quanto podia, ausentava-se da cidade para participar de congressos e simpósios médicos. Preenchia o vazio da alma com a profissão. Fundou sua própria clínica, convidou jovens médicos da capital para residir e trabalhar na cidade.

- Como está se sentindo hoje? - perguntou o médico.

- Estou bem, querido. Não se preocupe comigo.

- Claro que eu me preocupo com você. Quem é o amor da minha vida?

- Sabe, Floriano, não sei o que seria de mim se não fosse o seu carinho.

- Mônica, nada faço a não ser devolver o que tanto recebo de você.

Os olhos de Mônica ficavam marejados de lágrimas quando o marido a envolvia em tão ternas palavras.

- Sei quanto você quer ser pai. Eu também desejo um filho, meu amor. Mas o que fazer? Não me sinto mais capaz de realizar o seu sonho. Até quando Deus vai adiar a chegada do nosso anjinho?

Interrompendo a conversa, que tomava rumos que o incomodavam, o médico mudou de assunto.

- Precisamos viajar, nos divertir um pouco, ficar longe daqui.

Mônica pareceu não ouvir o que o marido dizia. Imersa em suas reflexões, respondeu com outra pergunta, como se estivesse alheia a tudo que a rodeava:

- Querido, você já ouviu falar da médium que veio morar em nossa cidade? Dizem que está curando muitas pessoas. Ela faz milagres. É bem jovem, mas é dotada de uma mediunidade

muito especial. Adivinha o futuro e dá novas esperanças às pessoas que a procuram.

- Sim, ouvi os comentários... - respondeu Floriano, demonstrando indiferença.

O silêncio, tão comum entre os dois depois do trágico episódio no qual Mônica perdera três entes queridos - o padre Marcelo, seu irmão Júlio e o bebê que estava em seu ventre - mais uma vez se fez presente.

Mônica andava pelos corredores da casa falando consigo mesma. O tema de seus monólogos era sempre igual: a perda dos entes queridos, cruelmente arrancados deste mundo pelas mãos de um destino impiedoso.

- Não é possível. Aquele corpo disforme que vi não era o de Júlio. Não acredito que era ele. Ele e o padre Marcelo, eram tão amigos... O que aconteceu, meu Deus? - ela falava baixinho, perdida em divagações. Não havia recuperado o equilíbrio emocional depois da tragédia.

Floriano não mais se preocupara em dissuadi-la dessas considerações. Há muito desistira de argumentar com a esposa, levando-a a considerar que a vida continuava, que era preciso prosseguir a caminhada.

A beleza de Mônica parecia marcada pela dor: o rosto, outrora belo e faceiro, ostentava sulcos profundos, causados pela desilusão e pela tristeza que a perseguiam dia e noite.

Algumas pessoas, que invejavam o casal, espalharam um boato: diziam que Júlio, o irmão de Mônica, era um drogado. Que o padre Marcelo o visitou, buscando ajudá-lo, mas foi violentamente repelido pelo jovem.

Como se estivesse conversando com outras pessoas, Mônica monologava e refutava as acusações que lhe chegavam aos ouvidos:

- Meu irmão, um drogado? Nunca! Ele era um artista! Amava sua música, o violino era seu grande e inseparável amigo! Quantas mentiras, quanta infâmia... Ele não matou o padre Marcelo! Como pode a Igreja aceitar uma acusação tão vil contra meu irmão? Se os padres estão perto de Deus, por que não perguntaram a Ele o que aconteceu de verdade naquele dia? - Mônica comentava em voz baixa, observada à distância por Floriano.

A maioria das pessoas acreditava que Júlio era o assassino. Desencantada com a injustiça, Mônica afastou-se da Igreja.

- Depois de tudo o que fizemos pela igreja... Os padres nem sequer vieram nos visitar para nos consolar. Não ouvi uma palavra deles em favor do meu irmão - queixava-se Mônica.

Deixou de frequentar o culto dominical e passou a louvar a Deus a sua maneira, sem a intermediação dos sacerdotes.

"Para que serve a Igreja? Quando nós mais precisamos de consolação, ela nos vira as costas", pensava Mônica.

O marido compreendia seu comportamento: o impacto do crime sobre a frágil personalidade de Mônica era previsível. Havia perdido o irmão e um filho. Não obstante seus conhecimentos da medicina e os inúmeros especialistas a quem recorreu, Floriano não conseguiu ajudá-la a recuperar o equilíbrio.

"Se ela ao menos engravidasse, deixaria o passado para trás", imaginava Floriano, desejando que a esposa voltasse ao mundo dos vivos e deixasse os mortos em paz.

Atormentado pela perda da felicidade, recordava-se das inúmeras idas ao distrito policial. Várias pessoas foram acusadas da morte de Júlio, mas nenhuma respondeu a processo criminal. O massacre havia sido presenciado a distancia; a polícia cumpria seu papel, mas sem obter resultados. Padre Marcelo era muito respeitado na cidade e as autoridades empenhavam-se em descobrir o criminoso para satisfazer o anseio do povo.

Mônica piorava a cada dia. Vários terapeutas tentaram ajudá-la, em vão. A medicação a que estava submetida permitia que se mantivesse lúcida, mas o alheamento provocado pelo psicotrópico não era capaz de arrancar a dor que lhe consumia o coração.

"Por que Deus permitiu essa tragédia? Que mal provocamos para merecer um castigo tão injusto? Meu irmão e o padre Marcelo nunca fizeram mal a ninguém. Por que Deus os abandonou à própria sorte? Tantos anos se passaram e não consigo encontrar explicações para essa tragédia. Em quem acreditar? Não consigo aceitar o que aconteceu e calar a dor que se agita em meu coração. Não tenho motivos para continuar a viver".

Mônica, outrora viçosa, agora magra e empalidecida, era motivo das preocupações de Floriano.

- Querido, quando vamos visitar a médium?

- Se é o que você quer, querida, vamos visitá-la, sim.

Floriano esperava que a esposa abandonasse a ideia. Não desejava se envolver com charlatões.

"Ao redor daqueles que sofrem, enxameiam os aproveitadores. Mônica está iludida, espera por um milagre que nunca irá acontecer", considerava.

15

Sofrimento

Em sonho, Mônica se via rodeada de crianças. Sua casa, tão bela e confortável, servia de ninho para meninos e meninas que corriam por todos os cantos, travessos, arredios à disciplina maternal.

Foi feliz enquanto perdurou o encantamento do sonho. Ao despertar, viu-se novamente diante da dor que o destino impôs como sua companheira:

- De que vale ser mulher se não posso ter um filho? Ao menos um menino... - A maternidade pulsava no coração dela. A perda do filhinho parecia irreparável.

Caminhando pela casa, observada a distância pelos empregados, Mônica resmungava:

- Tantas mulheres querem livrar-se de seus filhos, querem entregá-los a outros antes do nascimento, e eu só posso tê-los em sonho... Que mal eu fiz? Me entreguei de corpo e alma ao meu filho e Deus permitiu que eu o perdesse antes de nascer.

Cada vez mais sozinha, Mônica despertava a compaixão daqueles que cuidavam de sua casa.

- Dona Mônica, a senhora está bem? - perguntou a empregada, penalizada com o sofrimento daquela mulher, tão bondosa com todos aqueles que a serviam.

- Estou bem. Estou muito bem, querida, não se preocupe - respondeu ela, para logo em seguida continuar a falar com as paredes.

A tristeza do casal impregnava-se no ambiente. Aqueles que visitavam o médico e sua esposa saíam deprimidos, contaminados pela tristeza.

Algumas criaturas, no entanto, pareciam felizes com o drama que os dois viviam há alguns anos.

- Muito *bem. Assim, de mal a pior é que a coisa vai ao seu rumo certo. Dobre a dose: queremos vê-la atormentada dia e noite. Não vamos desistir enquanto não perder a razão por completo. Falta pouco para que isso aconteça.*

Invisíveis aos olhos dos moradores da casa, entidades perversas conversavam sobre a vida do casal e, em especial, sobre o comportamento doentio de Mônica.

- *O importante é não deixar brechas para que se recuperem. Que desçam a ladeira, já subiram muito alto* - completou um vulto sombrio, que gesticulava com afetação.

Risadas ecoaram pelos quatro cantos da sala. Moradores invisíveis partilhavam daquela moradia, à revelia dos proprietários. Sentiam-se bem junto daqueles que, um dia, haviam impedido sua encarnação. Se não o desejavam na carne, o tinham agora, em espírito, na sua companhia. Perversos, prosseguiam com determinação, desejosos de levar a bom termo o seu intento.

Sensibilizados pelo drama do casal, os amigos promoviam reuniões, encontros sociais, comemorações, que serviam apenas de palco para Mônica demonstrar seu desinteresse pela vida. Nessas ocasiões fazia-se apenas de corpo presente. Sua alma estava distante.

Sua companhia passou a ser evitada por todos, seus lamentos incomodavam aqueles que dela se aproximavam. Com o passar do tempo, foi esquecida pelos amigos e restou-lhe apenas a companhia do marido, firme no intento de ajudá-la a recuperar a alegria de viver.

- Floriano, vamos nos divertir - convidava um amigo.

- Não posso deixar Mônica sozinha.

- Pense um pouco em você. A vida passa, a juventude também vai embora. Um dia irá se arrepender do tempo que perdeu. Vai ser tarde demais para voltar atrás...

Floriano sentia a boa intenção dos amigos, mas não encontrava ânimo para acompanhá-los em divertimentos que considerava impróprios para um homem casado.

"Mônica está doente. Abandoná-la agora será negar o amor que sinto por ela. Não sou capaz disso...", refletia.

- Doutor Floriano, que cara é essa? Por que tanta tristeza? - perguntava a esposa de um de seus amigos.

- Estou bem, é apenas cansaço.

- Floriano, nem pense em abandonar nossa cidade... Precisamos de um médico como você!

- Nem em sonho, minha boa amiga. Aqui tenho tudo o que a vida pode me dar: o lar, amigos, trabalho, sucesso. O que mais posso querer? - respondia Floriano, sem esconder a tristeza que carregava na alma.

De que valia tudo aquilo se não era feliz? O paraíso de outrora havia se transformado em dolorosa condenação. A esposa não lhe permitia ter alegrias, recusava-lhe os carinhos, negava-lhe os lábios e os beijos que trocavam anos atrás.

Homem realizado no exercício profissional, dotado de respeitável patrimônio, Floriano sentia-se distante da felicidade, da qual um verdadeiro abismo o separava.

- Floriano, quando vamos visitar a médium? Dizem que ela anda fazendo milagres. Conversa com os parentes mortos e traz recados do Além. O que você acha? Ela poderia nos ajudar - insistia Mônica, tão debilitada que dependia do marido para tudo.

- Iremos sim, querida. Vamos marcar a visita.

As respostas de Floriano eram sempre evasivas. Não acreditava em almas do outro mundo, muito menos em médiuns. Tudo isso lhe parecia uma grande perda de tempo.

Habituado a conviver com a dor, médico devotado ao estudo das mais diversas patologias, desenvolvera forças que lhe represavam as emoções. No ambiente de trabalho ou no lar, era o mesmo homem: calmo, capaz de refletir com firmeza sobre as dificuldades que se apresentavam diante dele e prosseguir, sem perder a fé em si mesmo. Quando a tristeza batia à sua porta, entregava-se às pesquisas, aos negócios paralelos que o enriqueciam.

Cada vez mais próspero e respeitado, Floriano acumulara uma grande fortuna, ao mesmo tempo em que a felicidade parecia insistir em escapar de suas mãos.

Mônica continuava imersa no passado. Vez por outra, perguntava a si mesma: "O que estou fazendo neste mundo?"

16

O passado

"Júlio, Júlio, Júlio, meu Deus! Ela não pensa em outra pessoa? Vive se martirizando por causa do irmão! Ele morreu! De que lhe valem agora essas lágrimas que derrama todos os dias, que a envelhecem a olhos vistos e a tornam uma companhia tão desagradável? O que fazer? Se houvesse um jeito de arrancar de sua cabeça essa maldita lembrança, eu o faria agora mesmo! Entendemos tanto do corpo e tão pouco da alma! Aqueles que deveriam fazê-lo me pedem paciência... Paciência? Até quando vou suportar viver apenas para o trabalho? Retornar para a casa e ouvir os mesmos lamentos, as mesmas reclamações? Isto não é vida! É castigo! No consultório, vivo cercado pela doença e na minha casa não é diferente..."

Floriano não conseguia conter o descontentamento que o consumia.

A vida do casal mergulhara, dia a dia, em profunda monotonia e tristeza. As sombras rondavam aquele lar tão rico, mas tão desprovido de alegria.

Nos últimos meses, Floriano havia cedido à influência dos amigos e buscara, junto de pessoas que não lhe mereciam a confiança e muito menos a credibilidade, a ajuda de que tanto carecia. Cartomantes, adivinhadores, seitas religiosas estranhas ao seu credo, cultos exóticos, simpatias, oferecimentos, nada havia lhe trazido esperança.

Ele estava certo de que uma pertinaz obsessão se fixara no espírito de Mônica. Não lhe importava quanto custara a consulta a tantos supostos guias espirituais. O dinheiro despendido não lhe fazia falta. O que machucava seu coração era a frustração: nada daquilo fazia efeito. Nenhum sortilégio parecia ter força suficiente para devolver a Mônica o bem mais caro que existe: a alegria de viver.

"Perdi minha mulher. Vivo com um fantasma que se arrasta pela casa, sem esperanças. Ela continua linda, mas nada sente quando a toco. Recusa os meus abraços, foge dos meus carinhos. Só chora, lamenta pelo irmão, pelo filho perdido. De que adiantaram os benzimentos, as orações, os oferecimentos que fizemos? Pura encenação. Exploram nossa dor, se aproveitam de nós para aumentar seus lucros. Vivem para explorar a fraqueza alheia...", lamentava-se Floriano silenciosamente, crente apenas na medicina, ciência que abraçara e que sustentara sua razão até então.

O que ele não sabia - e como poderia descobrir? - era que, numa existência passada, ele e sua amada esposa haviam sufocado, ainda no ventre da mãe, os pequeninos que lhes pareciam estorvar uma paixão desvairada. Caprichos da sedução, dívidas adquiridas que lhes competiam agora resgatar. Espíritos

vingativos, sentindo-se prejudicados, perseguiam os dois com a intenção de levá-los ao desespero. O comportamento do casal, voltado para si mesmo e para a satisfação de suas vontades, era a força atrativa que os mantinha sempre perto uns dos outros.

Quantas dores Mônica e Floriano causaram àqueles que aguardavam tão somente a oportunidade de renascer num lar e retomar o curso da vida...

Em nome do prazer, assassinaram impiedosamente aqueles que serviriam, no seu entender, apenas para incomodá-los e desviar sua atenção da satisfação dos sentidos que obtinham à exaustão no leito de amor.

A dívida adquirida no passado era-lhes cobrada no presente. Inconformados com as dores infringidas pelo casal, espíritos sofredores os perseguiam, com o obstinado desejo de vingança. Revezavam-se ao redor de ambos, com a intenção de perturbá-los, minar-lhes as esperanças, conduzirem ambos a terríveis sofrimentos. Vulneráveis àquela presença, Mônica e Floriano distanciavam-se cada vez mais um do outro.

- Floriano, vamos visitar a médium?

- Hoje não é possível, Mônica. Vamos combinar outro dia.

- Ela já ajudou muita gente. Quem sabe Deus permite que Sua misericórdia nos alcance por intermédio dela.

- É possível, por que não? - respondeu o médico, procurando reconfortar a esposa.

Amparada por benfeitores espirituais, Mônica resistia ao assédio espiritual que sofria e lutava contra si mesma em busca de novas esperanças. Havia dias em que, sentindo-se sem forças, inconsolável, se entregava ao desespero, à depressão.

Em outras ocasiões, sentia o renascer de novas esperanças. Parecia que nessas ocasiões a alegria ventilava sua alma com eflúvios benéficos, renovadores. Espíritos benfeitores, sempre que lhes era permitido, tocavam sua alma e a inspiravam a persistir em seus anseios.

- Floriano, quando iremos visitar a médium? Por favor, querido, vamos! Quem sabe ela possa me curar: eu quero um filho que alegre a nossa vida! Sinto que ainda sou capaz de ser mãe!

- O que ela poderia fazer que os outros não fizeram? Recorremos a tantas pessoas e nada deu certo. Você ainda acredita em tudo isso? O que essas pessoas podem fazer se a própria medicina não pode ajudá-la?

- Ela veio de muito longe, dizem que tem uma missão nessa região. Atende a todos com a mesma atenção. Faz milagres! Por favor, Floriano. Tenho o pressentimento de que ela pode nos ajudar.

- Você disse isso outras vezes, querida.

- Eu sei. Mas desta vez é diferente. Algo me diz que ela vai nos trazer mensagem que mudará nossa vida. Não sei como explicar. Você não vai se arrepender. Vamos conversar com ela.

Floriano, no íntimo, recusava-se a aventurar-se novamente em terreno desconhecido. Magias, evocações, remédios milagrosos, plantas curativas, fórmulas seculares, médiuns receitistas, feiticeiros, magas... Conhecia tudo aquilo como a palma de sua mão. Nenhum proveito enxergava naquilo, apenas desperdício de tempo e de dinheiro.

Quando os sortilégios não davam certo, os magos e feiticeiros consultados invariavelmente recorriam à mesma resposta:

- Não fizeram direito o que foi recomendado. Tentem novamente.

Novas tentativas, mais frustrações.

Mesmo assim, Mônica estava esperançosa, As histórias sobre aquela mulher eram incríveis. Ela conversava com o Além, descobria objetos perdidos e, em muitos casos, conseguia curar pessoas desenganadas pelos médicos. Aquilo tudo não podia ser invenção.

A intuição de Mônica estava certa. Aquela mulher era, realmente, dotada de várias percepções mediúnicas, que usava, em alguns casos, para ajudar, sem nada pedir em troca daqueles que nada tinham a oferecer. Em relação a outras pessoas, cobrava o que achava justo: de acordo com as posses do interessado, o preço ganhava as alturas.

- Quando iremos conhecê-la? - insistia Mônica.

- Quando você quiser, meu amor - respondia Floriano, mais uma vez sentindo a razão derrotada diante da ternura daquela que, novamente, se entregava à ilusão de uma nova esperança.

17

Reunião

A névoa encobria a paisagem. Alguns poucos edifícios deixavam a descoberto parte de sua estrutura. A noite parecia hesitar em entregar ao astro rei mais uma gloriosa oportunidade de refulgir sua luz.

Alguns pássaros cantavam timidamente. Atraíam outros que se juntavam a eles, multiplicando a sonoridade que, ao alvorecer, lembrava uma grande orquestração musical.

Mônica e Floriano despertaram e caminham juntos para a sala de refeições.

- Só um cafezinho, meu amor. Não tenho apetite.

- Mônica, você precisa comer, a primeira refeição é a mais importante do dia. Sua saúde depende da alimentação sadia. Não temos pressa. Coma uma fruta, amor da minha vida... - Floriano, embora infeliz, externava o mesmo carinho de outros dias.

Era sincero. Amava aquela mulher. Só não compreendia sua fixação no passado, que, no seu entender, não passava de uma

patologia que a ciência não conseguia curar. Psicólogos, analistas, médicos psiquiatras, terapeutas não conseguiram ajudá-la.

Mônica sorveu o café e disse que estava pronta para partir.

Antes que Floriano terminasse de beber a água mineral da qual se servia com vagar, postou-se ao lado do carro, ansiosa para partir.

- Não esquecemos nada? - perguntou Floriano.

- O mais importante está comigo. É você! - respondeu Mônica.

Ela parecia outra pessoa. Floriano sabia que aquela alegria não se devia à sua companhia, mas sim à esperança de encontrar na médium - mais uma vulgar exploradora do sofrimento alheio - o remédio para suas aflições.

"Uma esperança que, infelizmente, vai durar pouco", pensou ele.

- Em menos de meia hora estaremos lá. Vamos sem pressa, apreciemos a paisagem. Quanto tempo faz que não passeamos pelo campo? - perguntou Floriano.

Mônica estava entregue aos seus pensamentos. Pareceu não ouvi-lo. Habituou-se a desligar-se de tudo para viver no seu próprio mundo.

Mais uma vez sentia o acender de uma chama vigorosa: a esperança da cura. Quem sabe um milagre traria de volta o filhinho que havia perdido... Deus não era misericordioso?

Quem sabe a médium, que veio de tão longe, e ajudou tanta gente, pudesse curar seu corpo e devolver-lhe a possibilidade de ser mãe?

"Para Deus, nada é impossível", pensava ela. Desiludida com a vida, Mônica ainda acreditava no Criador e aguardava a oportunidade de ser feliz.

Veloz, o carro de Floriano serpenteava pela paisagem. Entregue à solidão, o médico acelerava o veículo além dos limites. Parecia querer atravessar uma barreira invisível e projetar-se em outra dimensão.

A meia hora vaticinada pelo médico reduziu-se pela metade. Em breve estavam no sítio onde a médium havia fixado residência. A propriedade parecia entregue ao descaso. A antiga construção, encravada entre o matagal e árvores frondosas, abria-se aconchegante para aqueles que buscavam o seu interior.

- Bom dia! Vou descer para recebê-los! - gritou uma jovem, do alto de uma escada, ocupada em reparar a fachada da mansão. - Podem me chamar de Margarida. Venham, vamos entrar... - Confundindo solicitude com afetação, a mulher pediu que entrassem e se acomodassem.

Observando o ambiente onde se encontravam, Floriano e Mônica perceberam quando outro veículo aproximou-se da casa.

"Mais visitantes em busca de milagres", imaginou o médico. "Outros iludidos."

Da imensa janela, detiveram o olhar no carro luxuoso, do qual desceu um casal acompanhado de um lindo menino, dos seus seis ou sete anos. Margarida os acompanhou até a sala e os acomodou junto de Mônica e Floriano. Em seguida, um homem alto também foi convidado a entrar.

"Hoje o movimento está bom... Os clientes chegaram cedo...". O sarcasmo tomou conta dos pensamentos de Floriano.

No ambiente espiritual daquele lugar, entidades rodeavam curiosamente os visitantes, como se buscassem descobrir os seus propósitos.

18

Consulta espiritual

A sala na qual se encontravam era exótica. Quadros das mais variadas tendências espalhavam-se pelas paredes, alguns seriamente danificados pela umidade.

O mobiliário também não era uniforme. Vários estilos se confundiam: o novo e o antigo disputavam o mesmo espaço. As cortinas pareciam pesadas, desproporcionais às necessidades do ambiente.

"Parece que estamos num museu. No museu dos horrores", pensava Floriano.

- Que Deus nos abençoe! Bom dia a todos! - Carla, a médium de cura, sequer apresentou-se.

Seus olhos negros e penetrantes vasculharam o interior de cada um que ali se encontrava, sem deter-se, em especial, em nenhuma pessoa. Uma pequenina cruz decorava seu colo, destacado por generoso decote. Seu perfume era sedutor e sobrepunha-se aos demais odores do ambiente.

- Ela é bonita, Floriano! - Mônica comentou em voz baixa.

- Não a julgue pela aparência - respondeu o médico, sem desviar os olhos da linda e exuberante mulher.

Seu cabelo, negro e sedoso, estava preso, moldura perfeita para o rosto delicado e expressivo. Dos lábios pintados de carmim escaparam algumas palavras sussurradas para Margarida, que depressa se retirou e fechou a porta, isolando a sala.

O cortinado foi cerrado, a meia-luz tomou conta do aposento.

- Não há nada a temer. Precisamos apenas preparar o ambiente para os espíritos se manifestarem - esclareceu a médium, voz agradável e firme.

O menino que acompanhava o casal de visitantes se assustou com alguns pequenos animais engaiolados, que descobriu num canto da sala.

- Não tenha medo, queridinho, eles estão presos. - Carla afagou o cabelo loiro da criança, que pareceu acalmar-se com a súbita demonstração de carinho.

- Vamos nos sentar à mesa, por favor. - Carla acomodou-se à cabeceira e fechou os olhos suavemente.

- Vamos atender em primeiro lugar o casal com a criança.

Uma réstia de sol penetrou na sala, lembrando que ainda era dia.

Um estranho perfume, um aroma silvestre, espalhou-se pelo ambiente, ao mesmo tempo em que o rosto da médium se transfigurou. A expressão jovial, alegre, fora substituída por uma aparência severa: parecia outra pessoa.

Carla estava submetida a outra inteligência, que a tomava para se expressar. Foi quando começou a falar. Seu tom de voz era outro, bem como o pronunciar de cada palavra. Dirigindo-se ao casal com a criança, Carla - ou quem estivesse falando por seu intermédio - manifestou-se:

- *Não se aflijam, meus amigos. O menino é o responsável pelo desaparecimento dos objetos e alimentos de sua casa. Foram escondidos pelo cãozinho de estimação da família.*

- E nós mudamos de casa pensando que um fantasma estava nos atormentando! - disse o senhor, até então calado ao lado da esposa e do menino.

- Amigo, *há fundamento em sua afirmação. Um espírito brincalhão provocou tudo isso e usou a criança, com a qual não simpatiza, e o animal, para realizar seu intento* - disse a médium.

- Eu... - O homem queria continuar, mas a entidade que se manifestava por intermédio de Carla o interrompeu:

- *Seu caso está resolvido. Agora, vamos atender o próximo.*

19

Lição de caridade

O perfume se fez mais penetrante. O ambiente parecia envolvido pela suave fragrância da manhã. Carla retomou a consciência.

Mônica se desesperou. Queria ser atendida naquele dia.

- Senhora! Por favor! Quero ter um filho! Não posso! Me ajude, pelo amor de Deus! - Mônica perdeu o controle de suas emoções. Floriano, constrangido, manteve-se calado, observador vigilante de tudo o que acontecia no ambiente.

- Acalme-se, querida. As almas vão falar com você. Temos muito tempo - respondeu a médium.

Carla agitou-se na cadeira. Novamente sua face transmutou-se. Era outro alguém que falava por seu intermédio:

- *Só o amor constrói, meus irmãos. O temor, a angústia, a incerteza envenenam a alma... Sejamos humildes porque Deus é todo humildade. De nada nos vale a fúria, a revolta. Elevem a inteligência para o mais alto e se entreguem a Deus. Quem não perdoa não merece, ainda, a felicidade. Amar é perdoar, é esquecer o mal que*

nos infligiram! O futuro da humanidade depende do aprendizado dessa lição.

O silêncio dominou o ambiente. O anônimo comunicante do mundo invisível continuou a falar, dirigindo-se a Mônica:

- *Foi no passado que gravamos o sofrimento que agora nos alcança. O filho perdido foi espinho cravado no ontem. Esperança! Alguém se apressa retornar! Há mais de três séculos, irmãos queridos, dois amigos praticaram um crime terrível que lhes coube agora resgatar... Perderam a vida para resgatar o passado delituoso, quando mataram para tomar posse do dinheiro alheio...*

Floriano ouviu a explicação sem lhe dar crédito. Sentia-se atraído por Carla, rendia-se à sua beleza, ao seu encanto, mas não àqueles que se manifestam por intermédio de sua mediunidade.

Por um instante envergonhou-se ao admitir que fora seduzido por aquela mulher exótica.

"Agora vai me pedir dinheiro. Um bom dinheiro", pensou o médico.

Para ele, Carla era mais uma neuropata, também necessitada de ajuda médica.

- *Não se entreguem aos tormentos da alma! Seu irmão não foi o culpado do crime! Ele não morreu! Continua vivo em outra instância da existência! Senhora, suas aflições terminaram. Um filhinho está a caminho dos seus braços: é seu irmão quem retornará para encontrar-se com seu coração! Confie em Deus. Não se entregue à tristeza. Alegre-se com o lar com que o Criador a presenteou, com aquele que está ao seu lado, temeroso por sua saúde. Agradeça o que tem em suas mãos, seja resignada e prepare-se para receber a consolação do Pai!*

Mônica não sustentou as lágrimas que se derramaram sobre o rosto, empalidecido pela surpreendente revelação:

- Eu sabia! Júlio não matou ninguém! Vou ser mãe! Meu Deus, obrigada!

A alegria transbordava do coração daquela que se sentia, naquele instante, tocada pela esperança de ser mãe.

- Floriano, você vai ser pai! Nós vamos ter um filho! Não me enganei. Abençoada mulher! Que Deus lhe dê muitas alegrias, minha senhora. Que Deus abençoe seu lar! Não sei o que fazer para agradecer tanta caridade!

O médico não sabia o que dizer. Calou-se diante da cena que lhe parecia uma triste comédia, encenada para arrancar do seu bolso uma boa quantia de dinheiro.

Era um homem muito conhecido na região e sua fortuna certamente era conhecida por Carla. A médium lhe pareceu uma mulher inteligente. Não perderia uma oportunidade como aquela.

Mônica, vulnerável como se encontrava, era uma presa fácil. Floriano arrependeu-se de ter consentido em realizar a vontade da esposa. Contrariado, procurou manter-se sentado. Sua intenção era abandonar de imediato o local e arrastar a esposa consigo, sem sequer despedir-se da anfitriã. Mas o fascínio que sentia pela beleza de Carla o mantinha preso ao local.

"De onde veio essa mulher tão encantadora?", perguntava-se o médico.

Carla, inspirada pela entidade que se manifestava, continuou a falar:

- O *assassino escondeu-se dos homens, mas Deus o observa onde estiver. Preces para o criminoso! Ele...*

Nesse momento, um grito interrompeu a manifestação. Um dos presentes se manifestou, visivelmente perturbado:

- Não, pelo amor de Deus. Não aguento mais. Me ajude, por piedade.

20

O assassino

— Eu não pretendia matar o padre Marcelo! Deus sabe disso! - Desesperado, o homem alto, anônimo expectador da manifestação espiritual com a qual Carla contemplava a escassa platéia, confessou o crime. - Eu juro! O moço não matou o padre. Fui eu. Há cinco anos não tenho paz! Que Deus me perdoe! Foi para isso que vim até aqui. Vivo atormentado... Fui expulso do exército, e, há anos, o destino me trouxe até esta cidade, onde fui empregado como jardineiro da casa paroquial. Perdi uma grande importância no jogo e planejei roubar o padre, mas não queria lhe causar nenhum mal. Ele me ajudou muito. Era um bom homem. Não podia imaginar que iria resistir quando o ataquei. Foi fácil entrar no edifício, o prédio estava vazio. Não sei como tudo isso aconteceu. Só me dei conta quando ele desabou na direção da morte. Vivo num inferno, ouço acusações... Não durmo, não vivo.

O homem encerrou sua confissão, ostentando na face o terrível sofrimento que lhe fustigava a alma. Ajoelhou-se

e deixou-se dominar pelo pranto, a voz embargada e o suor a brotar dos cabelos ralos. Chamando a si a culpa, isentou Júlio de todo envolvimento:

- O moço não teve culpa. Fui eu. Deus me perdoe! - gritou bem alto, sem temer as possíveis consequências da surpreendente confissão.

Durante alguns instantes todos se mantiveram imobilizados. Nenhuma palavra foi pronunciada.

"Mas o que está acontecendo aqui?", perguntou-se Floriano.

Mônica apertou suas mãos, como se buscasse ancorar seus sentimentos.

"Nunca acreditei que Júlio fosse o culpado da morte do padre Marcelo. Meu irmão nunca foi um assassino!", consolou-se Mônica, em silêncio.

21

O perdão

Floriano levantou-se e socorreu o homem que parecia vítima de uma crise nervosa. Mônica não escondeu sua alegria, mesmo diante do sofrimento daquele que assumiu, de público, a culpa por um crime tão grave.

- Devo graças a Deus que nos conduziu até aqui!

Floriano foi obrigado a reconhecer que estava diante da verdade. Aquilo não parecia uma encenação. A médium não era uma farsante: tratava-se de uma incrível coincidência.

Diante do criminoso, Mônica abriu seu coração. Não era capaz de sentir ódio daquele que, indiretamente, era também o culpado pela morte de Júlio, seu irmão querido.

- Que Deus o perdoe, seja o senhor quem for. Eu o perdôo, meu irmão também o perdoaria, de nada o acuso. - Mônica abraçou o criminoso, que deu mostras de recuperar o controle.

- Minha senhora, o que posso dizer? Nada mereço além do castigo de Deus... Peça a Ele pela minha alma. Não tenho

descanso. Dia e noite ouvi vozes que me cobravam a confissão que fiz hoje. Peça a Deus que me perdoe. Rogue ao seu irmão, ao bom padre, que não permitam que Deus me atire ao inferno.

- Acalme-se senhor. O pior já passou. - Tanto quanto possível Mônica procurou consolar aquela pobre alma, condenada pela própria consciência a viver, na Terra, o inferno que imaginara em outro lugar.

Cedendo aos encantos da médium, Floriano foi ao seu encontro. Com o pretexto de agradecer o auxilio espiritual recebido, estendeu a mão direita em sua direção.

- Sou muito grato pela ajuda que prestou à minha mulher. Ainda não fomos apresentados: meu nome é Floriano.

- Ouvi falar muito bem do senhor, doutor Floriano. Não fiz mais do que a minha obrigação, não me agradeça.

Em reservado, longe da observação dos presentes, Floriano conversou com a médium, a quem ofereceu valiosa gratificação. Pediu a ela que o ocorrido fosse mantido em segredo. Não desejava revolver o passado. Cabia-lhe satisfazer o pedido da esposa: que o criminoso fosse perdoado e esquecido, rumasse para outro lugar, longe dali, e seguisse o seu destino.

- Como quiser, doutor. - Carla, sorridente, desdobrou-se em gentilezas, cercando o médico com solicitude. - Mas o senhor não vai embora assim tão depressa. Convido-o a brindar por nossa amizade. Algo me diz que seremos bons amigos!

O coração do médico disparou. Carla pronunciara as palavras que mais desejara ouvir. Envolvido pelos seus encantos, o médico fazia planos para revê-la o mais depressa possível.

Os demais concordaram em guardar segredo sobre o que acontecera naquele dia. Margarida, prestativa, serviu um chá com torradas que ajudou a desanuviar o ambiente.

Floriano, junto de Carla, ouviu sua história. Ainda bem jovem, fora expulsa de um convento, onde ficara conhecida como "a endemoniada". Considerada mais uma das chamadas "monjas possessas", sem outra alternativa, resolveu dar curso à mediunidade e dela fazer profissão.

Não lhe interessava colocar sua mediunidade a serviço de uma instituição. Considerava-se independente demais para isso:

- Sou autodidata, sempre estudei por conta própria. Não nasci para ficar presa a um grupo. Bem que tentei, mas não me adaptei a nenhuma das instituições que insistiram para que eu fizesse parte delas. Aqui estou por minha própria conta.

Carla, "a endemoniada", a médium de cura, a vidente, era portadora de vários tipos de mediunidade, que usava em proveito próprio, embora também auxiliasse aos que buscavam socorro em suas aflições, sem ter como pagar.

Obsessores a acompanhavam e, tanto quanto possível, sempre que uma brecha se abria, graças às imperfeições morais da médium ou do seu cliente, interferiam no destino dessas criaturas. Carla sabia do poder dessas entidades, e as manipulava de acordo com seus interesses.

Piedosos, os benfeitores espirituais se valiam dela, quando necessário, tal qual diante de Floriano e Mônica, para auxiliar aqueles que acumulavam méritos para tanto. Carla foi o instrumento ao alcance dos Espíritos de Luz, que dela se

apropriaram para levar esclarecimento e esperança ao casal aflito e desesperançado.

Fascinado pela beleza de tão sedutora mulher, o médico a contemplou embevecido até o momento em que foi forçado a despedir-se. Prisioneiro dos encantos da médium, foi assaltado pela paixão. Não conseguia desviar o curso de seus desejos: Carla, além de belíssima, era inteligente. Conversava sobre os mais variados assuntos, sabia ouvir, era agradável e otimista. Quando suas mãos gentilmente tocaram o médico que a cumprimentava, Carla sentiu que ele estava em seu poder.

Foi com o coração angustiado que Floriano deu partida no carro. Preferia permanecer ali, ao lado daquela mulher, a retornar à tediosa companhia de Mônica, sempre distante e indiferente ao seu afeto. Carla era diferente. Mulher sensível, inteligente...

"Ela me pareceu muito sincera. Atende aqueles que não podem pagar e cobra de quem dispõem de recursos para tanto. Afinal, ela precisa viver", pensava o médico, exaltando alguém que, horas atrás, julgara uma vulgar exploradora da dor alheia.

De volta ao lar, Mônica tornou-se outra mulher. Seu pranto secou. Em casa, sua primeira providência foi orar. Queria agradecer a Deus a graça alcançada. Observou o silêncio do marido, mas o atribuiu às emoções vividas naquele dia. Mônica desconhecia a serpente que se insinuava entre o casal. Floriano estava perdidamente apaixonado por Carla.

22

Dupla obsessão

Alguns dias depois, Floriano acelerou o carro na direção do sítio de Carla. Não conseguia esquecê-la: seus pensamentos se voltaram para ela, não obstante seu empenho em resistir-lhes, em se dedicar a outros interesses. Mas, não! Sentia a presença de Carla, seu perfume, queria acariciar seu cabelo, perder-se nos seus braços, arrastá-la junto de si, confessar sua paixão.

Floriano não telefonou para comunicar sua visita. Estava ansioso demais e não suportaria uma recusa.

"Ela vai ter de me atender. Preciso tocá-la, abraçá-la, custe o que custar. Não posso mais viver longe dessa mulher. Ela me devolveu o desejo de amar e de ser amado."

Pensando assim, acelerava o carro.

Floriano respirou aliviado, ao perceber que era o único visitante daquela tarde. Não havia nenhum veículo estacionado diante do casarão.

"Enfim sós!", suspirou, animado com a possibilidade de envolvê-la de imediato em seus braços.

A vidente o recebeu como se o aguardasse há algum tempo. Não perdeu tempo em considerações e o abraçou afetuosamente, impregnando-o com seu perfume inconfundível.

- Por que demorou tanto, doutor? Nós temos muita coisa para conversar.

- Carla, eu tenho muitas dúvidas, eu...

- Doutor, temos todo o tempo do mundo. Fique à vontade. Os empregados não estão em casa e hoje não vou receber ninguém. Já almoçou?

- Não se preocupe comigo...

- Claro que eu me preocupo. São quase duas horas da tarde. Vou preparar alguma coisa.

- Esperava por mim?

- Digamos que tive um pressentimento. Um anjo me disse que um homem muito bom, muito importante, me daria a honra de sua visita.

- Que mais ele lhe disse?

- Que nós vamos ser muito felizes. - Carla abraçou o médico e o beijou nos lábios.

Durante alguns instantes Floriano sentiu-se transportar deste mundo. Respondeu com um forte e demorado abraço.

"Carla está em minhas mãos", pensou o médico, quando, na verdade, era ele quem caía em uma formidável armadilha.

- Sou um homem casado, você sabe.

- Sei também que você me ama. É isso que importa. Não quero saber mais nada. Foi o destino que nos aproximou.

Floriano capitulou não apenas diante da beleza de Carla. Nela o médico também enxergava alguém muito especial, capaz

de abrir-lhe os portais da espiritualidade, dar asas a fascinantes considerações que lhe permitiriam entender a natureza da eternidade. Que mais poderia desejar?

"Uma amante do outro mundo", imaginou, rindo-se da própria consideração.

Carla cumpriu seu papel. Floriano foi vítima de terrível obsessão. Não controlava mais seus passos. Em busca do amor, o médico caiu na ardilosa armadilha das sombras.

Tão vigilante tempos atrás, não percebeu que se converteu em marionete de entidades que desejavam torná-lo o mais infeliz de todos os homens.

A partir daquele dia, as visitas ao sítio se sucederam. Cúmplices, os dois se entregaram à volúpia de uma paixão sem limites.

Médico bem-sucedido, proprietário de terras valorizadas e produtivas, homem respeitado pela sociedade e cercado de amigos, ele agora usava o dinheiro para retribuir as carícias da vidente.

Cobria a mulher de presentes, jóias, roupas, calçados, pagava suas contas sem hesitar, forrava sua bolsa com notas graúdas que a tornavam ainda mais sensível às suas necessidades afetivas.

23

Infidelidade

Mônica, ao contrário de Floriano, retirou da experiência mediúnica forças para ir ao encontro de uma vida melhor. Para ela, o espírito que se comunicara por intermédio da vidente era o próprio padre Marcelo. Disso não tinha dúvidas.

Era ele mesmo, que retornava do Além para esclarecer e consolar. Enfim, Deus atendera suas preces. Alguns meses depois, descobriu que estava grávida. A notícia foi apenas uma confirmação do que lhe parecia, mesmo antes de recebê-la, um fato consumado.

Em espírito, padre Marcelo não havia dito a ela que o filhinho estava a caminho? Era só ter fé e aguardar - e foi assim que ela se comportou. A recompensa era merecida. Em suas orações, não se cansava de pedir por Carla: que Deus a abençoasse! Santa mulher! Por vezes, insistia em retornar à casa da vidente, mas Floriano, disfarçando o verdadeiro motivo da recusa, a convencia de que devia evitar emoções fortes.

- O que ela podia fazer foi feito. Procure se fortalecer. Poupe seus nervos. Nosso filhinho precisa de você para nascer com bastante saúde...

Mônica deixava-se convencer pelo marido. Afinal, como médico, sabia o que era melhor para ela.

24:

O começo do fim

Floriano, nas mãos de Carla, não recusava a satisfação de nenhum desejo dela. A vidente aproveitou para reformar a casa e dar ao sítio ares de limpeza e modernidade.

As reformas deram outro aspecto à antiga moradia, agora decorada por um jardim bem-cuidado. As flores silvestres deram lugar a espécies mais refinadas, entre elas rosas de todos os matizes.

As gaiolas que mantinha no salão da casa foram retiradas. Os pequeninos animais, prisioneiros da vidente, ganharam lugar reservado, pensão mais generosa e a salvo de olhares curiosos.

Carla vestia-se agora com mais apuro: abandonara o uso de batas exóticas, sandálias rústicas e a maquiagem exagerada. Frequentava os salões de beleza, onde não media despesas para se embelezar.

O mobiliário da casa foi melhorado com a aquisição de novas peças. Outras, consideradas de mau gosto pelos amantes,

foram doadas. As prateleiras estavam abarrotadas de estatuetas e outras miniaturas.

Avisada com antecedência das visitas do médico, Carla perdia-se em preparativos que a tornavam ainda mais sedutora. Quando o carro de Floriano estacionava no jardim, estava pronta para recebê-lo em seu quarto, decorado com motivos orientais e onde queimavam o incenso e a mirra.

Os dias galopavam, trazendo as semanas e os meses. Floriano esgotava-se nos prazeres de uma vida ilusória. Suas ocupações foram reduzidas a segundo plano. Abandonara a vida familiar. Em casa, vivia gritando:

- Trabalho demais! Os administradores das nossas terras são incompetentes! Não posso desgrudar um minuto dos negócios, senão vai tudo por água abaixo!

Mônica recolhia-se, atemorizada com o comportamento de Floriano.

"Ele nunca foi assim. Nem parece o mesmo homem. Será que está preocupado com o nascimento do filho? Deve ser isso. Seus nervos estão esgotados. Não tem fé em Deus e receia que percamos o pequenino que carrego comigo. Pobrezinho... Não sabe que estamos prontos para viver a maior felicidade de nossas vidas", consolava-se Mônica.

Certa manhã, ansioso pela companhia da médium, que lhe satisfazia o corpo e a alma em deleites extravagantes, Floriano partiu na direção do sítio. Estacionou o carro à frente à casa e foi recebido com reservas por Margarida, a empregada da vidente.

- O que aconteceu? - perguntou ele, surpreso com a recepção.

- Dona Carla não está bem, doutor. Está deitada, não levantou para nada. Venha comigo.

No quarto, às escuras, a jovem estava envolvida em uma manta. Olhos lânguidos, expressão que não ocultava um mal-estar, Carla não escondeu o que lhe incomodava:

- Estou grávida, Floriano.

Subitamente, o médico despertou de um longo sonho. Retornou à realidade de imediato, sem contemplações.

"Um filho? Com Carla? Que absurdo! Com uma mulher dessas? Um filho com o meu nome? É o meu fim!"

- Como isso aconteceu? - perguntou.

- Você é quem deveria saber. Lembre-se: foi você que receitou o anticoncepcional - respondeu Carla, sem hesitar um instante diante daquele que, no dia anterior, comportara-se como o mais apaixonado dos amantes, carinhoso e compreensivo.

A partir desse dia, Floriano recobrou, aos poucos, a consciência. Percebeu o mal que semeara para si mesmo. Não negou apoio e recursos a Carla, mas evitou, tanto quanto possível, visitá-la.

Dedicou-se mais ao trabalho. O tempo disponível oferecia a Mônica, que entendia no seu interesse o desejo de ampará-la no período da gravidez.

Carla sofreu muito com a ausência do médico. Para onde fora o amante apaixonado que satisfazia todas as suas vontades? Sentia-se só, desprezada e substituída por outra mulher, aquela que passou a considerar como perigosa rival: Mônica. E arrancara Floriano de seus braços!

- Eles me pagam! Entre o meu filho e o dela, ele ficou com o herdeiro legítimo de sua fortuna. Não passo de uma intrusa em

sua vida. Meu filho não significa nada para ele. Usou e abusou de mim e agora me descarta como se eu fosse uma mulher qualquer. Floriano não sabe com quem está lidando. Vai pagar muito caro pelo que está fazendo comigo. Se ele pensa que o dinheiro que me deu foi suficiente, está muito enganado!

- *Nunca é tarde para sofrer...*

Sonoras gargalhadas se fizeram ouvir no mundo espiritual. Entidades comprometidas com o mal se deleitavam com o sofrimento da médium, que estava, naquele instante, sob sua maligna influência.

25

O fim de um amor

O outono entristece a paisagem. As folhas caem, sem vida. Floriano retomou a vida social, procurando afogar seus remorsos. Trabalha nos limites das forças, cumpre os compromissos profissionais com zelo e dedicação. Os encontros com a vidente perderam o encanto de outrora.

"Como pude me deixar envolver por tal mulher? Onde estava com a cabeça? Trocar Mônica por uma aventureira que nunca me revelou o seu passado? Sabe Deus o que ela escondeu de mim. Acreditei, fui iludido por mim mesmo. Pobre Mônica. Não merecia essa traição. Se ela descobrisse, nunca me perdoaria. Se fosse possível, eu voltaria atrás", refletia o médico.

"Não posso negar que ela me ajudou a vencer a tristeza, a depressão que invadiam minha alma. Mas hoje percebo o que aconteceu. Tudo não passou de uma barganha. Em troca do meu dinheiro, ela me deu amor. Nada lhe devo. Me excedi nos gastos, a enchi de presentes. Não neguei nenhum de seus pedidos.

Reformei a casa que estava quase desabando, presenteia-a com um carro novo. Desfalquei minhas economias para comprar a mobília que me pediu, as roupas e os perfumes importados, a gratificação para seu casal de empregados... Quanto dinheiro ela me extorquiu com um sorriso nos lábios!"

O que preocupava o médico não era a fortuna de que abriu mão para satisfazer as vontades da amante insaciável. Sua alma estava angustiada porque pressentia que sua vida nunca mais seria a mesma.

"Que absurdo! Imaginou que um filho me prenderia ao seu lado para sempre. Não posso acreditar que usou de tal artimanha para me acorrentar aos seus pés. Víbora! Serpente maligna! Não quero, mas não consigo deixar de sentir o seu perfume. Sinto falta dos seus abraços, dos seus beijos, do que me parecia uma lua de mel que duraria para sempre. Como pude ser tão ingênuo? Por que não dei ouvidos à minha consciência? Carla, de quem é esse filho que você carrega no ventre?"

Floriano transpirava por todos os poros. A febre que o consumia em espírito transbordava para o corpo. Dores de cabeça o afligiam e o médico, que, costumeiramente, evitava os analgésicos, passou a fazer uso deles indiscriminadamente.

"Tudo isso não passa de um pesadelo. Quero despertar e retomar minha vida ao lado de minha esposa, como se nada tivesse acontecido. Mais essa agora: Carla quer me fazer seu marido e pai de uma criança que nunca desejei! Que castigo! Mônica não vai suportar a minha traição! Me deixei levar pelo desejo, fechei os olhos para a felicidade que estava ao meu lado. Mas não posso abandoná-la de uma hora para outra. Vou me

afastar aos poucos. Quem sabe apareça alguém que ocupe o meu lugar e dê a ela o que tanto deseja: dinheiro!"

A entrega, de parte a parte, não era mais a mesma. O que acontecera? A paixão esfriara. O metal, incandescente, quando mergulhado na água, esfria e se enrijece. Floriano agora era o portador de um coração de pedra. Nele não se encontrava o reflexo de nenhum sentimento. Carla era apenas um corpo. Nada mais.

Revoltada com o abandono, a vidente foi, pela primeira vez, ao seu encontro no consultório. Floriano recusou-se a atendê-la, o que alimentou ainda mais a revolta de Carla.

- Doutor, ela insiste em falar com o senhor - disse a enfermeira.

- Só atendo com hora marcada. Peça-lhe para telefonar e marcar um horário. Talvez daqui a duas semanas, quem sabe.

- Ela parece muito abalada, doutor Floriano.

- Nesse caso, deve procurar um psiquiatra, não um clínico geral. Mande entrar o próximo.

Constrangida, a enfermeira procurou transmitir a recusa do médico.

- Sinto muito, dona Carla, mas hoje é impossível. O doutor está atendendo um caso de emergência. Não poderá recebê-la.

Sentindo-se rejeitada, Carla entregou-se a pensamentos de ódio e vingança.

"Fui usada. Agora ele me joga fora, como um brinquedo quebrado. Nem sequer se deu ao trabalho de me cumprimentar. Como o senhor mudou, doutor Floriano... Tudo isso é medo de perder sua mulherzinha, seu prestígio na cidade, sua clientela endinheirada? O que eles diriam se soubessem do nosso amor?

Doutor Floriano envolvido com uma charlatã... É disso que ele foge. O amor que jurou a meus pés, as lágrimas que derramou em meus braços agradecendo nossas noites de amor, tudo isso se perdeu. Floriano não é um homem. É um irresponsável que tem medo de me assumir."

Carla se afastou da clínica, remoendo suas aflições.

"Nunca mais ponho os pés nesse lugar. Hipócrita. Esse filho é seu, Floriano. Você vai assumir a paternidade, mesmo que seja forçado a isso."

De volta ao lar, o médico se esqueceu do assédio da amante. "Ela vai se conformar", dizia para si mesmo. "Não passei de mais um na sua lista de clientes. Agora entendo que a vida não é só prazer. Aqueles que se entregam ao prazer pagam um preço muito alto. Quase perdi o que é mais importante para mim: minha esposa, minha carreira, meus bens..."

Agora, era a vez de Mônica receber os carinhos de Floriano. O médico sentia-se feliz ao vê-la admirar os brinquedos que levava para presentear o bebê que ainda não nascera. Nunca imaginara viver uma felicidade tão grande.

Floriano seria pai duas vezes, por intermédio de duas mulheres.

Uma delas tinha seu carinho, seu amor. À outra, relegava apenas o esquecimento. Um filho era esperado como um príncipe. O outro, indesejado, tal qual um visitante inconveniente.

Mônica entregou-se a Deus e esperava o momento da maternidade com grande esperança. Era feliz.

Carla não sabia o que a aguardava, mas pressentia o pior. Desprezada, destilava o veneno da destruição que trazia em

si mesma. Maltratava aqueles que a procuravam em busca de caridade e desprezava os que lhe acenavam com gratificações. Dias difíceis se avizinhavam. Margarida, a fiel criada que a servia há anos, acompanhada de seu marido, preocupava-se com seu estado de saúde.

- A senhora não pode se entregar, dona Carla! Ainda é jovem. Esqueça o médico. Vá se divertir! Faça uma viagem. A senhora tem muito dinheiro, saia dessa cidade miserável cheia de pedintes que batem à sua porta pedindo caridade, sem nada ter para pagar os favores que recebem! Procure os ricos, que pagam muito pelos milagres que a senhora faz!

- Cale-se! Olhe para você mesma! Quem é você para me aconselhar? Uma pobre coitada que apanha do marido, um bêbado inútil, um miserável que sustento com o meu dinheiro. Veja no espelho as marcas do seu rosto: você está ficando velha. Ele só não foi embora porque não encontrou coisa melhor...

- Dona Carla, pelo amor de Deus, não fale assim. A senhora está muito nervosa. Meu marido tem um bom coração. Me levou ao altar, era tão jovem, tão bonito. Nunca me esqueço daquele dia. Usei o vestido de minha mãe. O destino o maltratou. Ele bebe, mas é porque sofre muito. Está doente, não pode me dar o conforto que tanto prometeu.

- E desde quando promessas de bêbados valem alguma coisa?

Margarida se afastou, em lágrimas. Amargurada com as ofensas daquela a quem servia fielmente há tantos anos, recolheu-se à área de serviço, onde uma pilha de roupas para passar a aguardava. Ligou o rádio e mergulhou no trabalho.

Horas depois, foi arrancada da tarefa. Carla gritava pela casa, enlouquecida:

- Margarida! Não sei o que está acontecendo. Eles não me deixam dormir. Ficam rindo do meu sofrimento. Me agarram, me sufocam! Quem são eles? De onde vieram? Onde os estão os meus guias, que permitem essa algazarra na minha casa? Estou grávida! Vocês sabem disso! Me deixem em paz! Margarida, onde está você? Sua preguiçosa, venha depressa!

Tão depressa quanto lhe permitiam seus pés, Margarida correu até o quarto da patroa.

- Tudo vai dar certo, dona Carla. Vamos rezar para o doutor Floriano voltar.

- Rezar? Para quem? Deus me mandou isso aqui, que estragou a minha vida. - Carla apontou para o ventre. - E agora você me pede para rezar para Ele? Deus nem sabe que eu existo! - Entre soluços, a médium atirou-se nos braços da criada.

Enquanto isso, bem longe dali, tudo eram preparativos no lar do médico. Floriano queria dividir a alegria que ia desfrutar com Mônica e convidou Maria Luíza, sua irmã e única parenta, para passar uma temporada na companhia do casal.

- Minha irmã vai ajudá-la, querida. Ela adora crianças e não vê a hora de o sobrinho nascer. Sei que os empregados a ajudam bastante, que são atenciosos, mas nesse instante você precisa ter ao seu lado alguém da família, alguém do nosso sangue, que a ampare em tudo que precisar, não por dever profissional, mas por amor.

- Floriano, você é o melhor homem do mundo!

O médico desviou o olhar da esposa. Recordou-se de Carla e do erro que cometeu.

"Tudo poderia ter sido evitado! Por que fui cometer esse erro? Um filho com uma aventureira, uma alucinada."

Novamente entregou-se aos mesmos questionamentos.

Espectadores invisíveis riam-se do médico e, felizes com o seu sofrimento, comentavam entre si:

- *Vamos ver se o doutor está preparado para ficar louco. É assim que vamos deixá-lo. Um pobre louco, vítima da paixão!* - As gargalhadas ecoaram na atmosfera fluídica do ambiente, perturbando a felicidade dos moradores daquele lar.

- Floriano, estou com um pouco de dor de cabeça. Você não se importa se eu não o acompanhar no jantar?

- Mônica, minha querida, você precisa se alimentar. Nosso bebê precisa nascer bem forte, para brincar bastante....

- Sei disso, amor, mas alguma coisa me perturbou. Vou me deitar um pouco. Isso passa.

- Vou medir sua pressão, meu amor.

- Não perca tempo, querido. Estou muito bem. É que, de repente, estranhos pensamentos me vieram à mente, me recordando do passado, dos dias tristes em que eu me sentia abandonada por você...

- Ah, então foi isso... Águas passadas não movem moinhos, minha paixão. O que passou, passou. Vou deitar ao seu lado. Mais tarde desço para jantar.

- Por *nossa causa os pombinhos perderam o apetite...*

Mais gargalhadas ecoaram no ambiente. Hóspedes indesejáveis acompanharam o casal até o quarto.

26

Nascimentos

Na madrugada, o choro inconfundível de uma criança se fez ouvir junto de Mônica. O bebê tão esperado chegara, amparado pelo pai zeloso e clínico competente.

Lá fora, a tempestade desabava sobre a cidade. Os céus despejavam a água em torrentes. Alguns bairros da periferia foram alagados. Algumas ruas estavam intransitáveis.

- Enfermeira, por favor, feche a janela do quarto - pediu Floriano.

Instantes depois, o médico, Maria Luiza, Mônica e o bebê encontravam-se no luxuoso apartamento, especialmente reservado para acolher com todo o conforto a família unida pelos desígnios da divina providência.

- Ele é tão lindo! - Mônica sentia o coração transbordar de felicidade.

- Puxou a mãe. Ainda bem que não saiu feio como o pai - comentou o médico, bem-disposto e bem-humorado.

- Quem disse que você é feio, Floriano? - perguntou Maria Luiza.

- O meu espelho!

- Ele é um mentiroso! - rebateu Mônica. — Amor, faça a barba. Não quero que beije o bebê barbudo desse jeito.

Maria Luiza divertiu-se com o pedido de Mônica.

O telefone do quarto soou. Floriano, ato contínuo, atendeu com presteza.

- Doutor Floriano?

- Sim, ele mesmo.

- Venha depressa até a recepção. E uma emergência.

Sem vacilar, Floriano pediu licença aos familiares e alcançou o elevador.

- Vida de médico... Nem mesmo no dia do nascimento do meu filho tenho sossego... - Floriano desconhecia o drama que o aguardava em meio à tempestade que se abatia também sobre sua vida.

Na recepção, encontrava-se Margarida, a criada de Carla, visivelmente perturbada, as roupas encharcadas de água.

- Doutor, venha depressa. Carla está muito mal... A criança nasceu. Eu disse a ela para se internar, vir ao hospital, consultar um médico, e ela não me ouviu. Sente dores muito fortes, está com febre, tem pesadelos, grita e por vezes agride inimigos que teima em ver ao seu redor.

Margarida falava a verdade. Carla corria perigo. Indiferente à vida, parecia querer ganhar a morte.

- Não posso atendê-la, estou ocupado. Peça uma ambulância.

- Pelo amor de Deus, doutor! Sua filha não pode ficar órfã! As duas precisam do senhor!

- Minha filha? O que a senhora está dizendo? Eu não tenho filha. Sou pai de um menino que acabou de nascer. Carla precisa de cuidados especiais, precisa ser removida para o hospital.

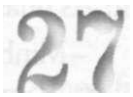
Por um instante, Floriano considerou a possibilidade de mandar outro em seu lugar. Mas não! Não poderia abandoná-la...

"Pobre Carla. Sabe Deus o que aconteceu. Teimosa, confiante nos espíritos, recusou ajuda médica. Agora sofre e ainda nos causa preocupação. Que fazer?"

Na companhia de Margarida, Floriano dirigiu-se, apressado, para o sítio de Carla. O caminho lhe era familiar. Poderia trilhá-lo de olhos fechados, mas não imaginava que, um dia, o faria naquelas circunstâncias.

Enquanto a tempestade castigava a cidade, uma forte tormenta desabava sobre a alma de Floriano.

"Nunca pensei que uma simples aventura pudesse me levar a tantos tormentos. Mas o pior já aconteceu. Vou sair dessa. Mônica não pode saber de nada."



Diante da morte

Sem temer a pista molhada, Floriano disparou a toda velocidade pela estrada. Agora queria evitar o pior. Precisava chegar a tempo.

- Meu Deus! Como isso pôde acontecer! Dar à luz em casa! Isso é loucura! Carla é desequilibrada!

Margarida parecia estar na companhia de um fantasma. Não pronunciava uma palavra sequer. Apagada, nem lembrava a prestativa criatura sempre pronta a agradar a todos. Esperava pelo pior: "Deus ajude que dona Carla ainda esteja viva quando chegarmos".

Na casa, encontram a porta aberta. Adormecido sobre a mesa da sala, o marido de Margarida, entorpecido pela bebida, roncava ruidosamente. Floriano olhou com repugnância para aquele homem, que, imaginava, vivia de expedientes, sanguessuga que gravitava ao redor de Carla, cúmplice sempre pronto a auxiliá-la em seus intentos.

Margarida entrou no quarto e retornou com uma criança nos braços. Pediu que Floriano examinasse Carla, que dormia. O médico ainda tentou se esquivar, não queria enfrentar a amante, ouvir seus lamentos e acusações.

- Ela está bem. Não vamos incomodá-la agora.

- Já que veio até aqui, por que não a examina? - indagou o marido de Margarida, acordado pelo ruído e com a voz ligeiramente alterada.

Margarida, preocupada, também insistiu:

- Por favor, doutor, examine-a. Converse com ela. Dona Carla precisa ouvir seus conselhos. Ajude-a, pelo amor de Deus. Depois que o senhor parou de visitá-la, ela ficou muito abalada. Não é mais a mesma. Deixou de prestar ajuda aos desesperados que nos procuram e não dá atenção àqueles que querem pagar pelos seus serviços. Está muito deprimida. Diz que a criança é culpada pelo seu afastamento. Acusa a Deus, aos seus guias, delira dia e noite.

Constrangido, Floriano entrou no quarto. O perfume agradável de outros tempos foi abafado pelo odor de umidade. Gestos estudados, aproximou-se da vidente. Tocou seu rosto, procurou despertá-la:

- Manhosa, sei que está fingindo. Vamos, quero examiná-la. Vamos ver como está. Abra os olhos. Sou eu, Carla, Floriano. Está tudo bem. Isso vai passar. Em breve você estará pronta para novas aventuras. Não é o que quer?

Ao levantar o lençol que cobria a jovem, Floriano sentiu o corpo paralisado. Carla estava coberta de sangue. Tomou-lhe o pulso, auscultou-lhe o coração. Estava morta. Esperara sua chegada para partir rumo ao Além...

Acostumado a ver a morte de perto, o médico anunciou o ocorrido.

- Venham até aqui. Nada há o que fazer. Carla está morta.

Um grito de terror desprendeu-se da garganta de Margarida, que devolveu a criança ao berço. Aquela a quem estimava tanto, como uma irmã, não fazia mais parte desse mundo.

- Eu avisei a senhora. Por que não foi para o hospital? A parteira disse que era caso de vida ou morte. Agora é tarde. A senhora nos abandonou. O que vai ser de nós? E sua filhinha? O que vamos fazer da vida? E o senhor, doutor Floriano, não diz nada? Não está arrependido do que fez com ela? Pobrezinha, morreu por falta de amor!

Floriano olhou para o cadáver e emudeceu. O remorso se apoderou de sua mente. Margarida estava certa. Ele era o culpado. Mas Carla sabia do seu casamento; o médico nunca escondera sua situação. Sempre deixou claro que não pretendia abandonar o lar. Nessas ocasiões, Carla parecia compreensiva e suas palavras eram sempre tranquilizadoras: "Quero apenas o seu amor. Sei que é todo meu. Não me importo com mais nada".

A voz embargada, Floriano capitulou diante da culpa.

"Não faz nem sequer um ano que nos apaixonamos, e agora ela está morta. Se eu tivesse vindo antes! Carla precisava de ajuda! Mas não tive culpa. Pensei ser apenas mais um em sua vida, uma simples aventura. Ela só me pedia dinheiro, presentes caros...", ele pensava, tentava se justificar e encontrar explicações para o comportamento da médium.

"Hemorragia fulminante. Ninguém poderia salvá-la aqui, tão longe do hospital", considerou o clínico.

A flor estava morta, e com ela o perfume que exalava e que, por tantas vezes, encantara Floriano. Inconsolável, ele derramou lágrimas sentidas, que procurou ocultar daqueles que o acusavam com o olhar. Diante do cadáver daquela a quem negara amor nos últimos dias da existência, Floriano se consolava com as palavras da médium, guardadas em sua memória: "Ninguém morre, Floriano. Depois que o corpo falece, nós, em espírito, habitaremos o outro mundo. Muitos ficam por aqui mesmo, mas a maioria parte na direção de algum lugar".

"Ela deve ter sofrido muito. Carla me amava, e eu a abandonei. E agora, o que fazer com essa criança? É minha filha. Nossa filha, Carla. Fruto de uma paixão proibida. Que fazer, meu Deus? Agora tenho um filho, o que dizer para Mônica? Não posso perder a razão. Carla não morreu! Não foi ela quem me provou que somos espíritos eternos? Vou amparar nossa filha, Carla, mas não em minha casa. Não posso, não me peça isso."

Aos poucos, Floriano afastou-se do leito onde o corpo de Carla dormia para sempre.

Nesse momento, alguns vizinhos entraram no quarto. Floriano foi considerado o médico que veio em socorro de Carla, apenas isso. Margarida e o marido mantiveram-se em silêncio. Submissos ao clínico, esperavam que ele os gratificasse por mantê-lo longe das atenções.

- Está vendo, Margarida? Os homens são assim. Aproveitam-se das mulheres e, quando elas não servem mais, as abandonam pelo caminho. É bom que você aprenda a lição e dê valor ao seu marido. - A criada calou-se, mais uma vez, diante do comentário irônico do cônjuge.

- *Uma já foi.* Agora *faltam o médico e sua queridinha. Vejamos o que podemos fazer. Vamos nos juntar aos nossos amigos que nos aguardam na mansão do nosso doutorzinho...* - Ao lado do corpo de Carla, habitantes do mundo das sombras cogitavam providências.

28

Órfã mais uma vez

A chuva que desabou durante a madrugada refrescou o campo. Os primeiros raios de Sol não encontraram nuvens. Os pássaros cantavam alegremente, como só o fazem nas manhãs ensolaradas.

Floriano, recolhido à dor que o afligia, não via nada além da morte que passou por ele e carregou Carla. Mas a vida lhe entregava mais um presente: uma linda menina.

"Não sou culpado de sua morte. Ela deveria ter procurado um hospital. Foi uma irresponsabilidade ter uma criança em casa. Que absurdo, nos dias de hoje! E para onde foi a parteira que a atendeu? Fugiu quando viu cliente à beira da morte? Não posso perder a razão! Até agora me entreguei à paixão, mas não cairei outra vez na mesma armadilha. Carla e sua filha não fazem parte da minha vida! Basta! O dinheiro resolve tudo. Não vou perder a calma. Preciso pensar com frieza. O que é melhor para a minha família?"

A consciência do médico dizia-lhe para amparar a filha, indenizar os criados. Revelar o ocorrido à esposa, rogar o seu perdão. Confessar o erro, defender-se, alegar sua fraqueza diante de tantos anos de abandono. Explicar que a médium o havia seduzido com suas palavras doces e envolventes. Mas não podia agir dessa maneira. A saúde de Mônica era frágil, podia sofrer um abalo. Era melhor ocultar a verdade e apagar, para sempre, aquelas terríveis lembranças.

Floriano decretou, naquele instante, a dupla orfandade da filha de Carla. Era uma filha de ninguém.

Arquitetando uma solução para o impasse que ele mesmo criara, decidou depressa o que fazer.

"Dou uma boa fortuna para Margarida e seu marido, peço que adotem a criança e desapareçam da minha vida. É o melhor a fazer. Margarida estimava a patroa, vai cuidar bem da criança, disso tenho certeza."

Das palavras à ação, o médico providenciou para que tudo se realizasse conforme seu intento. Decidido, convidou o casal para uma reunião. Revelou sua preocupação para com todos e fez sua proposta. Um largo sorriso revelou a aprovação do marido de Margarida. A criada, espantada com tamanha frieza, perguntou:

- Que nome vamos dar a essa criança?

- Decidam o que for melhor. A partir de agora, ela é sua filha.

Floriano despediu-se depois de comprometer-se a transferir para a conta do casal, no dia seguinte, a importância acertada. A título de sinal, entregou o dinheiro que carregava consigo.

- Doutor, por favor, não me leve a mal. - Era o marido de Margarida que pedia sua atenção, com a intenção de arrancar mais alguma coisa do médico. - Perdi o meu relógio, me faz muita falta.

Floriano tirou do pulso a joia que o ajudava a cronometrar o tempo e o entregou ao empregado de Carla. Os olhos do homem brilharam diante do precioso objeto.

- Obrigado, doutor. Vou guardar como uma lembrança da sua generosidade.

"Além de bêbado, é ladrão", pensou o médico.

No berço modesto, a menina estava envolta no silêncio. O pai nem sequer se despediu ao partir depressa, com receio de que algo pudesse prejudicar o acordo que lhe era tão favorável.

No automóvel, Floriano imaginou escutar uma voz:

- *Seja bom, seja humilde, perdoe.*

Por um instante sentiu-se intimidar. O suor frio correu por seu rosto. Em seguida, repudiou o que lhe pareceu um simples divagar da imaginação. Acelerou o veículo e partiu em desabalada carreira na direção do hospital, onde o aguardavam a esposa, o filho e a irmã.

"Tudo está resolvido. Foi mais fácil do que imaginei. Os três vão formar uma família, serão felizes com a pequena fortuna com que lhes presenteei. O que mais podia fazer? Agi com dignidade e decisão. Todos nós saímos ganhando. E Carla, onde estará agora?"

O médico, por um instante, sentiu o frescor do perfume e a presença daquela a quem tanto amou.

"Carla, por que você fez isso? Podíamos estar tão bem... Quantas alegrias ainda nos restavam viver? Mas você estragou tudo com sua ambição, queria mais, sempre mais..."

Estacionou o carro no pátio do hospital, respirou fundo e saiu do veículo, sentindo que deixava para trás o desvario de uma grande paixão. Era outro homem.

Ao aproximar-se do saguão, ouviu uma voz triste, palavras pronunciadas com esforço:

"Adeus... Adeus..."

Olhou ao redor, mas não identificou de onde vinha aquela despedida. Atribuiu-a à imaginação, ao cansaço.

"Não posso me deixar dominar pela emoção. O desequilíbrio causa alucinações. Preciso dormir, passei a noite em claro. É hora de descansar."

22

Felicidade

Mônica descobriu entre seus cabelos loiros os primeiros fios de prata. Vinte anos depois do nascimento do primeiro e único filho, era uma mulher de saúde frágil, mas ativa e determinada, amada pelo marido e idolatrada por René, seu filho.

- Viu meu filho? - perguntou à servidora que se preparava para dar início aos afazeres da manhã.

- Acho que está no jardim, dona Mônica. Vou chamá-lo.

A caminho do recanto, a jovem viu confirmada sua suposição.

- René, sua mãe está chamando!

Bem-humorado, o rapaz correu na direção do quarto dos pais. Era sempre assim, amoroso, dedicado, gentil.

- Mamãe, estou aqui! - E bateu à porta do quarto, martelando-a com insistência, como fazia quando criança.

- Meu filho, quero sua companhia para o café. Espere por mim. Não vá embora.

À mesa, servida com fartura, mãe e filho eram aguardados por Floriano, que se entregava à leitura de volumoso compêndio científico.

Dono de uma clínica muito procurada, médico de prestígio e influente figura da sociedade, Floriano era também proprietário de terras que lhe garantiam excelentes rendimentos. Sua fortuna crescia a olhos vistos. À parte as obrigações de clínico e de homem de negócios, ocupava-se em auxiliar os desvalidos da fortuna. Empenhava-se com rigor em participar de campanhas comunitárias, desdobrava-se em favor daqueles que não podiam pagar por socorros médicos e que dele e de uma prestimosa equipe de voluntários mereciam a maior atenção.

Era um homem de bem, admirado por todos. Cidadão exemplar, vez por outra comparecia a homenagens e cerimônias públicas. Seu nome era sempre cogitado para destacados cargos políticos, responsabilidade da qual se eximia, temeroso de prejudicar seus afazeres na medicina.

René, grande admirador do pai, não sentiu atração pela medicina. Preferiu a música, seguindo os passos de seu tio Júlio, um apaixonado pelo violino, do qual herdara um valioso instrumento.

Depois do nascimento de René, Mônica nada mais comentou sobre seu dramático passado. René era a reencarnação de Júlio? A possibilidade jazia esquecida em algum lugar do seu íntimo. O que importava? Ele estava ao seu lado, a amava, era bom para com todos. René, atento às necessidades familiares, dispôs-se a auxiliar o pai na administração das terras, em sua maior parte transformadas em vastos canaviais. Todos os dias,

ele, que recusara aperfeiçoar-se em música na capital, temendo que seu afastamento melindrasse os pais, saía de casa, com destino fixo: as propriedades da família, para anotar necessidades e sugerir providências. Dedicado, responsável, pontual: esse era o retrato fiel de René, jovem que herdara do pai o porte viril e da mãe os olhos expressivos e a elegância dos gestos. Alegre, mas disciplinado. Firme, mas cordial. René era o encanto dos pais.

- O que fizemos para merecer um filho tão bom, Floriano? - perguntava Mônica.

O médico, em resposta, limitava-se a sorrir. Quando a esposa insistia, Floriano respondia com uma indagação:

- E o que fizemos para merecer a companhia de um anjo como você?

- Sou tão feliz, meu marido!

O progresso, a felicidade e a paz abençoaram aquela família até o dia que outra mulher apareceu na vida de Floriano.

30

Cobrança do passado

– Doutor Floriano, uma moça deseja falar com o senhor com muita urgência - avisou a enfermeira-chefe.

O médico estava habituado a receber desconhecidos, que, de toda parte, vinham em busca de auxílio, dinheiro, alimento. A todos atendia com atenção, ouvia primeiro para depois solicitar as providências ao seu alcance.

- Faça-a entrar sem demora. O dia hoje vai ser longo. Não vamos perder tempo.

Uma jovem de cabelo castanho entrou no consultório, sem maiores cerimônias. Sua aparência era modesta e o traje parecia desgastado pelo uso.

- Doutor Floriano?

- Eu mesmo, menina. Muito prazer - respondeu o clínico, bem-humorado, com a intenção de ser gentil. Era assim com todos. Não usava a fortuna, nem o prestígio, muito menos o conhecimento profissional para destacar sua posição. - Em que posso ajudar? Sente dores?

- Doutor... Não nos vemos desde o meu nascimento...

O ódio faiscava nos olhos da jovem. Fitava o médico como se o conhecesse há muitos anos e dele guardasse terrível ressentimento. Sem mais delongas, revelou quem era.

- Meu nome é Roselina, a filha que você desprezou. Aquela que largou pelo caminho e nem sequer deu o seu sobrenome.

Floriano sentiu a respiração paralisar. Uma dor atravessou-lhe o peito. A cabeça parecia estourar. Levantou-se, atirou-se na direção da porta da sala, fechou-a. Gesto pensado, estendeu a mão na direção da jovem e perguntou:

- O que disse? Por favor, explique-se. Não sei do que se trata. Deve haver algum engano. Não sou o médico que procura.

- Não me venha com essa, papai... Venho cobrar tudo aquilo que negou a mim, mas não esqueceu de dar ao meu irmãozinho.

- Mentira! Absurdo! Quem é você? De onde veio? O que pretende aqui? Que história é essa? Nunca fui pai de uma filha... Isso é uma brincadeira de mau gosto!

- Mentira? Você é um médico rico e famoso. Peça agora mesmo um exame de DNA. Assim, todos vão saber que você é o meu pai. Por enquanto, antes do exame, vou ajudá-lo a refrescar a memória: veja esta joia. Foi um dos melhores presentes que você deu a minha mãe. Resisti quanto pude para não vendê-la, apenas para esfregá-la na sua cara! Você comprou minha mãe, mas ainda não comprou sua filha. E por isso que estou aqui. Vim acertar o meu preço.

Por um instante, Floriano pareceu reconhecer nos traços da jovem a mesma beleza que pontificou no rosto de sua amada

Carla. O temperamento da filha lembrava - e muito - os arroubos da mãe. Desabou sobre a poltrona, buscando forças para reagir.

- Vamos, doutor, estou pronta para o teste de paternidade!

Floriano não respondeu.

- Pelo que vejo, você está surpreso com a minha visita. Não vai perguntar o que faço para viver? De onde vim?

Floriano, petrificado e pálido, observava a invasora sem esboçar nenhuma reação. Fora apanhado de surpresa. Não imaginara que, um dia, seria vítima daquela que entregara a outras mãos.

- Sou uma ladra! Roubo para viver! Veja minhas mãos: mãos de uma ladra! Sua filha não passa de uma marginal vulgar!

Às gargalhadas, Roselina contemplou o semblante do pai, perdido na dor que lhe avassalava a alma.

- A fortuna que você deu a Margarida e seu marido não chegou até as minhas mãos. Foi a paga que receberam para me criar. Só isso. Quero a minha parte. Chega de miséria. Sou muito jovem para acabar na prisão, entre prostitutas e drogadas. Tenho o meu valor! Sou filha de um médico muito importante e querido nesta cidade! Vamos, papai, diga alguma coisa. Está chocado?

31

O desafio

- Muito bem doutor, eu resolvo tudo. Acalme-se. Tudo vai dar certo. Depende apenas de você.

Roselina tomou do receituário e nele anotou vultosa importância.

- Pronto, aqui está o remédio para me afastar de vez de sua vida. Providencie o dinheiro e eu partirei para bem longe daqui, dessa cidade sem graça, cheia de gente arrogante que se acha o máximo, bando de caipiras que vivem de explorar os pobres coitados que se matam no canavial. Os boias-frias morrem à míngua enquanto vocês trocam de carro todo ano - Roselina disparou acusações.

Floriano, em pensamento, procurava reorganizar as ideias.

"É minha filha ou é a própria Carla que fala por intermédio dela? Meu Deus, não me abandone!"

Nesse momento, uma voz manifestou-se, vinda da própria consciência do médico, convidando-o a revelar a verdade, a

assumir a paternidade, a livrar-se daquela mancha, da nódoa que pareceu crescer ao longo de tantos anos... Mas Floriano recusava-se a assumir o erro.

"Não, mil vezes não! Não abro mão da minha felicidade! Meu filho me acusaria, minha mulher poderia morrer de tristeza. Todos ririam do meu erro... Não, nunca, vou comprar a filha assim como comprei a mãe."

A voz se fez ouvir de novo:

"Só a verdade o libertará, Floriano. Seja humilde. Perdoe. Assuma seus erros."

Roselina aguardava a resposta do médico. Juntou fôlego para retomar o ataque. Floriano levou as mãos ao coração, olhos baixos, pregados no chão. Era o perfeito retrato da derrota.

"Eu tenho o dinheiro. Ela é uma pobre coitada. Com uma pequena fortuna vai se satisfazer e se perder no mundo. Que Deus a leve para bem longe de mim."

Floriano insistia no acerto, na corrupção, no pacto que envolvia o poder e a ambição e que, assim, levava a maiores sofrimentos. Não percebia que o arranjo do passado havia fracassado e que se envolvia em nova decepção.

Roselina lavrou a sentença. Floriano era o réu; cumpria-lhe ouvir o veredicto:

- Agora você já sabe quanto quero. Não aceito menos do que pedi. Voltarei para o nosso acerto. Por enquanto me contento com um adiantamento. Cadê sua carteira? Vamos, papai. Mexa-se!

Sentindo-se vítima de um assalto, Floriano reuniu as forças de que ainda dispunha e abriu a pasta, dela retirando cédulas de vários valores.

- Muito bem. Por hoje, estamos conversados. Isso vai ajudar bastante. Estou precisando de roupas novas. Onde fica o *shopping* da cidade? - perguntou Roselina, retirando-se, sem esperar pela resposta.

De imediato, a enfermeira entrou no consultório. Pressentiu que algo não ia bem.

- Doutor, o que aconteceu? Está se sentindo mal? Quer um copo com água?

- Não obrigado. É apenas o cansaço. Por favor, dispense aqueles que estão me aguardando. Não estou em condições de atendê-los. Faça-os compreender que preciso de repouso. Remaneje os horários.

"O doutor Floriano não está bem. Pediu para cancelar todos os atendimentos do dia. Desde que estou aqui, isso nunca aconteceu. Sentiu-se mal depois que aquela moça entrou em sua sala. Quem será aquela mulher vulgar?", pensou a enfermeira-chefe, que devotava ao médico grande admiração e carinho.

Em seu gabinete, Floriano sentou-se à mesa e abandonou a cabeça entre os braços. Quem entrasse na sala naquele instante não o reconheceria, médico de sucesso, conhecido por sua determinação diante das dificuldades. O vencedor parecia saborear, pela primeira vez, o amargo sabor da derrota.

Seu pensamento vagava entre ondas tempestuosas:

"Carla... Meu Deus, o passado me persegue! É a nossa filha, uma ladra vulgar, uma chantagista, uma aventureira... Por que não a carreguei comigo naquele dia? Por que não a eduquei ao lado de meu filho? Por que não contei toda a verdade à minha mulher? Por que falhei com a caridade? Por quê? Fui um crápula.

Não mereço a felicidade que Deus me deu. O passado me condena à dor e ao sofrimento. E agora? Não posso voltar atrás, não posso! Meu Deus, não me abandone!"

As palavras do médico ecoaram no vazio. O remorso, guardado durante tantos anos nas profundezas de sua alma, emergia monstruosamente diante dele.

32

Desespero de um pai

Floriano não imaginara que um dia sua existência sofreria abalo tão grande. Desde o nascimento de seu filho, modificara-se. Transformara-se em excelente marido, revelara-se pai exemplar, cidadão atento às necessidades da comunidade, espiritualista conhecedor de filosofias. Sensível à dor alheia, não se limitava a trabalhar na clínica, onde era prestigiado por donos de grandes fortunas, os quais, muitas vezes, vinham de cidades vizinhas para consultá-lo.

Floriano ia ao encontro da necessidade, assessorado por devotados companheiros que o seguiam e o auxiliavam a atender em domicílio pessoas que não podiam sequer comprar a medicação receitada. Estava certo de que sua riqueza deveria ser distribuída com sabedoria para gerar bem-estar, saúde e progresso social.

"Custei a aprender, mas hoje não me engano mais. O amor é o laço que nos une para a eternidade. Hoje, não tenho

coragem de enganar ninguém; sei que o pior mal é aquele que endereçamos ao próximo, pois retorna até nós na condição de amargas lições de vida", meditava Floriano.

A consciência da justiça divina que rege a existência dos homens era, para o médico, mais do que uma hipótese. Era uma certeza inquebrantável. Por isso mesmo, para ele, era tão difícil recordar os erros do passado.

"Quanta leviandade, quanta falsidade! A quem eu pretendia enganar? Carla? Mônica? A mim mesmo? Meu terrível segredo me persegue... Enganei muitas pessoas, mas não enganei a Deus... Vou receber, quase no fim da vida, toda sorte de humilhações de que sou merecedor. Não há como escapar..."

Floriano entregava-se ao desespero.

Abatido, demonstrava preocupação exagerada. Mônica percebeu que algo estava errado.

"Floriano me esconde alguma coisa. Estará doente? Não é a mesma pessoa... Parece perturbado... O que estará acontecendo, meu Deus?"

Depois do jantar em família, encorajada pelo amor, Mônica dirigiu-se ao marido.

- Fizemos alguma coisa errada, querido? Por que tanta tristeza?

- Mônica, querida, me perdoe. Não há motivo para preocupações. É o cansaço.

- Nunca o vi assim, Floriano.

Por vezes, a exemplo daquele instante, uma ideia tremenda fermentava no íntimo de Floriano: contar tudo, abrir o coração, despejar toda a verdade diante da esposa. Não esconder mais

nada, livrar-se daquele peso incômodo, ainda que tardiamente. Mas, como um raio que corta o céu numa noite de tempestade, a intenção durava apenas um breve instante. Apagava-se, para logo em seguida dar novamente a vez à mentira.

3 3

Assédio moral

Para aflição do médico, Roselina visitava-o, no consultório, pela terceira vez. Estava transformada. Sua aparência era a de alguém que não media recursos para vestir-se ao sabor da moda, ostentar grifes famosas. Jóias caríssimas confirmavam suas posses. Dir-se-ia a filha de um milionário cuja ocupação era apenas presentear a filha com tudo aquilo que o dinheiro pode comprar.

- Gostou? Agora sim, sou eu mesma. Já estou pronta para participar de alguma festinha em sua casa... Quando vai ser? Até sonhei que estava em sua mansão, levada por suas mãos.

Incapaz de comentar as palavras absurdas que ouvia, Floriano remoía a infelicidade que consumia sua alma.

- Preciso de dinheiro.

- Minha filha, você não tem consciência do mal que está fazendo a si mesma.

- Olhe só, quem me fala em consciência... - Roselina entregou-se às gargalhadas. - Passei fome, desespero, tudo me

faltou e você agora me fala em consciência? O que estou fazendo de errado? Simplesmente recupero o que é meu, o que você me negou. É a justiça!

- E o que você faz com seu pai? Isso é chantagem, extorsão. É um crime perante a lei. Isso não é justiça.

- Não vamos perder tempo com esses detalhes, papai...

- Tem razão, minha filha, é tarde demais.

- Por que não vai nos visitar? Margarida ficaria contente em vê-lo assim, derrotado. Da minha parte, tenho muitas perguntas a fazer. É verdade que minha mãe morreu por falta de cuidados médicos? Que foi socorrida em casa por uma pobre parteira que não conseguiu salvar sua vida? Que o culpado da morte dela foi você, que a abandonou à própria sorte depois de descobrir que estava grávida? Vamos, papai, responda! Seja homem! Assuma sua culpa... Você abusou da minha mãe enquanto pôde e depois a abandonou.

Floriano não ouvia nada. Estava longe, apagado diante daquela criatura que era, ao mesmo tempo, juiz e promotor. Acusava e condenava, sem contemplação. Não lhe dava um segundo para defender-se. A causa estava perdida. Restava pagar...

"Que seja como ela quiser. Nada posso fazer", conformou-se Floriano.

34

Arrependimento

Por diversas vezes, Roselina foi ao encontro do pai. O motivo de suas visitas: dinheiro. Sempre pedia mais. Floriano, envergonhado, acuado pela culpa, atendia às exigências. Aos poucos, uma fortuna foi chegando às mãos da moça. Sentindo-se velho demais para reagir, incapaz de arquitetar um plano, ele se entregava ao desânimo.

"O que fazer? Sou culpado. Pior seria se minha família, meus amigos, soubessem de tudo o que aconteceu. Nada espero mais da vida, mas enlamear o nome de minha esposa, do meu querido filho, não, isso não vou permitir. Deus me perdoe, mas serei conivente com o crime de Roselina. Pagarei até o último centavo que ela pedir."

Era assim que Floriano enxergava o futuro: sombrio e sem esperanças. No íntimo, queria castigar-se pelo mal que havia cometido.

- Só isso, meu pai? Quem você acha que eu sou para viver de esmolas? Não estou pedindo, quero a parte que me cabe na sua fortuna.

O apetite de Roselina por dinheiro era insaciável. Desde o primeiro encontro com Floriano, entregara-se a exageros de toda sorte. Vestidos caríssimos, jóias, noitadas na companhia de namorados extravagantes...

- Tenho muitas dívidas, papai. Preciso de mais dinheiro ou serei obrigada a dar o seu endereço aos cobradores. Vai ser um vexame, imagine! - E desatou a rir.

Cansado da extorsão, Floriano imaginou um plano. Doar uma boa soma em dinheiro para a filha em troca do seu afastamento definitivo.

"Quero que ela desapareça da minha vida, só isso. Que leve sua parte, não vai me fazer falta", resmungava.

Hesitava em propor o negócio, pois não confiava em Roselina.

"Ela vai voltar. Vai querer mais. Está completamente transtornada. Não tem noção do perigo em que se envolveu. Perdeu a razão", considerava, deprimido.

E assim os dias passavam. Em casa, sua transformação causou transtornos e sérias preocupações.

- Querido, não o reconheço. De onde vem tanta amargura, tanta tristeza? Os negócios não vão bem? Você trabalha demais, nós não precisamos de tanto dinheiro. Pense um pouco em sua saúde. Venha mais cedo para casa.

- Não é nada. Isso passa, não se preocupe comigo, Mônica.

- Não posso ver você desse jeito. Não é mais a pessoa que conheci. É outro homem, um fantasma que anda pela casa,

não fala com ninguém, esquece da família, entrega-se às suas preocupações. Não quero me queixar, mas de que adianta tanta riqueza se você não é feliz ao nosso lado?

Sem responder, o médico se afastou. Parecia condenado a sofrer, para sempre, o assédio do passado, que não o perdoava pelos erros cometidos.

"Floriano está com a saúde abalada. Deve ser o coração", pensava Mônica, entregando-se às hipóteses que lhe pareciam razoáveis. Nem imaginava a verdadeira causa do sofrimento do marido - a cobrança do destino.

Durante a madrugada, quando acordava, vítima de algum sonho perturbador, sentia a falta do marido. Floriano perambulava pela casa, perturbado. Falava sozinho, fazia ameaças.

- Com quem você está conversando, querido?

- O quê? Agora deu para me vigiar? Vá dormir e me deixe em paz!

Floriano maltratava, sem perceber, aquela que tanto o amava e que se preocupava com o seu destino.

- Venha comigo. Vamos dormir. É muito tarde. Seja o que for que o preocupa, Deus vai ampará-lo na solução do problema.

- Me deixe em paz, já disse!

Ele virou-lhe as costas, abriu a porta principal da mansão e caminhou até o jardim. Sua presença acionou a iluminação.

- Floriano, não faça isso comigo! Você não me quer mais, foge de mim!

Mônica entregava-se, cada vez mais, ao desespero.

35

Mais dinheiro

A cada dia basta o seu mal. Novamente no consultório de Floriano, Roselina despejou as acusações de sempre. Sem reagir, o médico comportou-se como réu confesso. Assumiu, em silêncio, o merecimento das ofensas que lhe foram endereçadas. Contemplou a jovem e nela enxergou a projeção da mãe: a mesma futilidade, o mesmo gosto pela exibição, a facilidade de se expressar, o brilho nos olhos e - horrível conclusão - a mesma tendência para o mal...

Perdido em considerações - enquanto a jovem não parava de falar -, imaginou atenuantes em favor daquela que não lhe poupava o sarcasmo.

- Fale alguma coisa! Está tão velho que não reage mais?

"Coitadinha. Não teve pai, não teve mãe. Foi criada por interesseiros que viam nela apenas uma fonte de renda, uma oportunidade de me chantagear. Ela não sabe o que faz. Não foi educada, não tem religião, não teve amor. A culpa é toda minha!"

Mais dinheiro. Roselina queria mais dinheiro. Só isso. "A parte que me cabe na sua fortuna", repetia sempre que visitava o médico.

Roupas provocantes, gestos afetados, maquiagem exagerada, perfume sedutor, era assim que Roselina se apresentava. Sentia prazer ao perceber que sua passagem arrancava comentários vulgares dos homens, que buscavam chamar sua atenção.

Na clínica, não perdia tempo em se fazer anunciar. Desafiadora, entrava no gabinete do médico e postava-se diante dele.

- Muito bem. Acabou a consulta. Eu e o doutor temos um assunto muito sério a tratar.

Constrangido, Floriano não via outra alternativa senão pedir desculpas ao cliente:

- Por favor, aguarde na sala ao lado. Em alguns minutos retomaremos a consulta. Obrigado.

O desespero era uma constante em sua vida. Sentia que os colegas - a quem não considerava subordinados, mas amigos -, com o passar do tempo, habituados com aquelas invasões, divertiam-se com o seu sofrimento. Um dia, sem querer, quando se dirigia para o café, ouviu risadas.

- O velho está nas mãos dela.

O velho era ele. Ela, Roselina. Então era isso: desconfiavam que Roselina fosse sua amante. Melhor assim, pensou, e afastou-se do local.

- Será que ele ouviu? - perguntou um dos médicos.

- E se ouviu? Não é verdade? - respondeu uma das enfermeiras, revoltada com o comportamento do clínico, outrora modelo de virtude.

- Os homens são todos iguais. A moça poderia ser sua filha!

De volta ao lar, Floriano recusava as refeições. Mônica não sabia mais o que fazer. Melhorou a aparência, foi para a cozinha, preparou os pratos favoritos do marido, alegrou-o com boas recordações - tudo em vão.

- Vou para o consultório. Acho que posso ajudá-lo.

- Não, por favor. Aquilo é uma clínica. Sei que você tem boa vontade, mas, para me ajudar, você precisaria ser médica ou enfermeira. O que entende disso? Nada!

Uma nuvem cinzenta pairava sobre o lar do médico. Antes jardim florido, agora a residência era um deserto povoado de inquietações. Naquele ambiente tão rico, mas infeliz, espíritos vingativos sentiam-se gratificados com as ocorrências: a vida do médico desabava, como haviam premeditado.

- *Vamos beber um pouco?* - perguntou um deles para os companheiros que o cercavam.

- Por *que não?*

- *Então, vamos lá. Doutor Floriano, o senhor precisa de um gole. Vamos para o barzinho* - sugeriu a perversa entidade.

"Quem sabe uma bebida me acalme um pouco?", pensou o médico.

Ato contínuo, foi para um dos recantos da casa, ocupada por um oratório barroco que servia agora de altar para o álcool. Algumas doses depois, anestesiado, atirou-se ao sofá. Em espírito, libertou-se do corpo para encontrar-se com aqueles que o aguardavam ansiosamente para o assediar.

- *Boa noite, doutor.*

- Quem são vocês?

- *Nós somos você amanhã!* - E, mais uma vez, caíram na gargalhada.

Deitado, o corpo de Floriano estava ensopado de suor.

- Levante-se, doutor. Vá para o quarto antes que dona Mônica o veja nesse estado - pediu a idosa empregada, há tantos anos na companhia do casal.

Depois de resmungar alguma coisa, Floriano foi para o banheiro e abriu o chuveiro. Mergulhou a cabeça na torrente de água, molhou a roupa e sentiu como se a lâmina de um punhal penetrasse em sua mente. Foi quando perdeu o controle e gritou:

- Roselina! Vá embora!

31

Médiuns

Certa noite, sozinhos na varanda, Mônica e Floriano contemplavam a paisagem. Qual jovem apaixonada, ela abraçou ternamente o marido, sem pronunciar uma única palavra. Floriano pareceu distante. Deixou-se ficar ali, abraçado, sem reagir.

- Lembra-se querido, dos sofrimentos que passamos juntos? Naquela época, os bons espíritos nos ajudaram... Ouvimos suas palavras, seguimos suas boas recomendações e a felicidade veio em nossa direção. Sei que você está aflito com justa razão. Se não posso ajudar, sei que os benfeitores do Além não recusarão apoio. Você auxilia tanta gente! Seja humilde. É sua hora de pedir ajuda.

Floriano continuava em silêncio. A esposa não sabia que ele se envolvera com a médium, que desrespeitara a oportunidade de comunicar-se com os bons espíritos, que trocara tudo isso apenas para satisfazer seus instintos.

- Algumas semanas atrás, querido, conheci uma senhora cuja filha é médium. É gente simples, de bom coração. Poderiam nos orientar.

Calado, Floriano parecia consentir.

"E agora? E se Carla, por intermédio da médium, vier ao nosso encontro e revelar o nosso segredo?", indagou-se o médico.

37

Primeira reunião

– Sejam bem-vindos à nossa reunião! - disse a dirigente do centro, recebendo Mônica e Floriano carinhosamente. - Sentem-se, fiquem à vontade. Este salão foi oferecido por amigos que desejam nos ajudar a acolher aqueles que procuram auxílio espiritual por intermédio do nosso grupo.

Um solitário ventilador tinha a incumbência de refrescar o ambiente. Floriano o contemplava, qual hipnotizado por suas hélices. Imerso em preocupações, imaginava que o pior poderia acontecer dali a alguns instantes.

A porta foi fechada e a reunião teve início. Não mais do que trinta pessoas aguardavam o decorrer dos acontecimentos.

- Muita paz a todos. Vamos elevar o nosso pensamento a Deus, a Jesus, nosso irmão maior, ao mentor da nossa casa. Em oração, vamos nos unir ao Criador.

Depois de prece singela, a diminuta plateia ouviu alguns avisos e recomendações. Em seguida, um senhor de cabelos

bem grisalhos pronunciou breve palestra, na qual destacou a necessidade do perdão, exemplificado por Jesus.

- Perdoar setenta vezes sete, foi a resposta de Jesus à indagação de Pedro. Ela nos serve de receita para encontrar a felicidade. Nossas preces não serão ouvidas se não perdoarmos nossos inimigos, aqueles que nos prejudicaram, abalaram nossos corações, roubaram nossos haveres ou nossas melhores esperanças.

Após a dissertação, abriu-se espaço para as manifestações psicofônicas. Alinhados diante da plateia, os médiuns fecharam os olhos e buscaram concentrar-se. A dirigente da reunião informou que era o momento da manifestação, de viva voz, dos bons espíritos que desejavam ajudar àqueles que ali estavam, "por intermédio da mediunidade com Jesus, o dai de graça o que de graça recebestes".

Um deles deu início ao pronunciamento:

- Todos somos iguais perante as leis divinas. As tendências de cada um, no entanto, são diversas. Somos criação individual do Pai Celestial, únicos em todo o universo. Cada um tem seu valor e sua importância diante do cosmo.

Floriano sentiu o impacto daquelas palavras, ele, que a cada dia desejava nunca ter existido, para não ter errado tanto.

- Diante da dificuldade, não se entreguem à perturbação. Forças divinas residem no interior de cada um daqueles que aqui se encontram, capazes de abastecê-los com a força necessária para vencer! Cansaço, doença, derrota, ignorância, injustiça, incompreensão. Tudo isso faz parte da vida! Não

nos acovardemos diante da prova: ela é a oportunidade de evolução de que a alma necessita para avançar na direção de Deus. Deus não se engana, nem abandona ninguém!

38

A família Laranjeira

A mensagem sensibilizou Floriano, que sentiu um alívio em seu coração. Aquele ambiente despojado era propício ao seu restabelecimento. Nada havia ali que o recordasse do passado, mas tudo o levava a entender a necessidade de superação dos erros cometidos. A prece, o fervor do orador, as palavras do benfeitor espiritual. Um inexplicável bem-estar adentrou-lhe a alma. Floriano respirava novos ares. Mônica, ao seu lado, sentia que o marido recebera ajuda.

Uma jovem foi convidada a encerrar a reunião com uma prece. A beleza de suas palavras emocionou a todos. Sem afetação, ela conseguiu elevar o pensamento dos presentes na direção do Criador. Suas palavras irradiavam humildade e fervor.

- Pai Celestial, de infinita bondade, de infinito amor, de infinita justiça e misericórdia, abençoe a todos nós. Dai-nos, Senhor, uma gota do Vosso imenso amor para que os nossos corações possam transbordar de alegria de viver e assim vencer o mal que ainda trazemos.

Depois da prece, o conteúdo de uma jarra foi dividido entre os presentes. Era água, segundo foram informados, acrescida de fluidos benéficos à saúde.

A reunião formal encerrou-se. Algumas pessoas permaneceram no ambiente, desejosas de mais esclarecimentos.

Floriano e Mônica ouviam a dirigente da casa responder às perguntas que lhe eram dirigidas.

- Sim, existem muitas moradas na casa do Pai, outros mundos habitados, conforme Jesus nos ensinou. Mundos mais evoluídos do que a Terra, e outros ainda muito distantes do progresso que alcançamos. Existem mundos celestiais, onde se encontram os espíritos puros. Nosso planeta é um mundo de expiação e provas, onde o mal ainda predomina.

- Por favor, minha senhora, o que os espíritos nos recomendam para nos libertar do mal? - perguntou um senhor vestido com elegância, mas visivelmente tomado por preocupações.

- Meu amigo, não há duvida quanto a essa resposta. Recomendam-nos a prática da caridade. Ajudar o próximo com aquilo que estiver ao nosso alcance. Dividir, com aqueles que necessitam, o pão que nos alimenta. Evitar o exagero, a ostentação, o apego ao supérfluo. Quem age assim está preso ao egoísmo, a raiz de todos os males que existem na Terra.

A simplicidade do ambiente onde se encontravam demonstrava que aquela senhora era coerente: praticava o que pregava. Tudo ali estava de acordo com a filosofia que abraçara: o mais absoluto despojamento.

- Quando foi que a senhora começou a receber os espíritos?

- Foi há cinco anos. Morava na capital e vi um vulto escuro atrás de um sacerdote, na hora da confissão. Fiquei com tanto medo que entrei em crise. Daquele dia em diante, minha vida se transformou num tormento. Minha casa parecia assombrada. Objetos mudavam de lugar, estranhos ruídos nos perturbavam dia e noite. Minha filha, ainda adolescente, também sentiu o despertar da mediunidade. Uma voz lhe dizia: "Cristo ainda espera por você! Cristo ainda espera por você!".

- E seu esposo? - perguntou Floriano. - Acreditava em tudo isso? Acreditava nos espíritos?

- Longe disso... Mas, muito tempo depois de desencarnar, Conrado se manifestou. Embora cético, sempre foi uma boa alma. Deu-se bem do outro lado, e vez por outra recebemos suas comunicações. Para mim foi um conforto muito grande, a certeza de que Deus não nos desampara nunca.

Mônica e Floriano abriram o coração e revelaram à dirigente do grupo sua experiência com os espíritos, ocorrida há mais de vinte anos. Trocaram confidências, começando a estreitar os laços de uma amizade que se iniciava com Coralina e Constância Laranjeira.

39

Considerações sobre livros

Uma semana depois, Mônica e Floriano retornaram, com a intenção de participar de outra reunião. Na entrada do modesto salão, uma livraria improvisada oferecia exemplares da obra de Allan Kardec. O *Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno, A Gênese, Obras Póstumas* e *Obsessão* encontravam-se sobre a mesa, ao lado de outros títulos.

- Boa noite, meus amigos - cumprimentou a dirigente. - Fico feliz com o interesse do casal pelos livros. Neles estão todas as respostas que inquietam nossa alma. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Nessas obras despertamos para o entendimento das verdades eternas, das quais, por sinal, estivemos muito distantes nos últimos tempos...

Depois da reunião, Mônica e Floriano sentiram-se fortalecidos por novas ideias e buscaram, na leitura que lhes foi indicada, pistas para entender melhor a razão da existência e os caminhos da espiritualidade.

40

Explicações

Floriano dava mostras de recuperação. Parecia aceitar melhor o destino que criara para si mesmo. A súbita modificação do espírito refletia-se na sua face, a justificar o comentário da esposa:

- Parece que o nosso Floriano voltou! Graças a Deus!

Assíduo frequentador das reuniões, o casal ampliou seu entendimento das ocorrências espirituais. Descobriu que os espíritos causam os fatos considerados sobrenaturais, os quais nada mais são do que a interferência espiritual em nosso meio, graças aos fluidos extraídos dos médiuns. Estes, consciente ou inconscientemente, se prestavam a abastecê-los.

- Se, anos atrás, Carla nos ensinou que era possível conversar com os espíritos, hoje sabemos que não há nada de maravilhoso nisso, que é uma bênção de Deus. E, por falar nela, que Deus a abençoe onde estiver. Soube que morreu depois de dar à luz. Pobrezinha.

- Mônica, vamos viver o presente. Deixemos o passado enterrar o passado. Todos nós vamos reencarnar. Esse é o caso

dela. Ela vai voltar ao corpo, continuar a viver entre nós, será herdeira de seus bons e maus atos. Essa é a lei de Deus. Não devemos ter pena dela. Devemos orar para que Deus a fortaleça em suas novas provas.

- Tem razão, Floriano. É preciso colocar em prática o que estamos aprendendo com a espiritualidade. Que Deus a abençoe. Foi graças a ela que eu soube que receberia a bênção de um filho. E tudo se realizou como ela previu - Mônica comentou, emocionada.

- Lembre-se bem, querida, não foi ela que fez tal previsão. Foi o espírito que se manifestou por intermédio dela.

- Sim, foi isso, meu amor. Carla foi a intermediária. Mas quanta diferença do trabalho dela e o da casa que frequentamos hoje! Carla aceitava presentes, gratificações, daqueles que podiam pagar.

Entregue aos estudos das Obras Básicas de Allan Kardec, nelas Mônica descobriu respostas para suas dúvidas. Fazia questão de partilhar os novos conhecimentos com o marido, que a ouvia atentamente.

- Mediunidade de efeitos físicos são os barulhos, as pancadas, objetos que se movem. Mediunidade de efeitos intelectuais são aquelas que nos proporcionam, por exemplo, a psicografia... Os médiuns podem ser inconscientes e receber os espíritos em estado sonambúlico. Mas essa mediunidade é cada vez mais rara, a mais comum é a mediunidade consciente. O médium tem noção de que é o intermediário de outra inteligência.

- É isso mesmo Mônica. Muito bem!

- Sendo assim, Deus não nos abandona nunca. Recebemos as comunicações dos espíritos graças à misericórdia do Pai. Somos sempre ajudados!

Assíduos frequentadores das reuniões, Mônica e Floriano alargam seus conhecimentos. Quanto ao médico, sua confiança em Deus se fortaleceu. Certa noite, Belinha, um espírito que se afirmava ligado à família de Floriano, se manifestou. Dirigiu-se ao médico de forma terna, particular. Incentivou-lhe a esperança e a fé em Deus. Afirmando que apenas repetia o ensinamento de mentores elevados, reportou-se à existência de mundos dentro de mundos, planos que se interpenetram, cheios de vida e de oportunidade de evolução. Guerra, doença, cataclismos e outras tribulações nada mais eram do que oportunidades para demonstrar nossa fé no Criador e reagir, despertar as forças da alma que residem em todos os homens, ensinou o espírito amigo.

- A *dor é professora daqueles que se recusam a evoluir pelo amor, que é o estudo, o trabalho, a prática da caridade, pois fora dela não há salvação. Revolta, indisciplina, atraem dor e sofrimento. Mas, de qualquer modo, nos levarão a refletir qual é o melhor caminho a seguir* - completou Belinha.

41

Mensagens

Por intermédio do grupo, Mônica e Floriano receberam mensagens de parentes que há muitos anos retornaram à pátria espiritual. Entre essas mensagens, uma delas provocou a surpresa do casal. Aquele que um dia, na casa de Carla, chamou para si a culpa da morte do padre Marcelo, se comunicou e revelou que já passara para o outro lado da vida. Lá, agradecia o benefício do perdão do casal.

Certa ocasião, o espírito de Belinha sugeriu que Floriano colaborasse no amparo e na educação dos órfãos. O médico estremeceu: era justamente naquela questão, o abandono de uma órfã, que residia o seu remorso. O remédio lhe pareceu oportuno e de efeito eficaz.

"Sim, por que não? Trabalhar por aqueles aos quais, durante um dia infeliz, acrescentei mais um. Ajudarei os órfãos. Neles enxergarei a filha que deixei pelo caminho."

Floriano, em pensamento, cogitava providências, ávido por atender ao espírito benfeitor e à própria consciência.

Roselina continuava a visitar o médico. Manifestava o mesmo atrevimento de sempre, mas Floriano a recebia com resignação. A amargura que plantara ao longo do caminho, agora lhe cabia colher.

No lar, Mônica percebia que, a cada dia, o marido recuperava a alegria de viver.

"Eu estava certa! Seja qual for o mal que o perturbou, os espíritos o ajudaram! Graças a Deus!"

Agradecida, a fiel companheira não escondia a satisfação pela felicidade que parecia ter retornado ao seu lar.

42

Encontro de amor

Sentindo o benéfico efeito do contato com a espiritualidade, Floriano convidou o filho a ir a uma das reuniões.

René aceitou o convite e acompanhou os pais. Diante do desconhecido, o jovem hesitou, apreensivo. E eis que diante dele, na recepção da casa, encontrava-se Constância, a filha da dirigente. Um súbito sentimento de ternura os uniu durante o instante que durou a troca de olhares. Um sorriso estampou-se na face corada de Constância. René também sorriu, deslumbrado.

Conduzido pelos pais, daí em diante René não se limitou a frequentar as reuniões, que ocorriam todas as semanas. Encontrava-se com Constância, que sentia o impulso de lhe entregar o coração. O amor, que sentia pela primeira vez, parecia aflorar qual botão de flor em dia primaveril, revelando toda sua beleza. Parecia-lhe que René era um grande amor que retornava aos seus braços, depois de longa separação.

A mãe pressentiu a transformação da filha. Aprovou o namoro, que também foi bem recebido pelo médico e sua esposa.

Com a bênção dos familiares, os dois se entregaram aos devaneios próprios dos apaixonados.

No consultório, Floriano continuava a receber Roselina, sempre pedindo por dinheiro. Seu falatório era o de sempre. Sem perder a calma, o médico a provia do que necessitava. Ela se despedia e ameaçava voltar.

Floriano refletia sobre quanto os espíritos o ajudaram. Não demonstrava mais revolta, nem se sentia abandonado por Deus. Roselina era o enigma que lhe cabia decifrar. A cada dia, os ensinamentos espirituais ganhavam espaço maior em sua alma. Entre outras dúvidas, sentia dificuldade para entender o poder curador da imposição de mãos sobre pessoas doentes, embora testemunhasse que melhoras eram alcançadas com essa prática.

"Onde estarão os espíritos que conhecem meu segredo e me ajudam com tanta bondade?", perguntava-se Floriano.

43

As despedidas

Constância e sua mãe anunciaram a partida para a capital. A saúde da idosa senhora requeria cuidados especiais que a clínica de Floriano, embora dispondo de muitos recursos, não estava em condições de atender.

- Constância, o que será de mim sem você? - perguntou René, os olhos fixos na amada.

- Em breve estarei de volta, amor. Até lá, poderemos nos falar por telefone.

- Por que eu a amo tanto? Será que conhecemos o amor em outra existência?

- Acredito que sim, René.

- Nunca amei ninguém, nem vou amar outra pessoa enquanto viver.

- Eu sei, René. Eu também... Vamos nos falar todos os dias?

- Todos os dias. De manhã, à tarde e à noite.

- Assim, não! Você vai enjoar de mim.

- Se você não voltar, vou buscá-la!

- Não haverá necessidade, René. Eu o amo e voltarei assim que puder. Minha mãe precisa fazer o tratamento. Ela vai se recuperar e em breve vamos nos encontrar todos os dias.

- É o que mais quero - respondeu René.

44

Suspeita

Certo dia, ao se retirar do consultório de Floriano, Roselina foi observada por Mônica. Era o dia do aniversário de Floriano, e a esposa pretendia fazer-lhe uma surpresa. Cruzou com Roselina, que, arrogante, não lhe deu a menor atenção. O luxo e a vulgaridade daquela mulher despertaram as suspeitas da esposa do médico.

"Quem é essa mulher?", perguntou-se Mônica.

Ao vê-la, Floriano sentiu-se como alguém apanhado em flagrante. Seu sentimento foi percebido por Mônica, que desconfiou de que algo errado estava acontecendo.

"Aquela mulher... O constrangimento de Floriano..."

- O que você está fazendo aqui? - indagou o médico, sem esconder a surpresa.

Mônica compreendeu tudo. Sentiu a inconveniência de sua presença e o incômodo que causara ao marido. A desconfiança entrou em seu coração e veio para ficar.

"Quem é essa mulher, tão atrevida e vulgar, que demonstra tanta intimidade com o ambiente? Por que Floriano está tão

nervoso? Sente-se culpado de alguma coisa? Agora entendo o que aconteceu... Cansou-se de mim. Explica-se assim sua tristeza, a falta de apetite... A depressão que tomava conta de sua alma foi causada por mim! O tédio da minha companhia o perturba. Eu o aborreço. Não sou mais a estrela que brilha no firmamento de sua alma. Sou página virada, letra esquecida, capítulo que ele deseja esquecer..."

Em segundos Mônica deixou-se capturar por pensamentos negativos.

Floriano, por sua vez, estava certo das suspeitas da esposa. Percebeu que ela desconfiava de que Roselina fosse sua amante.

"Meu Deus! Minha mulher sente ciúme de minha própria filha! Isso é monstruoso! É absurdo!".

Uma inspiração o levou a recordar as palavras pronunciadas pelo espírito Belinha em uma de suas manifestações:

- *Confie em Deus! Ele escuta suas lamentações e o ampara nos momentos de sofrimento...*

45

Decepção

Mônica contemplava a chuva. Em casa, sentia-se exilada na dor onde ancorara a alma.

"Por que Floriano fez isso comigo? Sempre o amei, fui fiel, não enxerguei ninguém neste mundo além dele... Por que essa mulher? De onde veio? Quem é? Por que a preferência de meu Floriano recaiu sobre alguém tão vulgar?"

Para Floriano, era melhor que Mônica continuasse a pensar que Roselina era sua amante ocasional. Confessá-la sua filha seria admitir uma falta muito maior, que implicaria um abalo doloroso para o relacionamento do casal, sem contar o impacto da notícia a René.

"Imagine meu filho descobrir que reneguei sua irmã à orfandade e a mãe dela ao abandono dos meus sentimentos! Não, isso não! Que Mônica continue a pensar que me excedi com aquela mulher, um acidente emocional, um deslize que em breve será esquecido..."

De volta à clinica, durante a ausência do marido, Mônica interrogou a recepcionista:

- Elaine, quem é aquela moça? Aquela que passou por mim ontem, quando estive aqui...

Mônica preparou-se para a resposta. O pior estava por acontecer. O constrangimento de Elaine foi mais uma confirmação de suas suspeitas.

- Chama-se Roselina. Vive sozinha, viaja muito, é arrogante e exibida. Quando chega, quer ser atendida na hora. Não quer saber se o doutor está ocupado ou se preparando para atender algum paciente. Um dia, quando pedi que aguardasse ou voltasse outra hora, gritou comigo e me humilhou na frente de todo mundo. A senhora não sabe o que é aguentar essa mulher! Parece dona da clínica!

Ao ouvir aquelas palavras, Mônica teve certeza da traição conjugal. Aquela era sua sucessora na posse do coração de Floriano.

- E ela se demora muito no consultório?

- Bastante. Toda semana ela aparece. Atrapalha todo o atendimento. Maltrata a todos, pensa que somos seus empregados.

- Elaine, o que o doutor diz a respeito dela?

- Nada... E quem somos nós para nos intrometer na vida dele, dona Mônica?

- Eles ficam sozinhos no consultório?

- Quando ela entra, ninguém permanece na sala do doutor. Ficam a sós.

Apressada, Mônica retornou ao lar. Dirigindo o automóvel, não parava de remoer os mesmos pensamentos:

"Nunca pensei que Floriano se rebaixasse a tanto. Transformou o consultório em local de encontros clandestinos. Prefere uma mulher jovem e vulgar, que lhe satisfaz todos os desejos por dinheiro. Na clínica, os funcionários conhecem sua fraqueza. Todos na cidade devem comentar a história. A enganada foi a última a saber!"

Mônica pisou no acelerador com toda a força dos seus pés. O excesso de velocidade e uma manobra imprevidente por pouco não causaram um acidente fatal.

No lar, não mediu as palavras.

- Floriano!

- O que aconteceu?

- Não suporto mais... Quem é ela? Sou uma tola, mas até uma tola como eu sabe o que está acontecendo... Floriano, por Deus, ela poderia ser sua filha!

- O que é isso? Por favor, esqueça. Ela é apenas uma cliente.

- Nesse caso, peço que outro médico a atenda a partir de agora! Você meu ouviu? Não quero mais essa mulher no seu consultório! Basta!

- Não posso, querida. Ela está sob minha responsabilidade.

- Floriano, você não me engana. Quando adoece ou viaja, seus pacientes não são atendidos por outro clínico? Pois então, mande aquela mulher para os braços de outro!

- Você me pede para mandá-la embora!

- Que seja! Mande-a para o inferno!

- Querida, acalme-se. Ela vem de outra cidade, especialmente para me consultar. Não posso negar-lhe o auxílio...

Não quero mais ouvir falar dela nesta casa. Chega assunto médico, não é da sua conta!

Mônica entendeu que chegou tarde demais...

46

Ciúme

Floriano dirigia para casa. Precavido, procurava evitar um imprevisto. Chovia muito e a pista estava escorregadia. Voltava para o lar depois de um exaustivo dia de trabalho, no qual não faltou a visita de Roselina. A filha intrusa enxergava no pai a agência bancária da qual retirava o dinheiro de que necessitava para viver uma vida de luxo e ociosidade.

No quarto do casal, surpreendeu a esposa com algumas cartas na mão.

- O que é isso Mônica? Deixe-me ver... - pediu, revelando o ciúme que lhe transborda do coração.

- Não.

Violento, o médico arrancou a correspondência daquelas mãos delicadas e inseguras.

- Vamos ver quem é o admirador oculto da dona Mônica! Grandes revelações nos aguardam! Quem será o homem?

- Por Deus, Floriano, pare com isso!

Tomando uma das cartas em suas mãos, qual juiz prestes a anunciar a sentença, Floriano percebeu o erro que cometera. Eram cartas, sim, de alguém que o amava. Escritas por sua esposa, relíquias de outra época, que agora ela visitava em busca de consolação. Eram cartas destinadas a ele, que as guardava zelosamente.

- Me perdoe, Mônica, pensei mal de você...

Com a intenção de fugir ao olhar da esposa, voltou a atenção para outro escrito.

- Floriano, por favor! Diga, meu marido, onde foi que errei? Que mal eu lhe fiz para merecer tal traição? Pelo amor de Deus, permita-me reparar meu erro... Não me troque por outra antes de me dar essa oportunidade. Eu o amo, e nada mais quero neste mundo senão viver nos teus braços, sentir o calor das tuas mãos percorrendo o meu corpo em busca de amor... Farei tudo aquilo que me pedir, mas não me abandone...

Em pranto desatado, Mônica saiu do quarto. Floriano entregou-se às lágrimas. Desde a juventude, sabia o quanto aquela mulher o amava, mas não imaginara que tanto devotamente coubesse naquele coração.

Quanto se arrependeu, aquela noite, de ter abraçado Carla e a envolvido em seus desejos... Ela, que não lhe recusara nada por interesse, era tão diferente daquele anjo que lhe entregava a alma em troca da suposta infidelidade que recebia.

Que elevação de espírito! Quanto Mônica era superior a ele, quão distante estava dele, ainda aprendendo os primeiros rudimentos do amor e da caridade!

47

Os viajantes

As chuvas que desabaram sobre a região abençoaram as flores e os pássaros. Demonstrando a gratidão, o verde perfumava a paisagem e as aves a enfeitavam com seu alarido. Era feriado. Floriano e a esposa, em viagem à capital, buscavam diversão, um entretenimento que os faria esquecer as rusgas familiares.

René ficou na cidade, alegando a necessidade de trabalho. Seu empenho era louvável: as terras da família, cada vez mais produtivas, geravam recursos que René pretendia aplicar em outros investimentos.

A viagem foi longa e silenciosa. Para Floriano, dirigir era um prazer. O veículo respondia aos comandos com eficiência; a estrada era segura e sua velha conhecida. O interior do carro oferecia todo o conforto que se pudesse imaginar.

Vez por outra, Mônica arriscava-se a cortar o silêncio com seus breves comentários:

- Que linda árvore!
- Veja aquela nuvem!

- Olhe aquele lago...

- Que pássaros são aqueles?

Floriano sorria e contemplava a paisagem. Na graça de Deus, tudo se encaminha. O melhor estava por acontecer, profetizou, otimista, seguindo as lições que encontrou nas páginas de livros tão ricos em sabedoria.

48

Dias felizes

A mudança de ares fez bem ao casal. A vida agitada na capital, os passeios, o cinema, o teatro, as visitas aos amigos, as novidades. Além de tudo isso, Mônica e Floriano encontraram-se com Constância e sua mãe, médiuns da casa onde receberam tanto apoio.

Graças ao tratamento, Coralina refazia-se da moléstia e estava pronta para retornar às suas ocupações.

- Voltaremos juntos! - sugeriu Floriano.

- Vão ficar à vontade, o carro é confortável! - frisou Mônica.

- Mamãe, vamos voltar para casa! Para René! - Constância era a personificação da alegria.

A viagem de volta ao lar foi alegre e transcorreu em paz.

- Em tão boa companhia, só podemos nos dar bem! - Floriano elogiava Coralina e a filha.

- Doutor Floriano, certamente o senhor está se referindo aos amigos espirituais que nos acompanham... - atalhou Coralina.

- Também, dona Coralina. Também!

O médico mostrava-se outro. O incidente com a esposa parecia superado. Por obra do destino, o mal-entendido estava bem enterrado.

Embevecida com a paisagem, Constância sonhava com os carinhos de René. Vivia-os por antecipação. Desligara-se da conversa para se entretecer com belas recordações.

"Ele me ama. Eu o adoro. Vamos casar e viver felizes para sempre."

Sonhava qual menina que recorda um conto de fadas, no qual se investe no papel principal: princesa encantada. Envolvida num turbilhão de desejos, Constância entregou-se, em pensamento, a René.

49

Espírito sofredor

De volta ao lar, Mônica e Floriano receberam o abraço caloroso do filho.

- René, que saudade, meu amor... - Mônica estava feliz, entusiasmada em ver o filho tão bem, tão carinhoso para com seus pais.

- Filho, está tudo bem? Alguma novidade? As máquinas chegaram? - perguntou Floriano.

- Tudo bem, meu pai, mas a entrega dos equipamentos atrasou. Uma greve no porto atrapalhou tudo. Ainda hoje falei com a transportadora, esta semana tudo deve se regularizar.

Administrador atento, René acompanhava todos os detalhes das tarefas que lhe cabia coordenar.

- Ainda bem que não dispensamos o ferro velho, não é meu filho?

- Aprendi com você, meu pai, a não cantar a vitória antes do tempo...

As palavras do filho o recordaram do combate que travava no íntimo da alma. Ansiava por comparecer à reunião com os espíritos e deles receber amparo para os embates que ainda o aguardavam. Roselina era uma ameaça à felicidade de sua família.

Coralina e Constância os receberam com muito carinho. Acompanhado dos pais, René compareceu à reunião, olhos postos no amor de sua vida.

Como de hábito, um dos colaboradores da casa pronunciou fervorosa prece, evocando os bons espíritos a participar da sessão. Em seguida, os costumeiros avisos e a saudação formal a dona Coralina e sua filha, que retornavam ao trabalho depois de longa ausência por motivo de tratamento médico.

Coralina murmurou ao ouvido da filha:

- É bom que se refira à nossa dificuldade. Muitas pessoas imaginam que os médiuns são pessoas privilegiadas por Deus, que não sentem dores, não passam por provações, não erram.

Constância sorriu. Ela bem o sabia que ser médium não isentava ninguém de sofrimentos. Mas não imaginava a jovem que, em breve, ela mesma atestaria, mais uma vez, a veracidade daquela afirmação. Sofreria, sim, mas por amor.

A reunião prosseguiu. A lição do *Evangelho* relembrava a todos a verdadeira caridade: a indulgência. Maior caridade ao alcance do homem na Terra, ser indulgente é aproximar-se de Deus. E relevar a falta, a imperfeição do próximo. Severidade sim, para consigo mesmo - apenas.

Em seguida, abriu-se o espaço para as manifestações. Os médiuns se concentraram. Coube a Constância dar a palavra a uma entidade sofrida, mas arrependida de suas faltas.

Suas feições se modificaram. A voz lhe saía rouca, vacilante. Algumas palavras eram pronunciadas com dificuldade. Um ou outro gemido lhe escapava e logo era abafado pela continuação do pronunciamento. Habituado às manifestações do espírito Belinha, Floriano sentiu um estranhamento. Quem seria aquela entidade?

- *Do homem na Terra nasce a dor. Pior do que a dor do corpo ferido é a dor da alma. Do lado onde me encontro, somos carrascos de nossas lembranças. Os erros que cometemos se apresentam diante de nós.* Nos *acusam, nos ofendem... Nos recordam de cada pormenor de nossas traições, detalhe por detalhe. É um castigo sem fim, que impomos a nós mesmos. Pobre de nós que tombamos no crime! Deus tenha piedade de nossas almas! Eu vos imploro, irmãos amados, preces pelos sofredores! Suas preces, reunidas, são como a chuva que banha o campo deserto de nossas almas...* - manifestou-se o espírito, interrompendo a mensagem, a voz embargada.

No rosto de Constância, as lágrimas confundiam-se com o suor que lhe banhava a face.

René observava, desencantado, aquela a quem tanto amava.

"O que está acontecendo? Constância é uma qualquer, que se submete a receber espíritos criminosos? Parece se entregar docilmente à autoridade dessa ralé do espaço, almas penadas que deveriam queimar no inferno e não perturbar nossa vida. O que é isso? Um circo? Não, não posso crer. A mulher que amo não pode ser um joguete na mão desses malvados que, agora sem corpo, querem o corpo dos outros para continuar nos incomodando com a lembrança de seus crimes..."

René queria ir embora, ansiava afastar-se daquela casa. A presença da amada agora lhe transmitia asco, e ele a repelia. Não passava de uma mulher qualquer. René recusava-se a partilhar aquela que tanto amava com os infelizes, os viciosos, os criminosos do mundo espiritual.

"Ela que fique com eles. Deve ser igual a eles, para se contentar em servir de intermediária desse lixo que faz dela sua advogada na Terra!"

René estava revoltado.

No estágio evolutivo em que se encontrava, o ciúme ainda lhe corroía a alma. Não queria dividir Constância com mais ninguém. Admitia que por intermédio de sua eleita falassem espíritos de luz; isso, no íntimo, o envaidecia. Mas servir de instrumento para os mendigos da alma... Ah, isso não. O jovem pretendia se casar com a mulher virtuosa, e essa criatura, no seu entender, era inteiramente devotada a ele. Longe dela os brutos, encarnados ou desencarnados.

- Não vou passar a minha vida com uma mulher que aprecia o contato com os demônios - decidiu René.

50

Diário de amor

Dois dias se passaram. Constância não recebeu nenhuma notícia de René. No seu diário, fez apontamos referentes à ausência do amado. Não imaginava a que atribuir essa ausência, e por isso escreveu páginas de desalento e aflição.

Recordou-se das palavras da mãe: o médium sofre como qualquer outra pessoa. Ela era, agora, testemunha viva dessa verdade.

Em prece, pediu aos amigos do espaço que a esclarecessem sobre o ocorrido:

- Meu Deus! Permita que eu saiba por que René se afastou de mim! O que fiz para merecer tal sofrimento?

O silêncio respondeu à sua pergunta.

Na semana seguinte, no grupo de estudos espirituais, René compareceu à reunião, mais uma vez ao lado dos pais. Evitou olhar na direção de Constância. Parecia distante, indiferente. Era outra pessoa. Remexia-se na cadeira, como se ansiasse ir embora o mais breve possível.

"Conheceu outra mulher?", perguntou-se Constância. "Meu Deus. O que sinto é o amor. Vou lutar. Me ajude, Pai Celestial, a merecer o amor de René, se for para o bem dele, para o nosso bem."

Em prece silenciosa, Constância entregou-se a Deus. A alma feminina compreendia, agora, que o amor jamais perde a esperança. Suas mãos, trêmulas, se enlaçaram.

"Pai, abençoe René. Se for para o bem dele, que ele seja feliz com quem estiver. Mas, Senhor, se a Tua vontade assim o permitir, eu desejo, com toda a minha alma, que ele seja o meu marido, o pai de meus filhos."

Os benfeitores espirituais a abraçaram. Constância sentiu uma indizível felicidade. Seu coração se encheu de esperança. Sentiu que Deus ouvia suas preces.

"Deus não abandona ninguém", consolou-se a médium.

51

Ela voltou

Na casa do médico, tudo parecia caminhar para a normalidade. As semanas voaram. Floriano sentia que o destino apiedara-se de sua alma. A dor que o atingiu parecida aliviada.

Ao voltar da capital, retomou a vida conjugal sem maiores dificuldades. Mônica o amava e devotara sua vida ao esposo. Ele era sua razão de viver. Floriano e René, sua grande fortuna na Terra. Mas uma sombra pairava sobre a felicidade do casal.

Certa manhã, Roselina apareceu no consultório. Como sempre, de surpresa. Adentrou o gabinete do médico com a autoridade de que se investia. Semblante ameaçador, afastava aqueles que se interpunham diante dela. Não desperdiçava seu tempo com cumprimentos. Desconhecia a expressão "com licença".

Abriu a porta da sala do médico e o encontrou fazendo algumas anotações.

- Calculando as despesas, papai? Andou viajando, gastou um pouco, não é, paizinho? Está com medo de morrer e deixar

o dinheiro para mim e para o René? Nem pense em deixar tudo para o meu irmão. Você não sabe do que sou capaz. Precisamos tomar algumas providências. Mas antes disso, meu pai querido, lembro-o de que minha mesada está atrasada. Onde está o dinheiro que me deve? Hoje vou cobrar o dobro, para o senhor aprender a não sumir sem me dar satisfação.

Floriano não aguentava mais.

- Foi carinhoso com dona Mônica? Como vai a minha madrasta?

Floriano pediu forças a Deus para não descer ao nível de Roselina, para não responder com desaforos. Mas não lhe era possível suportar aquela situação. Seus limites há muito haviam sido ultrapassados.

"Chega, estou cansado dessa criança mimada. Pouco estou ligando para o escândalo. Seja o que Deus quiser! Não aguento mais ouvir as mesmas coisas, as mesmas acusações e ser roubado por essa criatura criada pelo meu egoísmo! Chega!"

Levantando-se da poltrona, voz branda mas decidida, o médico respondeu ao desafio daquela que se apresentava como sua filha. O fruto do seu amor proibido com Carla, a médium que se vendia em troca de presentes e de polpudas gratificações.

- Acabou, Roselina. Chega. Nem mais um centavo. Desapareça da minha frente. Não devo mais nada a você. Da minha conta bancária você arrancou tudo o que lhe era devido. Se nada mais deseja além do meu dinheiro, nossa dívida está quitada. Procure um trabalho digno. Você não pode continuar a viver assim. Isso não é vida. Em breve vai acabar numa prisão. Peça a Deus que a ajude.

Roselina não se abalou: olhou para o médico e um largo sorriso se estampou em sua face. Parecia preparada para rebater a rejeição. Não demonstrou nenhuma hesitação ao responder, aos berros, despreocupada que outros ouvissem suas ameaças:

- E se eu me casar? O que acha, papai? Em breve você terá uma surpresa. Um bom casamento resolverá tudo. Serei considerada uma mulher de respeito. Quem sabe eu convença meu marido a sair desse lugar sem graça e viver na capital. O senhor vai ficar livre de mim.

Floriano ficou surpreso.

"Casar? Que armadilha é essa? O que ela pretende? Nem parece preocupada com minha recusa em lhe dar mais dinheiro!"

- Ficou mudo? Não diz nada, papai? Então, parece que consente com o casamento. Olhe lá, não vá se arrepender depois...

Roselina deu por encerrada a visita. Em tais ocasiões, sua palavra era sempre a final. Ao retirar-se do consultório, viu-se diante de um rapaz que acompanhava um senhor idoso, necessitado de cuidados médicos. Fixou os olhos no rosto do jovem.

Era formoso, saudável. Parecia confiante, decidido. Roselina estava diante de René, o filho de Floriano. Quis o destino que os dois se encontrassem naquele dia. Hipnotizado pela serpente que cruzou seu caminho, René acompanhou-a com o olhar. Sentiu-se atraído por aquela mulher, tão jovem, bela e atraente, vestida com tanto luxo. Seu perfume deixou um rastro no ambiente e ficou guardado na memória de René.

"Quem será? Deve ser uma das clientes de meu pai. Nunca a vi na cidade", pensou o jovem, que acompanhava um dos trabalhadores das terras da família ao pronto-socorro.

- *Pronto, eles já se conhecem. Começou o jogo* - sussurrou uma estranha entidade, aparência deformada e repelente.

- *Em breve serão bons amiguinhos* - comentou outro habitante do mundo invisível, tão horroroso como aquele que o acompanhava.

- *Vamos, não podemos perdê-la de vista. Ela precisa da nossa ajuda* - disse outro deles.

Tratava-se de um bando de espíritos malignos, desejosos de prejudicar aqueles que, outrora, os haviam relegado à dor e ao sofrimento.

Antes de entrar no carro, Roselina perguntou ao porteiro da clínica:

- Quem é aquele moço, que entrou acompanhado do velhinho?

- A senhora não o conhece? É o filho do doutor Floriano!

- É ele mesmo? - Roselina estendeu uma cédula ao porteiro, que a recebeu com grande satisfação.

- Obrigado, dona. Em que posso ajudá-la?

- Fale um pouco do René.

- Ele é quem cuida das propriedades do pai. Não é muito chegado em medicina. Diz que não pode ver sangue sem desmaiar, mas não é bem assim. Outro dia, um dos operários que está trabalhando na nova sede da fazenda do doutor Floriano feriu a mão e ele foi o primeiro a socorrê-lo. Gosta de música, dizem que é um excelente violinista. Só não foi estudar na capital por causa dos pais, dos quais não consegue se afastar.

- É o queridinho da mamãe e do papai... - ironizou Roselina.

- É isso mesmo, dona. É um bom filho, muito amado pelo casal. E olhe, minha senhora, ele é muito bom para conosco. Nem parece o filho de um homem tão importante.

- Muito bem, meu velho. Onde eu o encontro? - O porteiro se prestou a responder, incentivado pela polpuda gratificação.

"O que não se consegue com dinheiro? O dinheiro compra tudo!", pensou Roselina, acelerando o carro na mesma medida em que seus pensamentos ganhavam velocidade para voar na direção de novos planos.

"Vai ser mais fácil do que imaginei. Ele não passa de um garotão mimado. Do jeito que me olhou, devo ser bem diferente das caipiras que ele deve namorar."

52

A aparição

Naquela manhã de domingo, a cidade estava adormecida. As ruas, vazias. Em casa, Constância despertou e se preparou para visitar algumas pessoas que ajudava, por vontade própria. Eram carentes de tudo - do pão material e espiritual -, e a elas a moça dedicava as primeiras horas dos domingos.

Quando recebiam Constância, aqueles que eram privilegiados com sua visita sentiam-se reconfortados apenas com o seu cumprimento. Consideravam-na um anjo benfeitor que os procurava para levar, além dos bens materiais que doava com amor, a solidariedade e a esperança.

No quarto, antes de levantar-se, ela pronunciou sua oração:

- Senhor, seja feita hoje a Tua vontade, não a minha. Mas, se for merecedora da tua piedade, acompanha meus passos e guia-me na direção da caridade. Que eu possa, Senhor, realizar na Terra aquilo que minha alma tanto anseia: servir na seara de Jesus. Onde houver a necessidade, que eu possa ajudar de algum

modo. Senhor, peço a Tua proteção para minha mãe; ampare sua saúde. Ilumina, Pai Celestial, o coração de René. Que ele possa ver em meus olhos o amor que carrego em meu coração. Graças a Deus.

Na cômoda, observou um dos presentes que René lhe ofertara, uma linda caixinha de música. Lágrimas de tristeza despencaram de seus olhos.

"Por quê?", perguntou-se mais uma vez. "O que eu fiz para ser abandonada sem nenhuma justificativa? René, não me abandone, eu o amo!"

O olhar embaçado pelo pranto, divisou luminosa aparição no ambiente. Não a enxergou com os olhos, mas com as percepções da alma. Era o Espírito Belinha, que lhe aparecia pela primeira vez, depois de várias manifestações psicofônicas.

A luz se espraiou no ambiente. A entidade se vestia com luminosidade sem igual. Nenhuma palavra pronunciou. Mas a ternura que exalava daquela aparição dizia tudo que a médium desejava ouvir.

Envolvida em fluidos calmantes, Constância recebeu a visita celestial. Seu coração se aquietou, as lágrimas desaparecem do seu rosto. A satisfação e a paz refletiram-se em seu semblante. Encheu-se de esperança. Aquele era um aviso dos Céus para não se entregar ao desânimo!

"Graças Te dou, Senhor, por ouvir meu pedido de misericórdia. Seja o que for, aceito Tua vontade. Se não for merecedora do amor de René, o ajudarei, no que me for possível, a construir sua felicidade, seja qual for aquela que escolher para sua companheira."

Do outro lado da cidade, Roselina separava as roupas que usaria. Depois do banho demorado, caprichou no preparo da maquiagem, costumeiramente exagerada, mas que, naquele dia, lhe pareceu melhor ser menos sedutora.

"Preciso parecer uma boa menina..."

E entregou-se às gargalhadas.

- *Viu como ela está excitada com a possibilidade de namorar o próprio irmão?* - perguntou alguém, invisível, entre as sombras do quarto.

Outra entidade respondeu bem depressa:

- *Não passa de uma ladra. Isso é o que ela é. Sua ambição não tem limites. Quer todos na sua mão. Usa da beleza para seduzir os homens e fazê-los seus criados. Mas a nós ela não engana. Vai pagar pelos crimes que cometeu.*

Dessa vez, a lembrança do mal que sofreram nas mãos de Carla impediu que gargalhassem diante da jovem Roselina.

53

Sedução

Roselina cavalgou pelo campo. Sua aparência era formosa, mas a alma que se acobertava naquele vaso era horrenda. Seus intentos, os piores possíveis. Era a serpente que rastejava na direção da vítima. O dinheiro que Floriano lhe oferecia todas as semanas lhe pareceu pouco diante da fortuna que poderia abocanhar. Aquele galope era parte de seu plano para arrasar, de vez, com a vida do médico, e fazer chegar às suas mãos a fortuna que - como acreditava piamente - mudaria o rumo de sua vida.

"Vou viajar, conhecer o mundo, me divertir sem me preocupar com o dinheiro. Adeus dificuldades, roubos, arranjos e golpes medíocres. Chega de furtar trocados para pagar minhas contas", pensava a bela amazona, que cavalgava confiante pelas terras de Floriano. "A riqueza do médico não escapará de minhas mãos."

Numa das propriedades da família de René, Roselina observava o trabalho dos agricultores. Aproximou-se devagar, contemplando a agitação da equipe que se movimentava

ativamente. Um dos trabalhadores retirou o boné e a cumprimentou respeitosamente. Roselina ignorou a gentileza e continuou a cavalgada.

"Gentinha. Não podem ver uma mulher bonita e põem as mangas de fora."

Informada das atividades de René naquele dia, a chantagista aproximou-se dos estábulos da propriedade. Lá, encontrou o jovem a conversar com um dos tratadores. Foi quando René divisou a conhecida figura de mulher que tanto o fascinara na clínica de seu pai.

- Não está precisando de uma trabalhadora dedicada? - Mal terminou a pergunta, Roselina desceu do cavalo e estendeu a mão para o moço.

- Bom dia. Que surpresa... - respondeu René, sorridente.

- Vocês só plantam cana? Isso parece um mar de cana-de-açúcar. O que a gente vai comer, desse jeito?

- Bem, é a cultura mais valorizada da região. Em outras propriedades temos outras plantações, o gado leiteiro, o gado de corte - informou René, empolgado com a oportunidade de falar àquela mulher tão linda sobre as riquezas da família.

- É, dá para perceber que ninguém passa fome por aqui...

- Se depender do meu pai, não passa mesmo. Todos são bem tratados. Ele está formando uma cooperativa para garantir a independência de todos e a divisão dos lucros em partes iguais.

- Seu pai é um benfeitor! - disse Roselina, adoçando a voz.

Então pensou:

"Benfeitor! Pois sim. Floriano permitiu que eu minguasse de fome na mão de dois pobres coitados. Margarida e seu marido

em pouco tempo dissiparam a fortuna que receberam do médico e afundaram na mais negra miséria. Isso não acontecerá comigo."

Estava escrito, acreditava ela, que seria rica e famosa, e que sua fortuna duraria para sempre.

Nada de filhos, nem compromissos. Daria todos os prazeres ao marido, desde que permitisse que ela se arranjasse de acordo com suas vontades e que pudesse, de vez em quando, dar suas escapadinhas.

René colocou a sela num cavalo e convidou Roselina para passear.

- Vamos, por aqui há um recanto da floresta que o meu pai preservou. Um pedaço do verde que um dia dominou essa região. Lá os passarinhos cantam desde o alvorecer. Flores silvestres perfumam o recanto. Nós proibimos a caça: lá existem pequenos animaizinhos que vivem felizes, sentindo-se protegidos.

- Que amor! - respondeu Roselina.

"Até os bichos são mais bem tratados do que eu fui! Bandido! Floriano me paga! Em nome de minha mãe, juro que vou me vingar!"

Ela subiu na montaria e acompanhou René. Não era bem o que imaginava, mas tratava-se de um bom começo.

Antes que o jovem alcançasse o destino anunciado, Roselina esporeou o cavalo e mudou de curso. Separando-se do moço tão gentil, gritou, já a distância:

- Preciso ir... Fica para outro dia!

"Dê lembranças aos passarinhos e aos bichinhos da floresta e me aguarde", pensou. "É melhor assim. Ele já experimentou

a minha companhia. Que fique com vontade de me ver de novo. Vou bancar a difícil. Isso não falha com homens como ele, acostumados a ter tudo o que desejam em suas mãos, filhinhos da mamãe e do papai."

René contemplou o corpo curvilíneo que cavalgava com destreza. Além de bela, Roselina era exímia cavaleira. Criada no campo, passara a infância e a juventude cuidando de animais. Sentia-se mais à vontade entre eles do que junto dos homens.

- René será meu! Farei com ele o que quiser!

Feliz, Roselina profetizou, em seu favor, em voz alta. Só a montaria foi testemunha de sua vontade.

Na espiritualidade, benfeitores movimentavam-se para ajudar a jovem a libertar-se das ideias de vingança.

- *Roselina precisa vencer a si mesma. Precisa perdoar para ser perdoada por aqueles que se encontram nas trevas da ignorância e desejam o seu mal. Oremos por ela* - convidou o espírito de luz.

54

Esperanças

O inverno chegou. Constância aceitou com resignação a separação de René. Viu o rapaz algumas vezes, a distância, mas não se atreveu a se aproximar. Ainda acalentava uma esperança: no dia em que ele a procurasse, nada impediria a reconciliação. Tudo se esclareceria e os dois retomariam o namoro interrompido.

"Quem sabe quanto tempo falta para esse feliz reencontro?", perguntava-se a jovem. "Deus sabe o que faz, sabe o que é melhor para nós. Talvez eu não esteja pronta para fazer René feliz", pensava, o coração envolvido no amor e na bondade.

Em suas orações, pedia por René:

"Que Deus o abençoe com a luz divina, ilumine seu caminho na direção do amor, do bem, da fraternidade."

Algumas vezes, porém, a dúvida assolava seu coração aflito e solitário:

"Será que ele não foi feito para mim? Será que não o mereço? Mesmo que assim seja, não consigo me separar dele em pensamento. O que fazer, meu Deus? Só me resta aguardar."

55

Constrangimento

Na manhã seguinte, René retornou do campo e encontrou a mãe em casa, em reunião com Coralina e a filha. A jovem empalideceu quando viu o amado entrar no salão. O sentimento que ainda estava aceso no coração do moço o impeliu em sua direção. Constrangido, não sabia o que falar.

Entre os dois permaneceu o vazio. Um abismo que Constância gostaria de saltar, mas não dispunha de forças para tanto. E não acreditava que fosse a hora para tal iniciativa.

- René, veja quem nos visita.

- Bom dia, dona Coralina, como vai a senhora? Bom dia, Constância.

- Fique conosco, filho.

- Não posso, mamãe, estou só de passagem.

- Não vai almoçar conosco? - indagou Mônica.

- Eu gostaria, mas estou com muita pressa. Vou tomar um banho, comer um lanche e voltar para o trabalho.

- Por que tanta pressa? - Mônica percebeu que se tratava apenas de uma desculpa do filho para evitar as visitantes.

- É minha obrigação. Estamos com alguns problemas inesperados. Preciso dar um jeito, conversar com o pessoal da produção. Com licença, não posso me demorar mais. Com licença dona Coralina.

O jovem nem sequer despediu-se de Constância, que aguardava, ao menos, o olhar do rapaz que tanto amava, caríssimo e insubstituível no seu coração.

René retirou-se depressa do ambiente. Constância não escondeu sua decepção. Por que René a evitava daquele jeito? O que fizera para merecer tanto desprezo? Havia outra mulher na vida daquele que era seu ideal de amor? Ele a olhava como se sua presença o incomodasse. Ah, se tivesse coragem de perguntar o que estava acontecendo... Mas, não. Era melhor assim. Não se sentia preparada para ouvir a resposta.

56

Comparações

René estava ansioso para encontrar-se com Roselina. Sentia o desejo de abraçá-la, envolver seu corpo, beijá-la demoradamente, respirar o seu perfume.

"Roselina, eu a amo, mas você não pode saber disso. Não antes de nos conhecermos melhor."

René fazia seus planos. Planejava conhecer a família da moça, aproximar-se dela e declarar seus sentimentos. Tudo lhe parecia tão fácil... Ignorava que caminhava, bem depressa, na direção de uma terrível armadilha.

Atrevida, a jovem voltara várias vezes ao mesmo local, certa de encontrá-lo. Entre os dois desenvolvera-se mais do que uma amizade.

René sentia-se atraído por ela, e desejava-a, cada vez mais, perto de si. Aquela mulher era bem diferente das moças com as quais convivia na cidade. Conhecia de tudo um pouco, era bem-humorada... Por vezes, comparava-a com Constância, que era reservada, respeitosa, tímida.

"São tão diferentes... Eu admiro Constância, a respeito, mas Roselina me atrai, é divertida. Mas, e quanto a Constância? Bem... Em breve vai encontrar alguém que se interesse por ela. É bonita, tem bom caráter, temperamento tranquilo, vai arranjar um bom casamento."

René buscava um álibi para justificar a troca. Estava decidido: queria Roselina. Era sua paixão. Constância que ficasse na companhia de alguém que também tolerasse partilhá-la com espíritos atrasados e criminosos.

No mundo invisível, a conspiração fora armada. Tudo estava pronto. Uma legião de obsessores se movimentava para realizar seus intentos. Roselina - egoísta, apegada aos bens materiais - era presa fácil dos vingadores, que a manipulavam há anos. Influenciavam-na dia e noite. Imantados pela sintonia, usufruíam, uns dos outros, da companhia na qual se compraziam. Eram iguais: espíritos viciosos, presas do sensualismo, ao qual se algemaram pelo egoísmo.

Inspirada pelos espíritos maldosos, Roselina só pronunciava palavras doces, ao agrado de René. A armadilha era preparada aos poucos. A presa, devagarinho, encaminhava-se em sua direção.

- Onde você quer ir hoje, querida?

- Me entrego aos seus braços, amor.

Os passeios a cavalo eram intermináveis. Roselina imaginava a expressão de Floriano ao descobrir que ela seduzira o próprio irmão. Quanto iria pedir para deixar René em paz? Às vezes perguntava-se:

"E se o meu irmão não quiser ficar longe de mim?

Nessas ocasiões, um fiapo de luz desprendia-se de sua alma e a levava a raciocinar:

"Mas o que faço? René é meu irmão! Isso não é certo. Ele nunca me prejudicou. Não sabe quem sou, cai em meus braços sem imaginar quem sou. Beija, abraça e acaricia a própria irmã, sem o saber".

- Roselina, por que você foge das minhas carícias? Eu a amo, quero me casar. Sou sincero em minhas intenções. Não consigo mais viver longe de você.

- René, eu também o adoro. Você sabe disso. Não sou uma mulher como essas que andam por aí, à disposição dos homens. Sei que a felicidade me aguarda, posso esperar. Na hora certa, seremos felizes, prometo.

- Mas existe hora para ser feliz?

- Meu amor, eu já disse: não sou uma dessas mulherzinhas que se entregam nos primeiros encontros. Você já deveria ter percebido isso. Tenha paciência.

- Sei disso. É por isso que a amo. Você é uma mulher muito especial. Mas para que esperar tanto pela felicidade?

- René, é preciso que você tenha certeza absoluta daquilo que quer, para não se arrepender depois. Pense bem. O casamento, acredito, é para sempre.

- Roselina, eu a amo. Venha, vamos fugir de tudo isso. Estou cansado da solidão. Quero dormir e acordar nos seus braços. Sentir o seu perfume, o calor do seu corpo. Por que você me evita? Não percebe que está judiando do seu amado?

- Coitadinho do meu gatinho... Venha! Por enquanto, vamos até minha casa. Quero apresentá-lo a meus pais. Não

repare, eles são idosos, pessoas muito simples. Sou filha única. Nasci numa noite de tempestade e, desde aquele dia, meus pais dizem que sou a felicidade da vida deles.

Roselina conduziu René até sua casa e o apresentou àquela que desempenhava o papel de sua mãe. Margarida, sua cúmplice, estava preparada para encenar a comédia. Cercou o rapaz de gentilezas.

Por precaução, o marido de Margarida foi conservado longe da sala, acomodado num dos quartos do casarão.

- E seu pai, Roselina?

- Não está muito bem. Sente dores nas costas, não consegue andar.

Depois da primeira incursão à vida familiar daquela que considerava a mulher mais pura que encontrara, as visitas se repetiram. René era sempre recebido com alegria. Sentia-se um príncipe naquela casa.

"Meus pais me tratam bem, mas me sufocam com o seu carinho. Sou obrigado a fazer tudo para contentá-los. Aqui, na casa de Roselina, me consideram diferente. Perguntam qual é minha vontade e se prestam a atender meus desejos. Meu Deus, nunca imaginei que houvesse gente tão boa neste mundo!"

Ceias deliciosas, sobremesas preparadas com capricho, chocolate caseiro. Sucos, chás, cafezinho moído na hora. René sentia-se um príncipe diante de súditos amorosos. Graças ao dinheiro arrancado do pai de René, a casa de Roselina, nos afastados da cidade, dispunha de cocheira e cavalariça.

- Vivemos modestamente, mas com algum conforto, meu querido, que nos custa manter. Antes de ficar doente, meu pai

era um próspero comerciante, mas os médicos levaram grande parte de sua fortuna. Nos mudamos para cá em busca de um ambiente que o ajudasse a recuperar a vontade viver. Ele adora o campo.

Roselina era especialista em criar enredos. Sem pestanejar, René acreditou em tudo que aqueles lábios tão sensuais pronunciavam com doçura e afetação.

- Amor, quando ficaremos a sós? - insistia ele.

- Vamos esperar mais um pouquinho... Para que tanta pressa? Temos uma vida inteira pela frente. Vamos viajar bastante! Quero namorar numa praia deserta! Você gostaria?

- De que provas você precisa para acreditar no meu amor? Seus pais gostam de mim. São experientes, sabem que não vou faltar com minha palavra.

- Experimente a sobremesa, meu amor...

Imensamente feliz, Roselina não cabia em si. Tudo caminhava conforme os seus planos. René estava em suas mãos.

Deliciado com os carinhos que recebia, René deixou-se consolar pelos comes e bebes que lhe eram servidos. Ternamente, Roselina afagava os cabelos do jovem e o envolvia em seus braços.

As tardes, que até algum tempo atrás ele reservava para administrar as propriedades da família, agora eram tomadas por Roselina.

"Nossos empregados são de confiança. Que falta faço eu? Ninguém é insubstituível", considerava René.

57

A armadilha

René mudara muito. Antes simples e despojado no vestir, agora ostentava roupas da moda, compradas nas lojas mais caras da cidade. Passeava pelo campo vestido como um jovem da cidade. Sua vestimenta não combinava com seus afazeres e responsabilidades. Novos hábitos se agregaram à personalidade. Sentia-se feliz com a adulação, os carinhos afetados daquela jovem que, no entanto, recusava-se a entregar-se a ele.

"Os pais dela me amam. Fazem todas as minhas vontades. Dizem que sou o filho que nunca tiveram", pensava René, perdido em tenebrosa obsessão.

Agia conforme desejavam as criaturas invisíveis. Era um marionete de inteligências mais determinadas do que ele, que pretendiam induzi-lo a terrível sofrimento.

Roselina comprazia-se em observar quanto era desejada:

"Só me entregarei quando chegar a hora, se for preciso. Até lá, eu o terei em minhas mãos. Represento a boa moça que só vai levar ao Paraíso o eleito do seu coração".

Um sorriso esboçou-se em seus lábios, prenunciando os risos que se seguiram.

- Qual é a graça? Divida comigo sua alegria, Roselina.

- Não é nada, meu bem. Coisas de mulher. Nós somos assim: quando felizes, rimos à toa. Estou feliz ao lado do meu príncipe encantado.

- Se depender de mim, essa felicidade vai durar para sempre, princesa - prometeu René, fascinado por aquela mulher, a chantagista que extorquira uma fortuna de seu pai.

58

Ameaças

Dois meses depois, Roselina retornou ao consultório de Floriano. Era outra mulher: dispunha de um trunfo grandioso, capaz de arrasar qualquer argumentação do médico.

Agora era dona do coração de seu filho, seu irmãozinho querido, com quem brincava de casal enamorado. No íntimo, sentia-se excitada com a inusitada situação.

"Irmão e amante, que combinação extravagante!", pensava, assediada por espíritos que a influenciavam para o mal.

Um irmão que nem conhecia, que atraíra sua atenção de mulher. Não podia negar que se comprazia naquela representação. Sentia prazer com os carinhos de René. Se houvesse necessidade, os relataria ao pai.

"O velho vai ficar escandalizado. Só espero que não tenha um ataque cardíco."

Floriano a recebeu com respeito e solenidade.

- Eu lhe peço, senhorita: retire-se daqui. Nada temos a conversar. Quando de nossa última reunião, deixei bem claro

que não lhe daria mais um tostão. Mantenho minha palavra. Não adianta pedir dinheiro. A fonte secou, minha cara.

- Acalme-se, meu pai. Tenho uma boa proposta a lhe oferecer. Trata-se de um negócio. Vai custar uma grande fortuna, mas está ao seu alcance pagá-la sem sacrifício. Lembra-se de quando falamos de meu casamento? Pois bem, você me sugeriu levar uma vida decente, e eu aceitei. Agora só depende de você. Pretendo me casar. Quero o seu consentimento. Afinal, filha bastarda que sou, não deixo de carregar o seu sangue.

- Não entendo. Você é dona da sua vida, nunca me pediu nenhuma opinião. O que tenho com isso? Faça o que for melhor para você! Que Deus a ajude a recuperar o tempo que perdeu roubando os outros!

- Sem acusações, papai. Fique sabendo de uma coisa: o ladrão aqui é você. Calma, não se levante. Continue sentado. Sabe quem está apaixonadíssimo por mim? René! Ele mesmo! Seu filho, o meu irmão!

- Louca! O que diz? Meu filho? Não posso acreditar!

Um raio que o atingisse não o fulminaria como aquela frase. Floriano sentiu como se fosse apunhalado no coração. Uma forte dor se deteve em seu peito. Não conseguiu respirar. Sua visão ficou turva.

- Vamos, doutor, onde está o talão de cheques? Vamos precisar dele, tenho umas continhas urgentes para pagar. E olhe, seu filho está mal acostumado: só come do bom e do melhor. E um saco sem fundo! É tão ingênuo que imagina que os banquetes que servimos a ele são preparados por Margarida, aquela que está certo que é minha mãe.

Sem esperar resposta, Roselina socou a mesa.

- Vamos! Preciso de dinheiro para sustentar as extravagâncias de seu filho!

Possesso, Floriano levantou-se da poltrona e avançou na direção de Roselina, sentindo o ímpeto de esmagá-la e acabar com aquele terrorismo que lhe vitimava a alma e agora invadia a existência do filho.

- Calma, doutor. Muita calma. Se me agredir ou me maltratar, seu filho vai saber e vai reagir. Do jeito que me ama, é capaz de matá-lo. Que pai desnaturado, doutor... Avançar para abusar da namorada do próprio filho! O que René diria seu eu contasse que passei mal, procurei um médico e você tentou me violentar no consultório? Em quem ele vai acreditar quando eu mostrar as marcas da sua agressão? Ora, você não tem coragem de me bater. Sabe do que sou capaz.

Cérebro convulso, Floriano se continha para não naufragar num mar de ódio.

- Anote a importância, por favor. Esse é o meu preço. Em troca do dinheiro, desisto de René e vou para bem longe dessa terra de ninguém. Se analisar bem, o preço não é alto. É apenas a minha parte na herança.

Roselina encerrou a reunião. Mesmo para ela, fria e calculista, as emoções daquele encontro foram demais. Precisava recuperar as forças.

- Suma daqui, desapareça da minha frente! Prostituta! - Floriano gritava, desesperado.

Preocupada com os gritos, a enfermeira bateu à porta da sala.

- Entre, está tudo bem - tranquilizou-a o médico.

- Mas, doutor, o senhor estava gritando!

- Não foi nada. Esqueça o que ouviu, por favor. Eu lhe peço.

Roselina partiu sem se despedir. Seu ar era de vitória. Aquele era o seu golpe final. O golpe de misericórdia. Pronto. Agora lhe restava recolher o dinheiro e desaparecer daquele lugar.

59

No lar

A balado com a revelação, Floriano não sabia o que fazer. Seu filho estava enamorado da própria irmã!

- Como Deus pôde permitir uma coisa dessas? - gritava no quarto.

Ao se retirar do aposento, foi ao encontro de René.

- Meu filho, você vai sair hoje?

- Vou, meu pai. Precisa de mim?

- Não, meu filho. Está tudo bem. Para onde vai?

- Nada de especial, pai. Um passeio, dar uma volta pelos arredores. Aproveitar o luar e namorar um pouco.

- E Constância? Tem se encontrado com ela?

- Nós rompemos, papai. Não deu certo. Ela é muito diferente de mim. Por favor, vamos mudar de assunto.

- Meu filho, volte para ela. Constância vai fazê-lo muito feliz.

- Não vou esconder a verdade. Estou apaixonado por outra moça. Ela me compreende e me faz feliz. É jovem, vive

com os pais perto daqui. Não são donos de grandes posses, como nós, mas vivem bem, têm recursos. São respeitosos, hospitaleiros. Elogiam o senhor, de quem ouvem falar muito bem na cidade. Pretendem fazer uma visita a nossa casa, querem conhecer você e mamãe.

Floriano empalideceu. Roselina era, realmente, uma chantagista refinada. Pensou em tudo, em todos os detalhes. Imaginava o que sentiria se tal encontro se desse em seu lar. Ele, Mônica, os ex-empregados de Carla e sua filha, Roselina. Mônica reconheceria os funcionários da médium por quem um dia Floriano se apaixonara? De volta à razão, angustiado, acusou o filho:

- Como ousa abandonar uma jovem de tão belo coração e trocá-la por uma qualquer, que você não sabe de onde veio? Ela não é da cidade. Que garantias você tem de que se trata de alguém com bom caráter? Pode ser uma aproveitadora qualquer, uma carreirista em busca de fortuna fácil! Você é muito ingênuo, meu filho. Sua mãe o mimou demais. Não enxerga o mundo em que vivemos. Estamos cercados de gente perigosa, que deseja arrancar nosso dinheiro!

- Papai, o que está acontecendo? Por que me trata assim? O senhor me encarregou de inúmeras responsabilidades e agora me acusa de ingênuo? Sou capaz de administrar as propriedades da família mas incapaz de cuidar da minha vida? Fico com quem eu quiser. Não lhe devo satisfações dos meus sentimentos. Vou me casar com a mulher que escolhi. Sei o que é melhor para mim. Não preciso dos seus conselhos. Não sou mais uma criança.

Desesperado, Floriano discutiu com o filho. Mônica apareceu e sua presença devolveu a paz ao ambiente.

- Por que não nos aconselhamos com os benfeitores espirituais? Quem sabe possam nos ajudar...

- Por mim, tudo bem - concordou René, afastando-se dos pais.

Mais tarde, os três, em silêncio, partilhavam do jantar. A família estava dividida. Roselina conseguiu vencer uma batalha. Espíritos acobertados nas sombras comemoravam: a vitória final parecia cada vez mais próxima. O médico, sua esposa, o filho e Roselina caminhavam na direção do abismo preparado por eles.

60

Pensando nela

Na mesma noite, os três se fizeram presentes à casa de oração. Mônica, Floriano e o filho compareceram à reunião espírita e se mantinham atentos aos acontecimentos.

Lá, tudo era previsível: os cumprimentos, a prece, os avisos costumeiros, a palestra, a palavra do espírito amigo, os passes.

- Aqui estamos num oásis de paz - comentou Mônica.

O que nenhum dos três imaginava é que transitavam por órbitas distintas em torno de uma mesma mulher: Roselina. Mônica a enxergava como a amante do marido, que lhe cumpria derrotar. Para Floriano, era a chantagista sem escrúpulos. René lhe entregou o coração, era a mulher de seus sonhos, com quem ambicionava formalizar duradora união.

"Ela não vai roubar o meu marido", pensava Mônica, rogando ajuda aos espíritos.

"Dei a você todo o dinheiro que me pediu. Vá para longe de nós". Floriano queria a libertação. Em pensamento, pedia que os espíritos a afastassem de sua família.

"Meu amor, meus pais não vão me separar de você", pensava René, que sonhava de olhos abertos, certo de que os bons espíritos abençoariam o seu casamento com Roselina.

No momento da manifestação espiritual, Constância recebeu o Espírito Belinha, que recomendou a necessidade da libertação das paixões, o desprendimento dos sentimentos exaltados pelo sentimento de posse.

René atribuiu as palavras ao ciúme de Constância e não levou em consideração a recomendação espiritual.

Ao se retirar do local, Mônica, Floriano e René pareciam mais calmos. Cada um refletia sobre o destino e fazia planos para o futuro.

61

Virtude e sedução

Mônica enfrentou os sentimentos do filho e pretendeu mudar o rumo do seu coração. Fracassou onde também saiu perdendo o marido. René estava convencido de que os pais desejavam tê-lo para sempre ao seu redor. Casar com Constância? Nem pensar... Que alegria teria com aquela mulher tão triste, que se entregava aos espíritos como simples mensageira, sem vontade própria? Personalidade apagada, sem vida. Roselina, sim, era só alegria. Era a dona do seu coração. Por que negar?

- Meu filho, Constância é uma moça virtuosa! - insistia Mônica.

- Quer saber, minha mãe? Para mim ela não passa de uma mistificadora. Se alguém está divagando, não sou eu. Não percebem que essas reuniões enfraquecem a nossa vontade? Que esses espíritos desejam nos dominar por intermédio desse grupo de fanáticos? O que eu aprendi até agora naquela casa? Nada, a não ser me submeter à vontade deles!

- Meu filho - interrompeu Floriano -, nós o amamos. Essas pessoas querem o nosso bem. Nada nos pediram em troca da paz que ganhamos em sua companhia. Sua namorada manipula sua vontade, impressiona seus pensamentos. Você mudou muito depois que a conheceu: veja essas roupas ridículas que está usando. Parece que vai a um baile a fantasia.

- Calma, Floriano, não insista...

Lágrimas se derramaram dos olhos de Mônica. Mãe extremada, sofria com o choque inevitável entre pai e filho. Gerações se debatiam. Ela se sentia impotente para reconduzi-los à reflexão.

- Não se preocupe, mamãe. Sabe Deus o que puseram na cabeça de meu pai. Algum feitiço, decerto. Mas na minha não conseguiram entrar. Minhas roupas são ridículas? Mas é assim que os jovens se vestem, meu pai. Não me queira velho antes do tempo. Fique com os beatos e eu fico com quem quiser. Cada um escolhe o que é melhor para si. Lembre-se: sou seu filho. Não sou seu empregado.

- Meu filho, me perdoe, não lhe condeno a vestimenta, mas o pensamento que você entrega a uma desconhecida. Essa mulher...

- Pai! Como pode falar assim? Não a conhece! Não foi o senhor que disse que devemos seguir Jesus e não julgar ninguém? Veja o que faz: acusa a moça sem conhecê-la. Só porque a família dela não é rica, não significa que não seja digna! Perigosos são esses aventureiros que se instalaram em nossa cidade. Esse grupo que se apoia nos espíritos para nos dominar. Pai, o senhor não percebe a trama? Querem tomar

posse de sua fortuna por intermédio do meu casamento com Constância. Ela é apenas a cúmplice da mãe.

- Que absurdo é esse, meu filho? Dona Coralina é um poço de bondade. Nunca nos pediu nada! Nós é que devemos a ela por tanta bondade que recebemos por seu intermédio - rebateu Floriano.

- O senhor está cego, papai! São duas oportunistas! Mãe e filha, farinha do mesmo saco! Não me enganam!

- René, são duas mulheres honestas, que abraçaram uma doutrina de amor. Nada solicitam a ninguém. Nunca nos pediram um centavo em troca da caridade que nos prestaram.

- É claro, meu pai. O golpe delas é grande: é tudo ou nada. Elas não querem migalhas. Querem a minha herança!

- Você não sabe o que diz. Nunca imaginei que me decepcionaria tanto com você, René! Desde que começou a sair com aquela mulher, nós não o reconhecemos mais como nosso filho. Você não é o mesmo. Ela o enfeitiçou.

- Quer dizer que agora preciso pedir permissão para me encontrar com a mulher que amo, meu pai? Ela é uma bruxa? Bruxa é Constância, que permite aos maus espíritos se manifestarem por seu intermédio.

Sem esperar resposta dos pais, René saiu de casa. O automóvel recebeu o impacto de suas emoções. A arrancada do veículo foi ruidosa. Descontente com os pais, René não aceitou a condenação de Roselina.

"Meu pai sequer a conhece. Como pode acusá-la? Depois de tantos anos de convivência, não o reconheço. É injusto e agressivo quando não lhe fazem a vontade. O que fiz para

merecer tanta incompreensão? Quem ele pensa que é para comandar a minha vida? Em minha própria casa, não tenho sequer o direito de escolher a roupa que uso, quanto mais a mulher a quem pretendo desposar!"

62

De mal a pior

No dia seguinte, depois do expediente, Floriano continuou preso ao gabinete. A noite tomou posse do firmamento. O médico quedou-se na mesa de trabalho, abatido pelas contrariedades.

Entre o sono e a vigília, ouviu gargalhadas. Apavorado, imaginou-se invadido por um pesadelo. O remorso da falta cometida no passado continuava a corroer sua alma, tal qual a ferrugem, que impiedosamente consome o ferro.

"Senhor, tenha piedade da minha alma..."

Mesmo em sonho, Floriano rogava a misericórdia de Deus.

Profissional eficiente há longa data, Floriano agora não passava de uma sombra do que fora um dia. Atrapalhava-se com tudo, confundia diagnósticos, maltratava pacientes para depois pedir-lhes desculpas exageradas - não sabia o que estava fazendo.

- O que está acontecendo com o doutor Floriano? - perguntou a enfermeira-chefe ao responsável pela administração da clínica.

- É a idade. Parece que se envolveu com uma paciente do hospital. Sinto muito dizer isso, mas, se continuar assim, precisaremos comunicar a seu filho.

- Disso eu já desconfiava. É uma jovem muito extravagante que vive brigando com ele por causa de dinheiro.

- Veja a senhora... O doutor Floriano, tão certinho, tão cumpridor de suas obrigações, deu para jogar tudo para o alto. De vez em quando some do consultório, abandona os clientes, desrespeita os funcionários. Vai encontrar-se com aquela dona. Deve ser muito mesquinho com ela, porque a tal vive reclamando que ele não paga suas contas. Briga com ele, que desconta os maus tratos nos funcionários.

- Disso eu sei. E depois vem, mansinho, pedir desculpas. Também aconteceu comigo.

- E quem é a amante dele? A senhora deve conhecê-la.

- Tem idade para ser sua filha. Dizem que a primeira vez que o consultou era uma pobre coitada. Hoje, vem visitá-lo dirigindo um carro do ano. O porteiro a trata como se fosse sócia da clínica, acredite o senhor...

As intrigas corriam soltas pelos corredores da casa de saúde.

Assim corriam os dias, até que Floriano resolveu pedir ajuda a um amigo, médico competente com o qual convivia no local de trabalho. A prescrição que recebeu adormeceu o corpo, mas não amenizou a dor que a culpa provocava em sua alma.

"Como posso dizer ao meu filho que a mulher com quem deseja casar é sua irmã? A covardia me impede de dizer a verdade."

Floriano desfaleceu, dopado por tranquiliantes que lhe tolhiam a vontade. Logo depois despertou, para ser atacado pelas mesmas dúvidas. Era um sem-fim de sofrimentos.

Dona Coralina e Constância, sua filha, ausentaram-se novamente. Retornaram à capital para prosseguir com o tratamento médico que tanto ajudara Coralina a recuperar a saúde. O grupo do qual faziam parte prosseguiu com o trabalho espiritual, mesmo sem a presença das duas. A espiritualidade continuou a ajudar quem batia às portas do modesto salão de orações.

63

Desastres de amor

Floriano, doente, ausentava-se do consultório. Roselina ressentia-se da falta de dinheiro, mas não se atrevia a procurá-lo no lar. Seria desmascarada por René, de quem dependia para que seu plano alcançasse o sucesso.

O dinheiro que extorquia do médico lhe fazia muita falta. A fortuna que exigiu lhe foi negada. Aflita, agitava-se, revoltada. Não contava com a ausência de Floriano. Em alguns instantes receberia a visita de René. O que fazer? Precisava arquitetar um plano, uma saída para aquela dificuldade inesperada. Tudo podia vir abaixo se não se precavesse. Era preciso muito cuidado.

René sentiu-se obrigado a revelar a Roselina que seus pais eram contrários ao namoro. Depois de hesitar muito, confessou que desejavam que se casasse com outra jovem, que consideravam a melhor escolha para sua felicidade.

Roselina já desconfiava que isso fosse acontecer, mais cedo ou mais tarde. Calculista, estava preparada para enfrentar a dificuldade.

Depois de ouvir atenciosamente o rapaz, expressou argumentação anteriormente preparada para induzi-lo na direção de seus intentos. Disse que já esperava por isso e que não condenava o médico.

- Ele quer o melhor para você, René. Está certo de que pode manobrar sua vontade. Para ele, você ainda é uma criança que precisa ser guiada. Suas escolhas não são suficientemente boas, na opinião de seu pai. Quer seu casamento com aquela que, entende, vai se submeter a todas as suas vontade. Essa deve ser também a vontade de sua mãe, que admira a religião dos espíritos.

- Roselina, eu sabia que você entenderia a posição deles. Fiquei com muito receio de magoá-la.

- Meu amor, é claro que não estou me sentindo feliz por ter sido rejeitada por seus pais, mas compreendo como se sentem. Eles viveram toda sua existência nesta cidade. São respeitados, são conhecidos e conhecem a todos. Nós chegamos aqui outro dia, somos estranhos. Não me queira mal, mas eles são provincianos. Querem viver sua vidinha sem perturbações. Se você se casar com aquela que eles escolheram, continuarão a mandar em você.

- É verdade. Constância é tão submissa...

- Esse é o nome dela? Pobrezinha, deve estar iludida com a ideia de que vai se casar com você. Ela frequenta sua casa?

- Ela e a mãe estão sempre por lá.

Roselina respirou fundo e, num gesto teatral, levantou-se e abraçou René. Foi então que explicou que estava cansada do interior, queria retornar à capital. Lá, sugeriu, o jovem poderia procurar um emprego, viver independente do pai. Sua quali-

ficação profissional era excelente, ganharia muito bem e teria novas experiências.

- Pense bem. Qual é o seu papel na administração dos negócios de seu pai?

- Bem, acompanho tudo o que acontece nas plantações.

- René, meu amor, reconheça: você não passa de um apontador. Você anota o que acontece e dá contas a seu pai. É apenas o filho do dono. Na clínica, não tem vez. Não é médico. Você mesmo costuma dizer que não pode ver sangue. O que faz nesta cidade? Está perdendo seu tempo...

René vacilou. Andou pelo quarto, refletiu pausadamente. Seu comportamento demonstrou que não aceitaria a proposta. Estava preso aos pais pelos laços da gratidão, do afeto, sem considerar os vínculos de encarnações pretéritas.

Roselina, inspirada pelas sombras, reforçou a argumentação:

- É por pouco tempo. Serei sua! Quero viver o amor nos seus braços! Retornaremos casados, e sua família aceitará nossa união. Você voltará ao convívio de seus pais em novas bases. É preciso impor-se, René! Não seja fraco. A vida inteira você fez a vontade deles. Agora é sua vez! O que quer? Que eu vá embora e o deixe, até que um dia, que Deus me perdoe, a vida deles se acabe e você fique sozinho, amargurado pela perda do amor que lhe dediquei? Sabe muito bem que nunca me entreguei a ninguém e só serei sua depois do casamento.

René sucumbiu à vontade de Roselina. Ela o convenceu.

- Está certo, é por pouco tempo. Em breve retornaremos, casados, felizes. Uma vida nova vai começar. Assim que chegarmos à capital, telefonarei a meus pais, avisando que estamos bem.

- Minha mãe pode nos acompanhar? - perguntou Roselina. - Ela não consegue ficar longe de mim. Meu pai permanecerá em casa, repousando até sentir a restauração de suas forças.

- Faça como quiser, meu amor. Não me incomodo. Sua mãe é um amor. Faz todas as minhas vontades. Até me sinto parte da família.

- Agora nós somos uma família de verdade. Vou para casa, fazer minha mala. Levarei apenas o necessário. Lá compraremos o que for preciso.

- Nós seremos felizes?

- E você tem dúvida, meu amor? Nosso grande momento está chegando. Você ainda me quer? Serei a noiva mais linda, mais adorável, mais desejável que passou pela Terra.

- Com todas as forças da minha alma. Não duvide disso, Roselina. Eu quero que você seja minha, só minha.

- Pois, então, vamos viver a nossa vida.

René se despediu e partiu em seu carro. Roselina ainda estava apreensiva. Um pressentimento a incomodava: parecia que alguma coisa naquele arranjo poderia não dar certo.

"Mas, pensando bem, o que pode acontecer? René concordou em partir. Tenho o herdeiro da fortuna de Floriano em minhas mãos. Quando estiver casada, quem poderá me negar o direito à metade da herança de meu marido? A lei é bem clara. Ficará até mais fácil para Floriano desembolsar tanto dinheiro. Vou embora, abandono René e, em contrapartida, saio carregada de dinheiro."

O golpe estava delineado na mente de Roselina.

64

Paixão desenfreada

A caminho de casa, René dirigia o carro, mas não era capaz de direcionar os pensamentos. Sentia-se infeliz, atormentado. Desejava Roselina, mas não queria magoar os pais.

"Meu Deus, vai ser difícil para minha mãe. Meu pai doente, as coisas reviradas. Mas o que fazer? Mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer. Sou adulto, dono da minha vida. O dinheiro de que disponho é suficiente para vivermos um ano sem preocupações. Roselina é a mulher dos meus sonhos. Quero ser feliz! Essa é a minha oportunidade. Com a minha experiência, posso arranjar trabalho bem remunerado."

Mas, à parte o raciocínio lógico, a consciência lhe cobrava a dívida de afeto que tinha para com os pais.

"Devo tanto a meus pais... Como posso abandoná-los? Que fazer?"

Ele oscilava entre o desejo que sentia por Roselina e o amor que devotava a Mônica e Floriano, seus pais nesta existência.

Ao adentrar o lar, ouviu vozes na sala de jantar. Às ocultas, observou o que acontecia. Constância dava vazão à mediunidade e recebia um espírito protetor. Era Belinha. Ao seu lado, a mãe a sustentava na delicada tarefa. Mônica observava, atenta.

- Irmãos queridos. O mundo dos espíritos compreende também povoamentos de almas sofredoras, que engendraram o próprio inferno, no qual sofrem tormentos terríveis. Muitos se ocupam ainda em vingar-se daqueles que os conduziram à perdição e agitam-se na Terra junto das almas que desejam levar à loucura.

Mônica percebeu a presença de René e o convidou a participar da reunião. O jovem concordou e se acomodou, disposto a ouvir. A entidade prosseguiu:

- Aqueles que não se preparam para a grande viagem são surpreendidos pelo que encontram do outro lado da vida. Quem se deteve no bem, no amor e na fraternidade, é gratificado com moedas de paz e de luz. Quem se perdeu na contemplação exclusiva da materialidade, sofre penosos revezes. Paciência diante das dificuldades. Fé em Deus quando não está ao nosso alcance mudar o rumo da dor. Bons espíritos auxiliam sempre aqueles que não hesitam em caminhar para Deus. Caridade, solidariedade, compreensão. Nunca se arrependerão, meus amigos! Muita paz!

Ao termino da reunião, René não escondeu seu descontentamento. Para ele, tudo não passava de uma farsa.

- Onde está meu pai? - perguntou, visivelmente preocupado.

- Ele repousa no quarto, meu filho. Não está bem.

Dona Coralina e a filha acercaram-se de René, que se sentiu contrariado por aquele inesperado contratempo.

- Me deixem em paz, por favor!

- Meu filho, queremos o seu bem.

Carinhosa, dona Coralina o envolveu em seus braços. Constância observava, sem pronunciar uma palavra sequer. Mas, em pensamento, orava pela felicidade do rapaz:

"Pai Celestial, abençoe René. Ajude-o, Senhor, a reencontrar a paz da consciência. Livre-o, Pai, dessa influência maligna que deseja arrastá-lo para o sofrimento. Piedade, Senhor!"

- Chega! Acabou! Tudo isso não passa de encenação. Enganam meus pais, mas não convencem a mim!

Mônica não acreditava no que ouvia.

- Meu filho! Que desrespeito é esse?

René, intimidado, beijou a face da mãe e se despediu.

- Me perdoe, mãezinha, preciso ir. Não me leve a mal, mas é o que sinto no coração. Você me ensinou que não devemos enganar ninguém, que é preciso falar a verdade. A verdade é que eu não acredito em nada disso e quero ficar bem longe dessas duas aproveitadoras.

Constância chorou sem parar. A médium que servia de instrumento dócil para a manifestação dos espíritos sentia que, naquele instante, tudo que ouvira, nas muitas reuniões de que participara, lhe valia de arrimo. A maior caridade, perante Deus, era sem dúvida, aquela: a que recebia como paga a ingratidão.

65

Saúde abalada

Mônica desculpou-se pela atitude do filho. Dona Coralina também era mãe e compreendeu seus sentimentos. Constância procurava se refazer.

- Dona Mônica, desculpe, mas o doutor Floriano não está passando bem. Venha depressa! - avisou a fiel governanta da casa.

Entraram no quarto e surpreenderam o médico descontrolado, inconsciente, a gritar:

- Não, Roselina, não faça isso. Você quer me matar de desgosto? Pelo amor de Deus, pare com isso!

Depressa, Mônica pediu socorro médico. Floriano, profissional dedicado, sempre pronto a atender quando chamado em casos de emergência, agora era a vítima que necessitava de amparo urgente.

René não sabia que o pai capitulava e estava quase pronto para partir. A resistência de Floriano chegava ao final. Desesperado, agitava-se na cama, transpirava por todos os poros.

Quando abriu os olhos, revelou um olhar paralisado pela dor. Tomado pela obsessão, estava bem perto do fim.

- Minha filha, não me atormente mais! Já paguei pelo meu crime! Aprendi minha lição! Me perdoe!

O delírio de Floriano prosseguia. Mencionava pacientes, medicações, instruções ao laboratório... Entre gemidos, pareceu, por um instante, pronunciar uma prece. Por instantes aliviado, o médico retomou, logo em seguida, o delírio.

Foi quando deixou escapar o segredo que, por anos, levou encravado em sua alma:

- Mônica não pode saber que fui amante de Carla. Se ela descobrir, vai me abandonar. O que vou fazer sem ela? Seu coração não vai aguentar saber que Roselina é minha filha com Carla... Meu Deus, me ajude...

- Não pode ser! É um delírio! Não pode ser verdade! Agora entendo tudo que aconteceu anos atrás... Era ela, então! A moça que seduziu René é a filha de Carla!

Mônica, revoltada, não escondia o desespero. A governanta, que servia o casal há anos, ficou chocada com a revelação e juntou seu pranto ao da patroa.

Constância, fragilizada, não resistiu. Derramou-se em desespero. Apenas dona Coralina manteve-se serena, em prece fervorosa. Pedia a Deus que não abandonasse o casal, tão necessitado de amparo espiritual naquele momento revelador.

A sirene da ambulância prenunciou a chegada do médico e dos enfermeiros.

66

Vítima de si mesma

Conforme o combinado, Roselina, acompanhada de Margarida e de sua volumosa bagagem, aguardava a chegada de René no hotel-fazenda onde combinaram encontrar-se.

"Ninguém vai nos localizar aqui. É melhor evitar surpresas. Nunca se sabe o que pode acontecer", pensava Roselina.

No quarto reservado às duas, a moça sentiu um estremecimento na alma. Alguma coisa a perturbou. Um estranho sentimento agitava seu ser. O que acontecia? A chantagista examinou seus passos, um por um.

Tudo correra bem. René acreditara nela, queria sua felicidade. Abandonou os pais para entregar-se ao seu amor. Era justo enganá-lo dessa maneira? Roubar-lhe a mocidade e destruir suas esperanças em consequência de atos impensados? O que poderia acontecer se ele descobrisse a verdade? Nunca a perdoaria, poderia enlouquecer, perder a razão por completo.

No coração de Roselina, duas forças se confrontavam: o bem e o mal. Quem venceria?

"Meu Deus, o que faço? É um crime contra Deus! Seduzo meu próprio irmão! Eu o amo de verdade, mas não como amante, não, isso não pode ser! Eu sinto ternura por ele, quero o seu bem!", pensava ela, debatendo-se consigo mesma.

"Mas, é impossível desfazer tudo. Nada mais posso fazer, a não ser aguardar o rumo das coisas. O que fazer? Ah, como eu desejaria voltar atrás... Por que não me contentei com o dinheiro que meu pai me deu?"

Uma nova mulher parecia surgir daquela que um dia foi Roselina, cruel e impiedosa, a chantagista a serviço exclusivo dos próprios interesses.

- *Ela ouviu nossa inspiração. Queira Deus que volte atrás em seus planos e afaste-se da vida de René e de seus pais. Continuemos em oração. Seu livre-arbítrio é que vai demarcar o caminho que irá seguir* - disse um espírito familiar, que se apresentava no ambiente acompanhado de outras entidades benfeitoras.

Roselina não queria mais iludir o jovem apaixonado. Ele não merecia um destino tão cruel.

- O que foi que eu fiz? Como pude descer tanto? Por que, meu Deus, não me contentei com o dinheiro que arranquei do meu pai? Desperdicei uma fortuna e agora me arrisco a perder tudo, até a razão de viver! Entregar-me a meu irmão, aos desejos que despertei nele... Não posso fazer isso! É contra as leis de Deus! Nenhuma fortuna vai me compensar de um crime tão grande!

67

Coração partido

Os médicos preferiram não remover Floriano de imediato. A medicação amenizou seu sofrimento. Ele passou a respirar com mais vagar, de maneira cadenciada. Mas não demorou muito e as convulsões retornaram, mais acentuadas. Restavam-lhe alguns instantes na Terra.

- Floriano, como pôde agir assim? O que fizemos para merecer tanta infelicidade? Você foi amante de Carla e escondeu Roselina de mim durante tanto tempo! Eu, que o amei tanto!

Mônica chorava e se lamentava. Aqueles que a rodeavam preferiram deixá-la a sós com o marido. Apenas a enfermeira permaneceu no quarto, com instruções para agir em caso de emergência. No quarto ao lado, o médico que atendia Floriano, dona Coralina, Constância, a governanta e um enfermeiro aguardavam os acontecimentos.

- Ela sofre muito - disse a governanta.

- Minha filha, o maior sofrimento é a ignorância. Agora ela sabe por que o marido adoeceu. Era o remorso que o perturbava.

Um dia se casaram para partilhar a felicidade e o sofrimento. Hoje, dividem a dor, que, amanhã, se converterá em compreensão, ajustamento e felicidade.

- A senhora fala muito bem, dona Coralina - respondeu a governanta.

- Mais importante do que falar bem é vivenciar bem as ocorrências que a divina providência coloca em nosso caminho. Vamos orar, pedir a Deus que Mônica perdoe Floriano. Que os dois possam reconciliar-se diante de Deus.

- Mamãe, e René? - perguntou Constância.

- Confie em Deus, minha filha. Vamos dirigir nossas orações ao rapaz e pedir que Deus o abençoe.

A enfermeira que cuidava de Floriano abriu a porta subitamente. O estado de saúde do médico agravara-se. Exigia equipamentos de que não dispunham naquele local.

Floriano foi removido para o hospital. Mônica o acompanhou, fiel ao compromisso um dia assumido - "Juntos na alegria e na tristeza, no prazer e na dor" -, e que cumpria por amor, não por obrigação.

Dona Coralina sentiu que o casal iria se entender no derradeiro momento daquela união carnal. Floriano precisava retirar da alma o peso que o impedia de alçar voo ao infinito. Mônica estava diante de uma prova de valor inestimável: era o momento de testemunhar Jesus, perdoar aquele que lhe faltara com a fidelidade e assim ganhar a altura espiritual reservada aos justos.

68

Dúvidas

Depois de abastecer o carro, René partiu ao encontro de Roselina e Margarida. Durante o caminho, refletiu sobre a gravidade da situação.

"O que está feito, está feito. Meus pais talvez não entendam minha partida. Vou recomeçar a vida da estaca zero. Na capital, muitas oportunidades me aguardam. Na companhia dessa mulher maravilhosa, encontrarei forças para vencer. Formaremos um belo casal e, quando as coisas estiverem bem definidas, teremos um filho. Meus pais me perdoarão quando tiverem um neto..."

René consolava-se projetando suas esperanças no futuro. Desconhecia a terrível armadilha que lhe armara o destino. Roselina, a mulher encantadora que o seduzira, era a isca que ele, desavisado, mordera com apetite. Agora só lhe restava sofrer.

No entanto, Deus não desampara ninguém. As orações fervorosas daqueles que o amavam o envolviam em novos eflúvios espirituais. Entidades benfeitoras, que aguardavam a

oportunidade de ajudá-lo, puderam inspirá-lo a rever o rumo a que o empurrava uma paixão desvairada.

"Mas espere... por que fugir de casa? Que mal cometi para desabalar pela estrada como um criminoso? Pareço mais uma criança assustada do que um adulto em busca da felicidade. Deveria impor minha vontade aos meus pais. Argumentar com base na razão e não me entregar, abalado, na primeira discussão. E se Roselina estiver errada? Perderei a felicidade que tenho nas mãos em busca de uma ilusão... O que faço? Estou louco?"

René questionava a si mesmo. Era impiedoso naquela inquirição.

No hotel, correu na direção do quarto. Quando entrou no ambiente, a dúvida o perseguia. Não era mais um marionete manobrado por Roselina. Era um homem disposto a decidir o próprio futuro.

69

Agonia

No hotel, Margarida pediu licença e deixou o quarto. Sozinha, Roselina entregou-se ao desespero. O tempo passava e René não aparecia.

"Será que ele desistiu? Não pode ser, é demais... Estou perdida. Sem dinheiro, cheia de dívidas..."

Alucinada, e de imaginação fértil, Roselina procurava justificativas para a demora de René.

"Deve ter havido um acidente. Ele perdeu o controle do carro, mas está bem, já vai chegar. Mas... pode estar morto! Por minha causa! Não quero carregar essa culpa. Já sei, é isso, ele vai adiar nossa viagem. Daqui a alguns minutos o telefone vai tocar. Vai pedir tempo, precisa refletir melhor. As coisas podem se complicar para o meu lado se isso acontecer. Em último caso, direi que meu pai está muito doente, precisa ser internado na capital, peço um bom dinheiro para ele e abandono a cidade."

Preocupada com a sobrevivência, Roselina preparava um plano de fuga.

"E se não for nada disso? E se Floriano contou toda a verdade ao filho? René, dominado pela indignação, pode tomar de uma arma e me matar, a mim e a Margarida. Preciso fugir, mas não tenho dinheiro nem para pagar o hotel!"

Roselina estava aflita, completamente descontrolada. Na mesa do quarto, uma garrafa de bebida foi aberta. Ela retirou um frasco da bolsa. Seus olhos brilharam quando contemplou as cápsulas contidas na embalagem. Um choro convulsivo desprendeu-se de seu peito. Amava René, mas sabia que era um amor impossível, uma união condenada por Deus.

"É um incesto. Para quê continuar com essa farsa? Preciso acabar com essa união pecaminosa."

Olhando para o vazio, Roselina decidiu o que considerava o melhor para René e para ela mesma.

70

Visita da morte

O hotel estava quase vazio. Encaminhado pela recepcionista, René seguiu na direção do quarto onde Roselina o aguardava. Quase sem fôlego, penetrou no ambiente e contemplou o amor de sua vida.

- Roselina querida, que bom ver você!

- O que aconteceu, meu bem? Por que demorou tanto?

Roselina disfarçou a agonia que a perturbava. Sentia que o coração batia descompassado e que o suor brotava de sua face, diluindo a doce exalação do perfume que usava.

- Não foi nada. Visitas em minha casa tomaram o meu tempo. Está tudo bem.

René parecia constrangido. Não estava em boas condições físicas. A vontade de partir, de começar vida nova na capital, desaparecera de sua mente.

A intenção de mudar o rumo de sua vida arrefeceu mais ainda quando observou cuidadosamente a expressão aflita de

Roselina. Parecia muito insegura. Não lembrava, nem de longe, a mulher tão resoluta a quem tanto admirava.

"O que aconteceu? Meu pai estava certo? Sou vítima de um golpe?"

- Vamos beber algo, Roselina. Quem sabe a bebida nos ajude a relaxar um pouco.

René pretendia descobrir o que se passava no íntimo daquela mulher, que, agora, lhe parecia uma estranha. Então recordou um velho hábito de sua família: partilhar, com a amada, a mesma taça de bebida. Estendeu aquela que tinha em suas mãos na direção dos lábios de Roselina.

Ela recuou. Recusou o brinde. Uma agonia terrível lhe consumia a alma. O que fazer? Sentia-se como uma fera acuada por cruel caçador.

"Ele adivinhou minha intenção. Descobriu tudo. Estou perdida!"

René insistiu:

- Beba, meu amor. É sua bebida preferida. Vai lhe fazer bem.

- Não!

Um grito terrível ecoou pelo ambiente. Roselina recusou-se a aceitar o oferecimento. Em seguida, sem medir as consequências, abandonou o quarto, com tanta presteza quanto lhe possibilitavam as pernas, na direção da varanda. Queria fugir daquele que imaginava conhecer o seu segredo e a condenava à morte.

Desequilibrada, foi ao encontro do baixo gradil, que não deteve a queda livre de seu corpo na direção da rua.

71

Ação e reação

Roselina caiu do apartamento, tresloucada, como se fosse empurrada por mãos invisíveis. Os empregados do hotel a acudiram. Margarida foi atraída pelos gritos.

- Jesus! É Roselina! O que aconteceu?

A velha senhora ajoelhou-se em lágrimas diante daquela que estimava tanto e que, naquele instante, mais do que nunca, necessitava de seu carinho.

- Que Deus a abençoe, filhinha... - Margarida a envolveu com todas as forças do coração.

René, desesperado, compreendeu que o mal estava feito. Tomou a jovem nos braços. Roselina esforçou-se para pronunciar as palavras que lhe brotavam da alma:

- René, me perdoe. Perdão! Foi um acidente, você não teve culpa...

Foi sua derradeira manifestação naquela existência, presenciada por todos que a rodeavam, comovidos com a sua ternura. Roselina partiu para o outro mundo.

- Pobre mulher... - comentou uma arrumadeira do hotel.

- Pobre de nós, quando os jornais noticiarem sua morte. Muita gente vai cancelar sua estadia no hotel - disse o gerente, preocupado com as consequências financeiras da trágica ocorrência.

René a abraçou, beijou seu rosto, sentiu que o calor abandonava a face sem vida. A dor agigantou-se em seu coração.

- Meu Deus, o que aconteceu? Que fazer?

Sem esperar resposta, caminhou na direção do carro e retirou-se daquele cenário de morte. Dirigiu a esmo, sem saber que destino seguir.

"A morte é o fim de tudo? Que destino aguarda Roselina? Não existe mais? Será que ela ainda vive, em outro lugar? Os espíritos existem? Meu Deus..."

Qual viajante sem rumo, René acelerou até onde podia. Queria perder-se nas estradas. Arriscava a vida como se quisesse encontrar-se com a amada, que partira rumo ao desconhecido.

- Roselina, o que aconteceu com nosso amor?

72

A volta do filho pródigo

Largado no acostamento, o carro de René esperava o condutor recuperar-se para prosseguir. O motorista, no entanto, recobrou a razão. Só desejava voltar para casa. Sentia falta do abraço amoroso da mãe, que, desde a infância, sempre lhe servira de arrimo nas aflições.

Queria esquecer o pesadelo que presenciara no hotel. Partiu na direção do lar, como alguém que retornava depois de fracassar em terrível batalha. A saudade dos pais avassalava seu coração.

"Como pude pensar em abandoná-los? Para onde foi minha razão?", culpava-se, vítima do remorso.

Ao entrar, encontrou a casa vazia.

- Pai! Mãe! O que aconteceu? Onde estão todos?

Uma empregada atendeu seu chamado.

- Estão no hospital, seu René.

- Meu pai não está bem?

- Ele passou muito mal. Dona Mônica foi junto, na ambulância. Dona Coralina e sua filha seguiram de carro. Já avisamos a irmã do doutor Floriano. Ela está a caminho.

Novamente no carro, René desembestou, qual animal ferido, rumo ao hospital da cidade.

"Sou um filho ingrato. Abandonei meu pai na hora em que ele mais precisava de mim", acusou-se.

Ao chegar ao hospital, deixou o veículo à porta do pronto-socorro, surdo aos gritos do segurança:

- É proibido estacionar aqui! É passagem das ambulâncias! Não viu a placa?

Conduzido ao quarto onde o pai agonizava, René sentiu, mais uma vez, no mesmo dia, a presença da morte.

- Calma, meu filho. Sua mãe está se recuperando. Mostre que você é forte. Seu pai já esteve pior. Foi medicado. Seus bons amigos, colegas de profissão, o socorreram com todos os recursos da medicina. Agora está nas mãos de Deus - explicou dona Coralina, amparando René como um filho.

Floriano deu mostras de recuperação. Abriu os olhos. Deparou-se com René.

- Meu filho! Que felicidade! Não se entristeça por minha causa. Faça o que for melhor para você. Sou médico, sei que não vou durar muito. Não quero adiar minha partida. Me deixem morrer em paz, na companhia daqueles a quem devotei minha vida.

René comprimia o peito e continha o pranto que, logo mais, viria à tona.

73

A partida

Ao amanhecer, a cidade recebeu a triste notícia de que seu venerável benfeitor encontrava-se às portas da morte. Dezenas de pessoas, beneficiadas por sua caridade, oravam pela salvação daquele que tantas provas de solidariedade lhes dera. Nas portas do hospital, uma pequena multidão se agitava.

- Ele não pode morrer! - gritou um daqueles que se considerava vivo graças às consultas e medicações recebidas gratuitamente por intermédio de Floriano.

- É sempre assim: a bondade vai embora e a maldade do mundo fica para nos atormentar! - Uma senhora, outra beneficiada pela caridade de Floriano, não se contentava com a informação.

Olhos abertos, o médico contemplava René. Era a hora da despedida. Parou de respirar. Atendendo a seu pedido, nenhum equipamento foi acionado para sustentar, artificialmente, a vida de seu corpo.

"Quero morrer na hora certa. Quando chegar a minha hora, não impeçam a minha partida", costumava pedir Floriano aos colegas com quem partilhava o trabalho na clínica.

- Guardem esses recursos para outros, mais necessitados - foram suas palavras, dirigidas aos colegas, que respeitaram seu pedido.

Mônica agarrou-se ao corpo sem vida. René a consolou:

- Mãe, ele não morreu. Papai mudou para o mundo dos espíritos...

Horas atrás, René perdera Roselina. Agora, perdia o pai. As palavras que dirigiu à mãe foram planejadas para consolar aquela que tanto amava, mas não foram pronunciadas com fervor. A certeza da eternidade da vida ainda não era, para René, uma convicção.

Constância aproximou-se daquele que um dia a elegeu sua amada para todo o sempre. Abraçou-o ternamente. René sentiu-se perdoado. Queria retratar-se da injustiça que cometera. Pediu perdão. Tentou explicar o que ocorrera, mas Constância fez um sinal para que se calasse. Como se dois corações que se reencontrassem depois de longos anos de ausência, os dois se entrelaçaram carinhosamente. Um longo beijo selou o pacto de amor.

Recolhidos na capela do hospital, Mônica, René, Coralina, Constância e amigos devotados de Floriano juntaram-se em prece. Constância, inspirada, falou por todos e agradeceu a piedade de Deus, que os ajudara, naquele momento dramático, a entender que a vida do corpo é transitória, um empréstimo divino que, um dia, é devolvido à terra....

74

Cristo ainda espera por você

— Deus nos abençoe. Que a sua infinita bondade nos auxilie a caminhar ao longo dos tempos sem recair no mal. Pai celestial, que a Tua paz, a Tua excelsa virtude nos alcance a todos. Que tenhamos forças e sustentação para prosseguir, saldar dívidas do passado e preparar o terreno para a evolução da nossa alma...

Carlota visualizou seres iluminados ao seu redor. Deus não lhe negava a ajuda de que tanto carecia. Alguns espíritos se destacaram e a envolvem em fluidos calmantes.

- Floriano! Mônica! René! Constância! Onde está Roselina?

O grupo silenciou, sorridente.

- Um dia, Carlota, você foi Roselina...

Zéfiro, o venerando mentor, surgiu diante de seus olhos. Carlota o contemplou, admirada do seu fulgor.

- Compreendo. Fui abandonada por meu pai. Mas por que preciso suportar outras provações? - perguntou Carlota.

- Sim, filha querida. Nós presenciamos apenas as lembranças de Floriano. Ele, no entanto, ignorava que você não era filha dele.

- *Não compreendo...* - Carlota ainda desconhecia a verdade.

- *Carla, a vidente, a médium exploradora das dores alheias, guardava em sua casa animais perigosos. Um deles, que usava em suas poções, picou a filha de Floriano quando esta ainda se encontrava no leito, ao lado da mãe. Essa menina era Belinha, o espírito que tanto se manifestou a Floriano nas reuniões espíritas às quais comparecia.* - esclareceu o mentor.

- *E quem era a mulher que se fazia passar pela filha de Floriano?* - quis saber Carlota, que um dia fora Roselina.

- *Logo depois da morte da filha de Carla, Margarida e o marido, com uma boa quantia de dinheiro em mãos, encorajaram-se a receber um filho em seus braços* - elucidou Zéfiro.

- *Foi você, Carlota, que nasceu dessa união. Margarida, sua mãe, muito ambiciosa, a convenceu de que era filha de Floriano. Ainda criança, você assimilou essa mentira como verdade. Vê-se o que aconteceu depois* - complementou o mentor.

- *Meu Deus! Perdão!* - implorou Carlota.

- *Não se aflija, Carlota. Em breve, Floriano vai reencarnar e a receberá como filha querida* - revelou Zéfiro.

Perto dos dois, Floriano confirmou as palavras do mentor.

- *Tudo está previsto. Você vai abraçar o Espiritismo e será portadora de uma mediunidade diferenciada, que usará em favor dos sofredores da alma e do corpo. Nessa missão, pesados débitos que contraiu serão liquidados. Com a ajuda de Deus, além de compensar aqueles a quem prejudicou e ajudar a outros tantos, terá a oportunidade de praticar ilimitada caridade, que lhe abrirá as portas do edifício da felicidade. Nessa existência, você habitará o corpo de um homem* - completou Zéfiro.

75

Últimas revelações

— *Além de Roselina, você também foi Carla, a vidente* - continuou Zéfiro, surpreendendo Carlota.

- *Quando desencarnou, você continuou seguindo de perto Margarida e seu marido. Foi essa obsessão que a levou a reencarnar como filha dos dois. Assim, você foi Roselina. Isso explica por que os sentimentos paternais de Floriano não afloravam quando a recebia em seu consultório. Em espírito, sabia que não era a filha que o visitava.*

Dominada pelo choro, Carlota sofria pelos erros cometidos. Foi então que Belinha surgiu e a abraçou, como quem destinava as melhores vibrações do coração a uma filha querida.

Na direção das estrelas, o grupo se dispersou silenciosamente. Mais uma vez confirmou-se a grandeza do Criador, infinitamente justo e misericordioso.

Fim



Honoré de Balzac (1799-1850)

Honoré de Balzac nasceu em Tours, na França, em 20 de maio de 1799. Foi o primeiro filho de Bernard François Balssa e de Anna Charlotte Sallambier, que também eram pais de Laure, Laurence e Henry.

Em 1814, a nomeação de seu pai para o cargo de diretor da Primeira Divisão Militar levou sua família a se mudar para Paris, à Rua de Temple, 122, no bairro de Marais. Em 4 de novembro de 1816, incentivado por seus familiares, iniciou o curso de Direito, e, três anos depois, graduou-se bacharel. Tornou-se escrevente de procurador, e, em seguida, tabelião. Na condição de advogado, acreditava que a monarquia constitucional, formada pela aristocracia, era o sistema de governo ideal para a França.

Em 1819, apoiado pela família, mudou-se para a Rua de Lesdiguières, 9, em Paris. Buscou o isolamento para transformar-se em um grande escritor. *Cromwell,* sua primeira obra, uma peça em versos, não foi bem recebida por seus familiares

e amigos. Mesmo assim, certo de que sua vocação o destinava à literatura, entregou-se de corpo e alma ao ofício de escrever, ao qual se dedicava cerca de 15 horas por dia.

Para manter-se desperto, bebia incontáveis xícaras de café. Seu café preferido era forte, quente e puro. As histórias sobre sua dependência da infusão tornaram-se lendárias. Exigente, o escritor fazia sua própria mistura de grãos: usava, principalmente, três tipos de café: mokka, *bourbon* e *martinique*. Na cozinha, uma cafeteira estava sempre pronta para ferver a água e passar café fresco, que ele mesmo preparava e do qual se servia ao exagero. O consumo do café, cada vez mais frequente e em maior quantidade, mostrou-se, com o passar do tempo, ineficiente para lhe proporcionar o tão desejado estado de vitalidade que necessitava para, durante a madrugada, transcrever para o papel uma torrente de ideias que borbulhava em sua mente.

Em sua correspondência e para quem se prestasse a ouvi-lo, dizia que trabalhava sempre, que dormia apenas cinco horas por dia, que não tinha tempo para se banhar, se vestir ou mesmo para fazer a barba: "Muito trabalho e pouco dinheiro". Para justificar tanto empenho, afirmava que pretendia "fazer com a pena o que Napoleão fez com a espada".

Na maioria das vezes, depois de escrever sem cessar durante a noite, Balzac servia-se de uma frugal refeição e banhava-se em água bem quente, em busca de alívio para as dores do corpo, cansado ao extremo pelo esforço ao qual se submetia continuamente.

Entre 1820 e 1824, publicou vários romances, assinando-os com os pseudônimos de Lord R'hoone e Horace de Saint-Aubin.

As obras não alcançaram sucesso, mas auxiliaram o autor a sobreviver e afiar o seu talento.

Em 1825, financiado por familiares, tornou-se editor, impressor e fundidor de caracteres - usados no sistema de impressão tipográfica. O empreendimento não prosperou: encerrou-se em 1827 e atolou o escritor em dívidas que, acumuladas a muitas outras, contraídas ao longo dos anos, foram causa de grandes transtornos e preocupações para Balzac.

A Bretanha em 1799, publicado em 1829, foi o primeiro romance assinado por Honoré de Balzac, incluído em A *comédia humana.*

Em 1830, com o lançamento de *Cenas da vida privada,* Balzac deu seu primeiro passo para o sucesso: considerado um escritor de valor, foi convidado a escrever para vários jornais.

Sua volumosa produção literária o transformou, segundo alguns estudiosos, em um "retratista enciclopédico". A *comédia humana,* de sua autoria, reúne 88 obras, composta de romances e contos. Seu primeiro volume foi publicado em 1842.

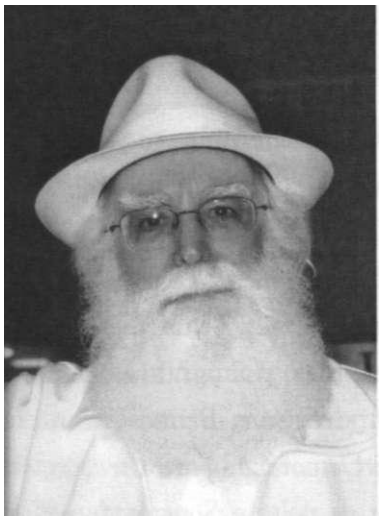
Em 1849, mesmo com a saúde debilitada, viajou para encontrar-se com Evelyne Hanska, rica aristocrata polonesa, com quem se correspondeu amorosamente durante 15 anos. Em março de 1850, o casal formalizou sua união.

Aos 51 anos, em Paris, no dia 19 de agosto de 1850, Balzac retornou à pátria espiritual. Foi sepultado no cemitério Père Lachaise, em Paris. O jazigo onde se encontram seus despojos é ornado por uma estatua de Augusto Rodin. Por ocasião dos funerais, Victor Hugo, o grande escritor francês, pronunciou

discurso de despedida, no qual ressaltou a importância do seu trabalho literário, talento e vigor de sua personalidade.

Antes de Balzac, outros romancistas franceses se destacaram - Rabelais, Prévost, Madame de Lafayette, Scarron -, mas foi por intermédio dele que o gênero firmou-se definitivamente, convertendo-se na leitura preferida das multidões.

Balzac foi o primeiro a levar para a literatura, com realismo e emoção, histórias que envolvem a riqueza, as transações comerciais e as heranças. Em sua obra, por meio de mais de 2.500 personagens, retrata, com fidelidade, a sociedade de sua época, expõe aquilo que se passava nos seus bastidores, descreve a ambição, o egoísmo, a frivolidade, a luta por prestígio e poder, a satisfação de desejos egoístas - nada escapou aos olhos de Balzac e ao registro de sua pena, movida por um gênio incansável.



Waldo Vieira

Waldo Vieira nasceu na cidade de Monte Carmelo (MG), em 12 de abril de 1932. Sentiu o despertar das percepções mediúnicas aos nove anos de idade, quando desdobrava-se em espírito. Na juventude, radicou-se em Uberaba (MG), onde graduou-se em Odontologia e Medicina. Nessa época, conheceu Francisco Cândido Xavier (1910-2002), que residia na cidade de Pedro Leopoldo (MG). Na companhia do médium, desenvolveu, em Uberaba, trabalho mediúnico que resultou na publicação de diversas obras, mensagens e estudos, entre os quais destacam-se os livros da Coleção do Espírito André Luiz: *Nosso lar; Os mensageiros; Missionários da luz; Obreiros da vida eterna; No Mundo Maior; Libertação; Entre a Terra e o Céu; Nos domínios da mediunidade; Ação e Reação; Evolução em dois mundos; Mecanismos da mediunidade; Sexo e destino; E a vida continua* (Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira).

Em 1958, Francisco Cândido Xavier, que se preparava para mudar de Pedro Leopoldo, psicografava capítulos de *Evolução em dois mundos.* Waldo Vieira, em Uberaba, também recebia, por via mediúnica, capítulos do mesmo livro, os quais, reunidos, formariam a obra.

Na condição de médium espírita, psicografou, sozinho, *Conduta Espírita,* do Espírito André Luiz, *Bem-aventurados os simples,* do Espírito Valerium, *De coração para coração,* do Espírito Maria Celeste, *Seareiros de volta* e *Sonetos de vida e luz,* de diversos espíritos (Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira); *Cristo espera por ti,* Espírito Honoré de Balzac, *Sonetos de vida e luz,* de diversos espíritos (Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita, IDE); *Sol nas almas,* do Espírito André Luiz, *Técnicas de viver,* do Espírito Kelvin van Dine (Uberaba, MG: Comunhão Espírita Cristã, CEC).

Certa ocasião, diante de uma fila que se formava em frente à Comunhão Espírita Cristã (CEC), em Uberaba (MG), Waldo Vieira revelou aos amigos que sonhara com aquela ocasião: "Eu vi todo esse pessoal aqui na fila, mas nós estávamos fardados". Depois, em espírito, o doutor Bezerra de Menezes explicou a natureza daquela visão: por volta dos anos 60-70, d.C, Eurípedes Barsanulfo era um general, perseguidor dos cristãos. Waldo Vieira fazia parte de sua milícia. Um dia, convertido, Eurípedes ordenou aos seus comandados: "Em nome de Jesus Cristo, deponham suas armas". Waldo Vieira foi um dos primeiros a atender à voz de comando. Barsanulfo, depois de várias encarnações, reuniu-se àqueles que um dia foram suas vítimas na cidade de Sacramento (MG), onde nasceu e, com abnegação, dedicou-se

a eles até o final de sua existência, quando desencarnou vítima de uma pandemia.

A Comunhão Espírita Cristã, localizada à Rua Professor Eurípedes Barsanulfo, em Uberaba, foi o local onde Chico Xavier e Waldo Vieira, durante incontáveis sessões públicas, receberam comunicações espirituais. Por vezes, nessas ocasiões, se alternavam no recebimento das mensagens. A escrita recebida por intermédio de um complementava aquela psicografada pelo outro.

Em 1966 mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro (RJ) e dedicou-se a estudar as experiências fora do corpo físico, o desdobramento espiritual, ao qual denominou "projeção da consciência".

Em 1979 lançou o livro *Diário de experiências fora do corpo humano.* É um dos fundadores do Centro de Consciência Contínua (1981) e do Instituto Internacional de Projeciologia e Consciênciologia, IIPC, (1988), sediados no Rio de Janeiro (RJ). Em *1986,* lançou *Panorama das experiências da consciência fora do corpo humano,* tratado de Projeciologia contendo 1.907 referências bibliográficas, procedentes de 37 países. A obra, base na qual Waldo Vieira fundamentou a ciência da Projeciologia e da Consciênciologia, foi doada para as principais bibliotecas do mundo.

Atualmente reside na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, e trabalha, em tempo integral, na elaboração da *Enciclopédia da Consciênciologia,* no Centro de Altos Estudos da Consciênciologia (Ceaec), instituição sem fins lucrativos, do qual é um dos fundadores.

Membro da Society for Psychical Research, de Londres (Inglaterra) e da American Society for Psychical Research, de Nova Iorque (Estados Unidos), é o autor de 700 *experimentos da Consciênciologia* (1994); O que é a Conscienciologia (1994); *Manual de Tenepes: tarefa energética pessoal* (1995); A *natureza ensina* (1996); *Máximas da Conscienciologia* (1996); *Minidefinições conscienciais* (1996); *Nossa evolução* (1996); *Consciênciograma: técnica de avaliação da consciência integral* (1996); J00 *testes de Conscienciologia* (1997); 200 *Teáticas da Conscienciologia* (1997); *Manual da dupla evolutiva* (1997); Manual *da Proéxis: programação existencial* (1997); *Manual da redação da Conscienciologia* (1997); *Temas da Conscienciologia* (1997); *Homo Sapiens Pacificus* (2007); *Manual dos Megapensenes Trivocabulares* (2009).

Em 2001 foi convidado pelo International Biographical Center, de Cambridge, na Inglaterra, a compor a lista dos intelectuais do Século 21.

Contato:
www.ceac.org
www.editares.com

Bibliografia

A. ESPIRITISMO

CÂNDIDO XAVIER, F. e VIEIRA, W. (médiuns psicógrafos). Pelo Espírito André Luiz. *Evolução em dois mundos.* 22. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira - FEB, 2004-

_____. *Desobsessão.* 9ª. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira - FEB, 1987.

KARDEC, A. O *Evangelho Segundo o Espiritismo. 2ª.* ed. São Paulo: Petit Editora, 1997.

_____. O *Livro dos Espíritos.* São Paulo: Petit Editora, 1999.

_____. O *Livro dos Médiuns. 2ª.* ed. São Paulo: Petit Editora, 2004.

_____. O *Céu e o lnfemo.* 40. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira - FEB, 1995.

_____. *Obras Póstumas.* 29. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira - FEB, 1999.

KÜHL, E. *Deus, espírito e universo.* São Paulo: Petit Editora, 2009.

MENEZES, A. B. *Loucura sob novo prisma.* 3ª. ed. São Paulo: Edições Feesp, 1992.

RODRIGUES, A. F. Como *vivem os espíritos.* 5ª. ed. São Paulo: Petit Editora, 1991.

VIEIRA, W. (médium psicógrafo). Pelo espírito Balzac. *Cristo espera por ti.* 9ª. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita - IDE, 1995.

_____. *Cristo espera por ti.* Edição crítica e comentada por Osmar Ramos Filho. Foz do Iguaçu: Editares.

B. INTERESSE GERAL

BALZAC, H. *Estudos de mulher.* Porto Alegre: L&iPM Editores, 2009.

_____. A *comédia humana.* RÓNAI, R (coord.). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947. (obra em 17 volumes)

RAMOS FILHO, O. O *avesso de um Balzac contemporâneo.* São Paulo: Publicações Lachâtre, 1994.

STEMMAN, R. *Reencarnação.* São Paulo: Butterfly Editora, 2005.

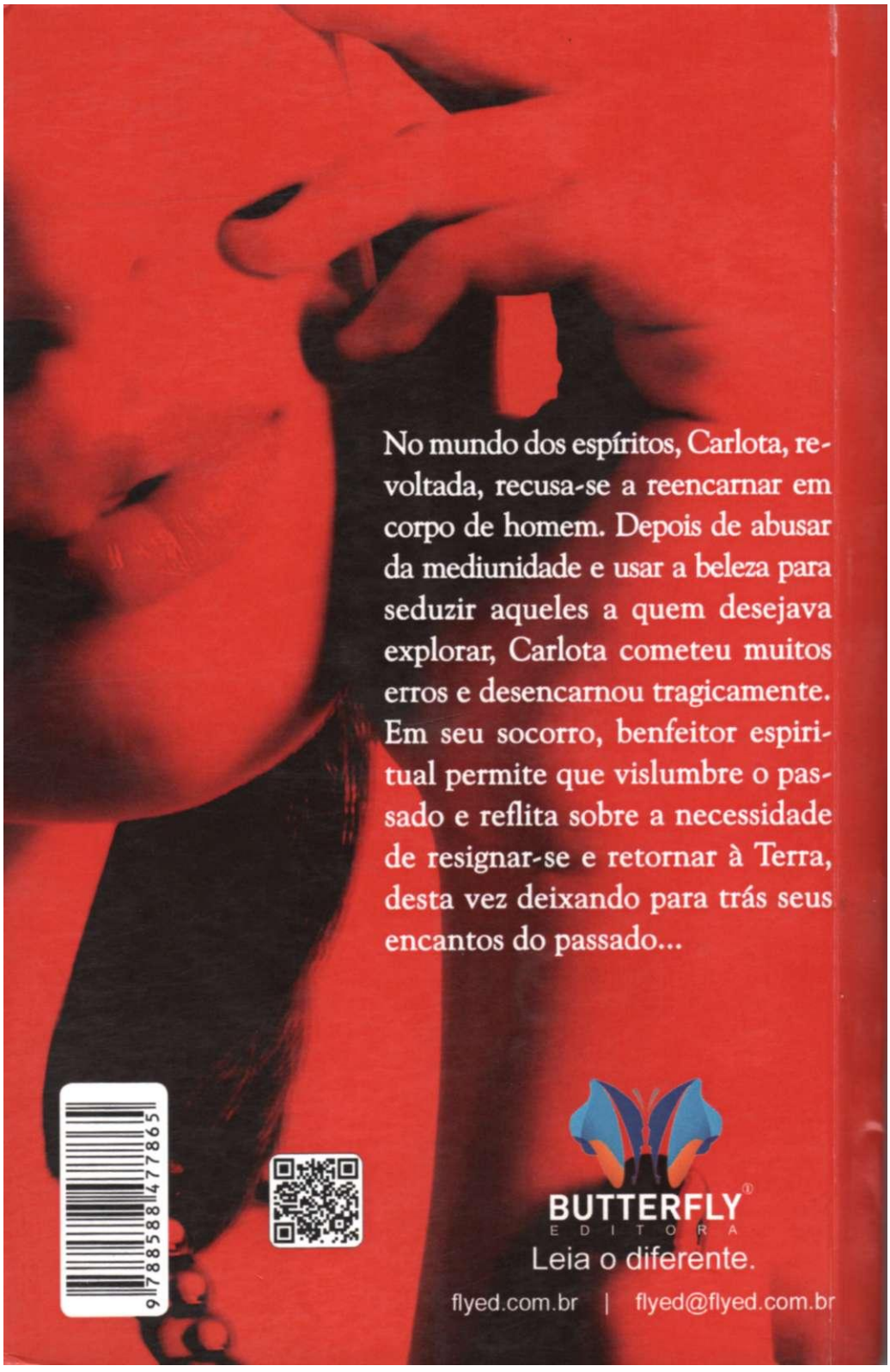
TAILLANDIER, F. *Balzac.* Porto Alegre: L&PM Editores, 2006.

WILLMS, J. *Balzac.* São Paulo: Editora Planeta, 2009.



AFONSO MOREIRA JR.

Conselheiro da Federação Espírita do Estado de São Paulo (Feesp), na qual colabora na condição de médium e palestrante.
É diretor-fundador do Grupo Espírita Geam, sediado no bairro de Santana, em São Paulo, Capital. Autor de livros paradidáticos, é editor do *site* www.jornaldosespiritos.com, jornal espírita da internet.
É apresentador do programa "Consciência Espírita", da Rádio Boa Nova (1450 AM), de Guarulhos (SP), que vai ao ar aos sábados às 16 horas. Profissionalmente, atua na área editorial.



No mundo dos espíritos, Carlota, revoltada, recusa-se a reencarnar em corpo de homem. Depois de abusar da mediunidade e usar a beleza para seduzir aqueles a quem desejava explorar, Carlota cometeu muitos erros e desencarnou tragicamente. Em seu socorro, benfeitor espiritual permite que vislumbre o passado e reflita sobre a necessidade de resignar-se e retornar à Terra, desta vez deixando para trás seus encantos do passado...

9 788588 477865

BUTTERFLY®
EDITORA
Leia o diferente.
flyed.com.br | flyed@flyed.com.br